

# PORTUGAL 2050 cenários e visão

## Entrevistas



# Índice

|                              |    |
|------------------------------|----|
| Guião                        | 3  |
| 01 — João Prata              | 5  |
| 02 — Marta Paço              | 10 |
| 03 — David Abreu             | 14 |
| 04 — Alfredo Sendim          | 20 |
| 05 — Nuno Lemos Pires        | 27 |
| 06 — Pedro Jordão            | 32 |
| 07 — Luís Fonseca            | 40 |
| 08 — Ana Maria Veiga Fonseca | 44 |
| 09 — André Simões            | 48 |
| 10 — João Madeira            | 55 |
| 11 — Rita Pureza             | 62 |
| 12 — Mariana Barbosa         | 67 |

# Guião

---

## Momento 00

### Pré entrevista

- Enviar antes da entrevista a brochura (ou relatório final se estiver disponível).
- Para públicos mais técnicos, explorar mais diretamente as megatendências (ex: “Como vê a evolução da inteligência artificial no seu setor?”).

---

## Momento 01

### Introdução ao Projeto

*Breve apresentação da equipa e do propósito da entrevista:*

*Estamos a explorar possíveis futuros para Portugal e o mundo até 2050, com base em tendências que já estão em curso hoje. **Queremos perceber como diferentes pessoas veem e sentem esses futuros — não só como especialistas, mas como cidadãos e cidadãs.***

***Não há respostas certas ou erradas.** O que nos interessa é a sua visão, sensações e interpretações pessoais.*

*Gostaria de pedir a sua **autorização para gravar esta entrevista.** A gravação poderá ser utilizada numa exposição da PLANAPP sobre Portugal em 2050 e a sua identidade será mantida anónima. Pode interromper ou retirar o seu consentimento a qualquer momento. Está de acordo com a gravação e utilização da sua voz para este fim?*

---

## Momento 02

### Ice-Breaker

01. Qual era a sua profissão de sonho quando era criança?
02. Quando pensa no futuro — 2050 — qual é a primeira imagem, som, lugar ou sentimento que lhe vem à cabeça?
03. Quando foi a última vez que sentiu que o mundo estava a mudar depressa demais?
04. Houve alguma mudança recente no mundo (tecnológica, social, ambiental...) que o/a tenha feito pensar: ‘o futuro vai mesmo mudar’?

---

## Momento 03

### Imaginação

Com base no relatório desenvolvido pela PLANAPP, imaginamos o que diria um jornal português em 2050 (colocar o áudio da notícia escolhida para esta entrevista). Agora vamos conversar um pouco sobre o que despertou em si.

05. O que acha desta manchete? O que sente em relação a esta notícia?
06. Acha provável de acontecer? (ex explorar: parece-lhe um futuro desejável, preocupante,

inspirador, estranho)

07. Se este futuro se tornasse realidade, que implicações teria no seu dia a dia? E na sua comunidade ou atividade profissional?
08. Quais prevê serem os maiores desafios que o país enfrentará?  
E oportunidades?
09. Quais acha que serão as principais mudanças no comportamento da população face a esta realidade?
10. Acha que a vida será diferente para mulheres e homens? Porquê? Haverá mais igualdade?

---

#### **Momento 04** **Imersão**

11. Como imagina a sua versão futura dentro desta visão do futuro? (ex: descreverem um dia no futuro, que serviços vão usar, o que vão fazer, comer, entre outros)
12. Em 2050, em que tipo de sociedade gostaria de viver? Que valores acha que devíamos cultivar até lá?
13. Se pudesse dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje — empresas, governos, organizações — qual seria?
14. Das nove megatendências apresentadas, quais considera que terão o impacto mais significativo no seu setor/área de atuação, e como se está a preparar ou antecipa preparar para esses impactos?
15. Qual é a coisa que mais a preocupa para a sua versão de 2050?  
E que coisa a/o deixa mais entusiasmada/o?

# 01 — João Prata

## Empreendedor

22 de maio de 2025

**Megatendências associadas:** 05. um mundo mais urbano, 04. evoluções demográficas emergentes, 03. diversificação e mudança dos modelos económicos

**Jornal:** “Startups verdes transformam lixo das cidades em energia limpa e criam 20000 empregos”

**Então, a primeira pergunta é, quando pensa no futuro de Portugal em 2050, qual é a primeira imagem, som, lugar ou sentimento que lhe vem à cabeça?**

2050, Portugal. Eu espero que existam um conjunto de coisas que se resolvem até lá, não é? Em 25 anos, tenho expectativa que a justiça funcione, tenho expectativa que a população seja mais feliz, eu acho que continuamos muito com o fado e portanto acho que as pessoas ainda estão muito agarradas a coisas não tão positivas e acho que vamos continuar a ser um grande destino turístico que nós temos locais incríveis.

**E quando é que foi assim a última vez que sentiu que o mundo estava a mudar assim um bocadinho depressa demais?**

Com a pandemia não?, a pandemia mudou tudo. Eu acho que a pandemia foi a prova que o mundo pode parar e que o mundo pode ter que alterar todas as formas de fazer as coisas.

Eu acho que esse foi o grande momento que foi de tipo, aquele momento em que a pessoa

se sente impotente e que os países se sentem impotentes e que afinal toda a tecnologia, afinal estamos todos fechados em casa. E depois de repente tem que aparecer a tecnologia e tem que aparecer a correr. Nós estamos fechados em casa.

**E houve assim mais alguma mudança recente, que pode ser tecnológica, social, ambiental que lhe tenha feito pensar, ok, o futuro vai mesmo mudar?**

10 horas de apagão? Uma coisa que nós antigamente achámos que um apagão poderia durar 2 minutos, 5 minutos, 10 horas de apagão num país inteiro. Dá que pensar, não é? Dá que pensar.

**Nós criamos este, ou seja, não vamos mostrar as tendências desenvolvidas pela Planapp, mas algo que nós também estamos a levar para os workshops que eu mencionei, com perfis mais jovens, são jornais do futuro. E eu vou mostrar um jornal.**

Tanto texto daqui a 50 anos. Pessoas a ler uma página inteira. Vejo muitas coisas a acontecer do ponto de vista ambiental, que parece muito interessante. Para se falar disto, o problema é recurso. Claro que isso era bom. Acho que tem muito texto para bom jornal daqui a 50 anos. As pessoas não vão gostar de ler, nem gostam de ler já hoje quanto mais daqui a 25 anos.

**Então, o que é que achou do título?**

Acho que é uma coisa que eu espero que demore 25 anos para as pessoas começarem a aproveitar o lixo e tirar a partir do lixo que temos, que é muito. Eu acho que a nível de sustentabilidade há coisas que vão se dar mais rápido. Acho que não vai demorar 25 anos.

**E se isto se tornasse, se este futuro mais rápido e muito mais preocupado com questões ambientais, se tornasse realidade em breve, que implicações é que eu acho que teria no seu dia a dia?**

No dia a dia concretamente, concretamente eu não estou a ver estas alterações. Quer dizer, talvez na recolha do lixo, porque, se calhar, eu acho que para reciclar um lixo teria que o fazer numa forma mais selectiva do que o que já fazemos hoje em dia. Ou seja, provavelmente eu acho que, se calhar, devia haver quase a separação como se fazia nas quintas antigamente, o lixo orgânico, o lixo daqui, ou seja, porque os plásticos nem todos cabem, nem todo papel cabe. Portanto, acredito que há um dia que isto vai ter que afinar um bocadinho ainda

mais.

**E que outros desafios, além do lixo, é que acha que enfrentamos no país? Desafios e oportunidades.**

Desafios são imensos. Eu acho que as tecnologias e a forma como tudo está a evoluir tão rápido, acho que as pessoas vão ter que se habituar que há profissões que vão desaparecer. Há coisas que não fazem sentido, continuarem a acontecer e vão acontecer e vai ser muito rápido. E, por isso, eu acho que um dos maiores desafios é descobrir onde é que as pessoas trazem valor e onde é que as pessoas vão conseguir, de alguma forma, arranjar o meio de sustentação. E eu acredito que a sustentabilidade possa trazer também várias oportunidades, até porque acredito que a nível energético, muito provavelmente... Eu tenho um carro que é um plug-in, mas eu continuo a achar que não é a parte elétrica que vai fazer a diferença. Eu acho que muito facilmente vamos para carros com, que não é com água, é com... hidrogénio. Acredito muito mais que o hidrogénio. E acho que vai me dar muito a lógica de, para já, eu acho que temos imensas fontes de energia que não usamos. Acho que vamos usar muito mais a parte eólica, acho que vamos usar muito mais a parte solar. Acho que nunca é incrível não usarmos o poder das ondas e toda a gente fala dessa história do mar. E acho que se começar, de facto, a caminhar para uma lógica muito mais sustentável, e se a parte de produção de máquinas passar muito mais de hidrogénio, acho que temos aí alguma coisa que vai mudar e vai mudar muito.

**E que principais, falando em mudanças, ou seja, mudanças depois no comportamento da população face a essa nova realidade, o que é que acha que vai acontecer?**

Os portugueses têm uma característica engraçada. Não sendo um povo hiperdesenvolvido em algumas coisas, agarra os tecnológicos com muita facilidade. Ou seja, a taxa de penetração dos telemóveis foi altíssima em Portugal, quando em alguns países não era. E portanto, eu acho que quando as pessoas veem benefício nas coisas e quando as coisas lhes fazem sentido, somos muito rápidos a tirar partido disso. E eu acho que há muitas pessoas que ainda não perceberam as vantagens de certas coisas. Ou seja, em Portugal, a história, por exemplo, de partilhar carros, não funcionou. Aliás, viram que houve marcas que tentaram alugar carros a serem partilhados, e não aconteceu. Não resultou. Ou seja, as pessoas têm um bocadinho lógica de posse e gostam de sentir o seu espaço, essas suas coisas, mas também são muito virados para poupança. E, de repente, se aparecerem formas mais fáceis das próprias pessoas produzirem energia, eu acho que isso vai fazer diferença.

**E em termos de igualdade de género, acha que será diferente de homens para mulheres?**

Sempre foi, não é? Sempre foi. Ou seja, é uma luta. É uma luta. É uma luta que ainda bem que existe. Mas, por exemplo, eu ainda ontem estava a falar sobre a história do futebol feminino. As mulheres poderem ser pagas como homens. Mas a verdade é que, agora, finalmente, as pessoas já tomam alguma atenção, ao campeonato feminino, mas não há um mundial feminino que, de repente, as televisões todas transmitam, não em estádios, não em... Ou seja, há coisas que não vão poder ser iguais. Eu acho que, nos negócios, acho que as mulheres, a maior parte delas, até dão 10 a zero a muitos homens. Ou seja, essa história de ordenados, com funções iguais, sobretudo, a nível de empresas, é um perfeito disparate, não consigo perceber, porque é que uma mulher há de ser pior paga do que o homem. Acho que um perfeito disparate e acho que há muito caminho que já foi feito e há caminhos a fazer. Agora, há coisas que acho que não vão ser iguais. E também acho que caminhamos para um momento em que falar de igualdade de género, eu acho que é assim um bocadinho, até redutor em algumas coisas, porque faz um bocadinho de confusão quase cotas, não é? Agora, de repente, temos que ter uma cota disto, uma cota daquilo. Eu acho que, no momento em que se tenha que pôr cotas para que as mulheres possam entrar em coisas, eu acho que andamos 100 anos para trás nos direitos das mulheres. Portanto, por um lado, acho que a igualdade faz-me todo sentido, por outro lado, acho que não pode ser impingido, tipo cota, porque alguém sentir que faz parte de alguma coisa, só porque tinha que ser obrigatório ter, parece que é o custo. Não, é? Eu faz-me uma certa confusão, eu acho que as mulheres têm tanto mérito, que me faz-me confusão quem ainda não lhes deu mérito, mas também acho que ter que ter, porque é uma cota, acho um perfeito disparate.

**E agora, pensando então, porque parece muito longe, não é? Mas daqui a 25 anos, como é que imagina a sua versão neste futuro? E aqui pode ser exemplos práticos, ou seja, como é que vai ser o dia, que serviço é que vai usar mais, acho que imagina-se fazer o que ainda faz hoje em dia, o que é que vai comer.**

Quando as pessoas me perguntam o que é que vou fazer daqui a dois anos, eu já tenho dificuldade. Porque a verdade é que a vida tem mudado brutalmente, rapidamente, há uns anos atrás, eu sequer não tinha um telemóvel onde fizesse tudo. E quando eu digo que fizesse tudo, não é só chamadas e mails, são as aplicações todas que existem, e quantas coisas. Já posso andar com um telemóvel sem a carteira, porque tá lá tudo, posso

pagar, tenho cartão de identidade, tenho a carta. E eu acho que a tecnologia vai nos surpreender ainda bastante. Eu não acho que seja tele-exportado, acho que estamos longe disso, piscar os olhos e aparecer do outro lado do planeta, estamos longe disso, mas eu acho que a tecnologia vai avançar rapidamente para outros formatos. E eu acho que isso tem implicações. Eu acho que nós não vamos ter a carga de trabalho que temos hoje em dia, porque acho que há um momento em que as pessoas vão perceber que, se calhar, devíamos trabalhar menos horas e menos dias até por semana, e acredito que seja possível. Acredito que a tecnologia nos possa servir, eu, por exemplo, mostrou-me há pouco o jornal. Eu não me lembro a última, eu tenho 52 anos. Eu não me lembro da última vez que eu comprei um jornal em papel. Não me lembro, não me lembro. E provavelmente não comprei. Uma revista, eu não compro revistas. Eu vejo tudo no telefone, tudo, tudo. E é interessante que eu acho que isso mudou brutalmente vários negócios. E tem que ter mudado. Eu tenho televisão em casa, no outro dia alguém me disse que tinha televisão. E eu questionei-me, quando é que eu vejo televisão? E eu não vejo televisão. Eu tenho um aparelho em casa que é uma televisão. Talvez vejam um jogo de futebol que seja transmitido pela televisão. Mas não vejo televisão. Não vejo telejornais. Não vejo programas. Não vejo nada. Ou seja, na realidade, vejo tudo no telefone. E eu acho que isso mudou muito. A minha profissão, que é Team Building, e formação, tem parte presencial. E eu acho que essa não vai acabar. Se eu vou ter energia daqui a 25 anos para estar a fazer o que faço, duvido. Porque nós vivemos num ritmo aceleradíssimo e eu começo a achar que a minha profissão também já começa a ser de alto desgaste. Parece os jogadores de futebol. Um bocadinho mais larga, mas não tanto. Agora, acredito que daqui a 25 anos vou estar carregado de netos. Vou querer estar a pensar no que é a minha reforma e a reforma num país onde a pessoa desconta e não podemos contar com nada do que lá está. Tenho várias dúvidas, mas eu se calhar vivo um bocadinho como os africanos, que têm muitos filhos, que eu tenho cinco, e alguém que cuide de mim. Eu cuidei deles, eles que cuidem de mim. Provavelmente, não sei.

#### **Como é que gostava que a sociedade mudasse até lá? Ou seja, que valores é que nós devíamos cultivar até lá?**

Eu acho que vai um bocadinho mais longe do que valores. E eu acho que, neste momento, temos os políticos que merecemos porque lhes pagamos o que pagamos e expomos o que expomos. Se nós formos olhar, e aquilo que eu gostava era ter pessoas na política era que não fossem políticos, que é difícil, mas que fossem empresários, porque eu acho que faltam empresários, faltam pessoas que tenham visão e que façam acontecer. E faz-me uma maior confusão a quantidade de coisas que nós descobrimos nos políticos, que são jogos de interesse, e que são únicas que, recentemente, para quase manter a posição e manter os mesmos de sempre. E porque a política, e se nós reparámos, a partir disso, para já ganham menos. Um empresário, uma boa empresa ganha o dobro do presidente, ou o triplo do presidente. A partir do momento que há tetos, não podemos ter boas pessoas. Se não podemos ter boas pessoas, temos aqueles que querem estar lá. E os que estão lá, porque que estão lá, muitos de nós já estão a ver que a seguir vão receber posições noutras empresas. Ou seja, está tudo desvirtuado. É como os professores. Eu faço parte daquela geração que teve professores que tinham por princípio ser professores, viam aquilo como vocação. Hoje em dia, há pessoas que são professores porque não arranjaram outras coisas. E, portanto, se nós começarmos a olhar para a lógica das coisas, está muito errado. Está muito errado no que se paga a quem. Eu tenho duas filhas que já estão a trabalhar. Uma em teatro musical, em Portugal, a cultura, vale, o que vale, é tudo vazio, não há nada, e paga-se miseravelmente. E depois tenho outra que começou a ser enfermeira. E nós rimos, é a vocação, mas também vai receber miseravelmente e com péssimos horários. Isso parece, de repente, há umas pessoas que é um espanto, mas isto tem a ver com a cultura que nós temos, de repente, uma pessoa faz um vídeo giro e recebe um milhão de visualizações e recebe fortunas. E, de repente, temos pessoas que trabalham horas e horas e horas, são os professores, são enfermeiros, são profissões importantes e não lhes pagamos nada de jeito. E, de repente, descobrimos que houve um que recebeu milhões. E, de repente, porque é que recebeu milhões? quem é que está na política para ganhar dinheiro? Ninguém, mas também não está lá para ganhar dinheiro, o que é que ele está lá a fazer? E eu acho que é esse ramo ramo que, de repente, todos os anos nos queixamos, mas a verdade é que, passados anos, anos, anos, vemos todas, tudo a avançar e nós a ficar para trás. E, depois, cai nos mesmos, eu tenho uma empresa, não é? É inacreditável a quantidade de impostos que nós pagamos todos os meses. Eu tenho a sensação que trabalhamos para um terço ser para nós. E, depois, questionamos, mas o dinheiro é bem usado no estado e, depois, vemos grandes alarvidades, não é? E, portanto, às vezes, houve uma pessoa que uma vez me disse, olha, na Suécia eles descontam uma brutalidade, mas, depois, não pagam a escola, não pagam os hospitais, não pagam isto, não pagam, porque está tudo lá e é bom. Nós cá descontamos, mas, depois, quando vamos para o hospital público, eu vou para o hospital público como um filho, ficar seis horas, sete horas, oito horas, não, vou para um privado. Escolas? E se eu puder ter os meus filhos no privado até uma determinada idade vou ter para lhes dar bases. Ou seja, as coisas estão muito desvirtuadas e eu gosto imenso de Portugal, atenção, eu podia ter vivido em vários sítios do mundo e podia ter ido, e sempre disse, eu gosto de viver cá e vivo cá. E só que há essas coisas que a pessoa olha e diz, como é que é possível? Como é que é possível, não

é?

**Então, no fundo, é uma sociedade um bocadinho bem... Bem, na verdade, temos essa inspiração nórdica que estava a dizer, não é?**

Mas, depois, não acontece... Como é que, depois, não acontece como é suposto não é? Eu no outro dia eu acho que vi não sei se era uma piada dos Gato Ferorento ou de uma coisa das manhãs da Comercial, mas que a certa altura dizia, não sei quê um empresário corrupto e que foi preso. E ele dizia, isto é ficção, porque, em Portugal, corrupto e que ganha muito dinheiro, nunca sou preso. A pessoa via aquele processo, do processo, 20 anos depois, prescreveu, 20 anos depois, nada aconteceu e a pessoa diz, claro que, quem rouba uma maçã que é preso, mas os outros não... Não, não acontece. É escandaloso! Aliás, eu no outro dia vi a posição em que Portugal está, em termos de corrupção, é inacreditável a pessoa pensar que somos um país pequenino, então toda a gente se conhece. Mas nada acontece, nada. Ou seja, parece que é um país sem consequência, não é? A pessoa faz... Se fizer pouco, está feito. Mas se fizer muito, está tudo bem. Mas a questão é essa, uma vez eu ouvi uma coisa gira, que se eu dever cem euros à Segurança Social ou ao Estado, o Estado cai em cima e até quase me penhora. Se eu dever 10 milhões, se calhar sou tratado bem, porque eles se querem que eu pague, e se calhar não se passa nada, porque o amigo, o primo do tio, não é? É um bocadinho. Daqui a 25 anos espero que haja uma lufada de ar fresco na política, na justiça. Nós temos sempre a sensação de impunidade, não é? Impunidade, é tudo impune, e portanto, se as pessoas fazem, pois arrasta, que empurra, pois lá aparece um que realmente lhe aconteceu alguma coisa, mas outros não, e depois o outro, é estranho, é estranho.

**Se pudesse dar um conselho, a quem toma decisões no dia de hoje, qual é que seria o conselho?**

O conselho é façam acontecer as coisas de forma justa, equitativa e real, ou seja, fazer acontecer. Eu faz-me imensa confusão a quantidade de planos que se ouvem. Faz, você já viu a quantidade de vezes que já se falou do novo aeroporto, já reparou?. E a pessoa diz assim, mas eu sequer até prefiro que não exista um novo aeroporto, porque se houver um novo aeroporto, deixa de estar a meia hora de minha casa. Eu com 52 anos já ouvi dezenas de sítios, ia para cima, ia para o norte, ia para baixo, ia para sul e não sei o que mais, mas não há novo aeroporto. Abriram em Beja, mas também não se faz um comboio rápido para Beja. Ou seja, há coisas neste país, nós ouvimos falar durante anos e anos e anos, que são investimentos de milhões, mas não acontecem. E depois a pessoa dizia, então, mas onde é que foi parar o dinheiro? O que é que se fez? Não se sabe. Não é? Mas de repente, quando era para fazer um europeu em Portugal, houve milhões para construir estádios. Alguns deles que vemos o que é que está a acontecer. Olha lá em baixo em Faro, olha o de Leiria, olha de Aveiro, mas tiveram lá milhões, mas que para as outras coisas não há. É uma distribuição um bocadinho estranha. Eu acho que não é mais que estranha, há interesses, mas depois não há uma lógica económica sobre isto. Não há alguém que faça contas e diga, é isto que vai acontecer, mas a consequência é esta.

**Qual é a coisa que o preocupa mais?**

O que me preocupa mais é que eu tenho os meus filhos a crescer, uma delas está noiva e vai se casar. E o que me preocupa mais é que eu gostei imenso de ter filhos e eles vão querer ter filhos. E às vezes nós começamos a pôr em causa que países é que estamos a deixar, e que lógica é que está a acontecer. Houve agora as eleições há pouco tempo e há uma coisa que eu ouço falar há imenso tempo e que me preocupa. Que é a quantidade do que está a acontecer. Eu sou zero contra imigrantes, zero contra raças. Mas há uma coisa que me preocupa, que é de um momento para o outro, está a crescer tanto na Europa, entrarem de outras religiões, de outras raças, que de um momento para o outro nós podemos ser minoria. E se nós formos minoria, do momento para o outro, tudo aquilo que são os nossos costumes podem desaparecer. A liberdade como a conhecemos pode desaparecer. Isso é uma coisa que me preocupa. Porque de repente, se nós formos 10 milhões e daqui a uns anos metade da população, não for portuguesa, de origem, se calhar metade, tem peso para eleger quem eles quiserem. E se elegerem quem eles quiserem, será que daqui a um tempo nós também vamos ter os costumes que existem noutros países e que nós achamos que não fazem sentido por termos a liberdade que temos. Faz-me uma certa conclusão.

**Eu percebo, eu por acaso tive, eu gosto muito da Costa Vicentina e estive este fim de semana entre o Cercal e a Vila Nova de Mil Fontes. E fiquei completamente chocada.**

É uma cidade nepalesa.

**Eu passei na rua principal, logo a seguir ao jantar, portanto, é uma hora decente e vi três brancos, dois estavam a caminhar e uma estava a servir à mesa a três nepaleses. E foi isso. Todo o resto da rua, nunca**

### **me tinha sentido assim em Portugal.**

Mas vai-se ao Martim Moniz, se a pessoa descer lá abaixo daqueles centros comerciais, eu tenho essa sensação, que me põe dentro de uma caixa de sapato e eu vou para a China. Porque lá dentro... A pessoa chega e diz assim “para aí, estou aonde?” Aliás, que eu não tenho nada contra, mas eu tenho contra e quando um dia de repente isto virar tudo, porque pode virar, aliás, vê-se em França. em França de repente as pessoas já dizem que Paris está a ser as cidades mais perigosas de se andar na rua. Mas eu já estive em Paris algumas vezes e sinto-me seguro, mas já não. Ou seja, porque de repente há um conjunto que vai crescendo, crescendo, crescendo, crescendo e a certa altura onde é que estamos? E isso preocupa porque lá está, eu tenho cinco filhos, mas eu como dou formação eu muitas vezes pergunto aos grupos onde estou quantos filhos é que as pessoas têm e em média as pessoas têm um e dois, um e dois. E já há muitos casais que, assumidamente, não querem ter filhos. O que mostra que para Portugal crescer vai crescer por imigração e há um momento que vamos pagar essa fatura. Vamos pagar essa fatura. Vamos imaginar que daqui a uns anos aparece aqui um governo que diz que afinal as mulheres também tem que andar de burca e se calhar as mulheres também não podem conduzir e a pessoa diz, não, Portugal sempre, mas agora já não. E a pessoa diz, como não? Somos a maioria, por isso fazemos as leis. É um susto, não é? Um susto, reconheço que é assustador.

### **De que forma é que podemos então repensar o conceito, ou seja, do progresso de Portugal pensando aqui até em métricas, bem-estar, justiça social, saúde, o que é que...**

Eu acho que há uma coisa nas empresas que me faz uma certa confusão, que é, as pessoas falam-se muito da produtividade em Portugal ser baixa. Mas a produtividade em Portugal é baixa porque as pessoas acham que trabalhar 8 horas é trabalhar na realidade de 4, porque entram, é o café, é o almoço que é longo, é isto e aquilo. Lá fora as pessoas fazem exatamente o contrário, fazem pausas curtas, almoços curtos, para saírem cedo e têm qualidade de vida, mas parece que houve uma fase em que se eu chegasse a casa às 6 da tarde parecia que tinha trabalhado pouco. Portanto, trabalhar cedo ou chegar às 8h, isto era uma profissão séria, chegar às 8h. Isto finalmente, nas gerações mais novas, está a mudar. Aquela coisa que se chama de work-life-balance, vê-se os miúdos a mudar isso, os que estão a entrar agora no mercado. Porque a minha geração foi parva, as pessoas nas consultoras que tinham trabalhado 18 horas e eles orgulhavam-se de trabalhar 18 horas. As gerações agora dizem, desculpe lá, isso não é para mim já se veem sinais, que de repente se fala nas empresas de felicidade. Finalmente fala-se de felicidade, já se devia falar há mais tempo. E por isso há um conjunto de coisas que eu acho que são bons indicadores que as pessoas se preocupam e que as coisas podem acontecer e até bem. Porque nós, porque estes somos bons, a verdade é que os portugueses vão lá para fora e brilham e brilham. Aqui parece que é o rame-rame e que as coisas não acontecem. Mas eu tenho imensa esperança que tudo corre bem. Tenho sempre fé que tudo vai correr bem. Agora, o que me preocupa é não prepararmos o futuro. E quando eu digo preparar o futuro, seja em todos os ramos que seja, eu acho que as pessoas podem ser mais eficazes naquilo que fazem no trabalho e por isso poupavam tempo. Se poupassem tempo tinham mais qualidade de vida porque chegavam mais cedo a casa. Eu acho que as pessoas vivem pouco com a família. Aliás, eu tenho vários amigos que se separaram durante o Covid. Ninguém estava habituado a estar em casa. E a pressão de estar em casa, marido e mulher e com filhos, foi uma pressão enorme. Porque as pessoas não estão habituadas a estar. E a verdade é que eu acho que há pessoas que se refugiam no trabalho tipo agora se eu tiver aqui muito tempo a trabalhar se calhar tenho menos convívio. É estranho e triste, mas eu acho que é a verdade. E por isso eu acho que se as pessoas se habituassem a estar mais juntas, se tivessem mais tempo e se de repente começássemos a ter pessoas com valor mesmo à frente dos nossos destinos eu acho que fazia toda a diferença.

## 02 — Marta Paço

### Desportista

26 de maio de 2025

**Megatendências associadas:** 09. novos desafios à democracia, 06. um mundo mais digital

**Jornal:** *“Estudantes ligam-se à natureza com sensores bio-digitais que “traduzem” plantas e animais”*

**A minha primeira questão é, quanto tu pensas no futuro de Portugal, em 2050, gostava de saber qual é a primeira imagem, ou som, um lugar que te vem à cabeça.**

Eu acho que se calhar, eu diria que talvez um som é talvez cidades com menos ruído, provavelmente mais prevalência de carros elétricos, ou outras fontes que ainda não estejam a ser implementadas, mas que se calhar, em 2050 já teremos, ou seja, menos carros a combustíveis, muito provavelmente, o que vai resultar em cidades muito mais calmas, provavelmente também, assim como imagem, se calhar é possível que passemos a ver mais transportes públicos e menos carros próprios, espero eu, e talvez as cidades passem a ser um bocadinho mais planeadas para as pessoas, talvez haja aqui uma aposta maior, obviamente vai depender das prioridades dos governos que foram entrando, mas talvez cidades mais viradas para as pessoas, menos espaço para carros e mais espaço para espaços verdes, esplanadas, bancos, jardins. Eu acho que a imagem ideal para mim seria esta, e talvez tendo em conta as tendências dos últimos tempos, seja o que vai acontecer.

**Boa, eu quero viver nesse Portugal de 2050 que tu estás a dizer.**

Eu também.

**Então, e pensando, ou seja, indo um bocadinho mais a fundo da imagem que tu está a fazer, a criar, quando é que tu sentiste que isso poderia acontecer, ou sentiste que o mundo estava a mudar nesse sentido, até a se calhar mudar depressa demais, ou andar mais devagar, não sei, quando é que tu sentiste isso?**

Eu acho que sinto isso, especialmente na transição de carros a combustão para carros elétricos, eu acho que é assim o mais óbvio que nós todos nós estamos a cruzar. As outras coisas que eu idealizei, eu acho que não é tão fácil de sentir ainda, mas eu acho que cada vez mais pessoas a apostarem nos carros elétricos em Portugal e na Europa, porque eu tenho viajado bastante e no resto do mundo ainda não é bem assim, eu diria que é Europa que está mais à frente nesta parte, nós vemos cada vez mais carros elétricos e por isso é que eu idealizei uma cidade muito mais silenciosa e com muito menos poluição. Eu acho que é assim o que conseguimos sentir mais neste momento.

**E há assim, além de se calhar além desse setor mais de mobilidade e depois do silêncio que tu imaginas nas cidades, assim mais há uma coisa que tu sentes que esteja a mudar, mesmo que não seja ainda refletido assim de uma forma, enfim, tão predominante na Europa, mas sei lá pensando em contextos sociais**

Não sei, adorava fazer uma previsão como é que vamos estar de educação, cultura, desporto, mas com as últimas tendências eu estou estudar ciência política, relações internacionais, mas com as últimas tendências é muito difícil de prever o que vai acontecer, pode ser que haja aqui um retrocesso, é possível em algumas áreas, especialmente por exemplo educação e política, mas é mesmo muito difícil de prever porque nós estamos aqui num momento de transição. Eu diria que tanto pode evoluir para um cenário onde todos os parâmetros melhoram, onde a educação vai melhorando, vai sendo mais completa, onde mais pessoas consigam acabar a escolaridade, ter ensino superior, tudo isso e trabalhar nas suas áreas, ou também pode haver aqui um movimento contrário, que eu diria haver cada vez mais pessoas a irem entre aspas contra o sistema, uma desvalorização da educação, não sei, é mesmo muito difícil.

**Já falaste de pontos bastante importantes, na verdade. Agora nós o que vamos trazer é, vamos deixar aqui uma voz que vai apresentar um jornal**

(...)

**É isto, foi esta a notícia do futuro que trazemos e gostávamos de saber antes de mais o que é que sentiste em relação a esta notícia, o que é que achaste?**

Eu adorei, eu acho que se for possível fazer isto e não me parece de todo impossível, isso acontecer em 2050 ou provavelmente até antes e acho que seria uma ótima forma, lá está, destas questões do clima que em 2050 muito provavelmente vão ser muito mais evidentes do que são agora e muito mais incontornáveis e, portanto, isto parece uma ótima ideia e a ser implementada acho que vai contribuir para uma geração que vai ser mais consciente em relação ao clima e eu sinto muitas vezes o nosso problema com o ambiente é que ele não fala e se nós pudéssemos simular ou de facto interpretar as necessidades das plantas dos animais, se calhar íamos ter muito mais empatia da mesma forma que provavelmente não conseguimos ignorar uma pessoa que diz que tem sede, também não vamos ignorar uma planta que diz que tem sede e acho que vai ser assim um impulso para conseguirmos ter ações mais eficazes e mais imediatas.

**O que é que achaste que implicaria, como é que achaste que este ia mudar um bocado, sei lá, o dia a dia das pessoas, das comunidades, a forma como iam trabalhar, como é que imaginas que...**

Ia obrigar as pessoas a serem mais atentas e olharem mais à volta e a perceber o que é que está a passar à volta delas e obrigar as pessoas a ser menos egoístas e dependendo da forma como as pessoas aderissem a isto, mas sendo assim algo tão... nós estamos a receber mensagens em tempo real de necessidades do meio ambiente, dos animais, acho que isso é mais difícil para nós ignorarmos e simplesmente passarmos ao lado do que se olharmos só e está ali uma planta que não está claramente bem. Eu acho que se nós tivéssemos uma mensagem e uma app associada a isso, ia nos obrigar a ser mais proactivos.

**E agora, se calhar até saindo um bocadinho desta notícia, não ficando 100% pegada a ela, mas pensando também naquilo que tu desejas para Portugal em 2050, quais é que achas que são assim os maiores desafios que o país enfrenta? Desafios e oportunidades.**

Os desafios, eu diria, que vão ser, pois, de lá está, tudo o que aconteceu nestas duas décadas que ainda faltam, mas talvez as migrações sejam menos um problema do que são agora para muitas pessoas, talvez seja algo mais internalizado, até porque com a maneira que as coisas estão a evoluir, cada vez vai haver mais mobilidade e as pessoas vão mudar de país muito mais facilmente, vão mudar de vida muito mais facilmente. Então acho que tudo isto vai ser um bocadinho mais móvel, as pessoas não vão ter uma identidade e não vão estar tão enraizadas no seu país, na sua cultura, em tudo isso. Provavelmente isto pode acontecer, mas também pode haver um movimento contrário que é as pessoas ficarem muito mais nacionalistas, muito mais apegadas. Lá está, depende de como a coisa for evoluir. Eu diria que neste momento pode pender para os dois lados. Em termos de sociedade, talvez as pessoas já consigam durar mais anos, a esperança média de vida provavelmente aumenta com a evolução da ciência, o que também pode gerar um desafio para Portugal, porque mais pessoas, mais pressão sobre as cidades, mais pessoas a consumir e não sei como é que a natalidade no sentido contrário vai acompanhar, não sei se vai haver uma tendência que é para as pessoas terem mais filhos, provavelmente o problema que já temos vai se agravar, cada vez as pessoas terem menos filhos e ficar cada vez mais desequilibrado em termos de idade, população ativa, população jovem. Ah, estou a pensar em mais tópicos. Mais tópicos. Sim, também em termos de ambiente provavelmente vamos ter fenómenos extremos com mais frequência, tipo mais chuvas intensas, mais dias cada vez mais quentes. Acho que é isso.

**Isso, na verdade, são imensos desafios, não é? Que nós temos pela frente. E que oportunidades é que achas que existem?**

Eu acho que vai haver provavelmente uma transformação do work-life balance, por exemplo. Eu acho que isso vai ser uma grande vantagem, provavelmente as pessoas vão conseguir, vão ser mais produtivas, vão acabar por conseguir, talvez, trabalhar menos e ter mais oportunidades para lazer e para fazer aquilo que gostam. Eu acho que o trabalho não vai ser algo tão rígido, como trabalhar das 9 às 18h todos os dias, provavelmente vai haver aqui mais flexibilidade, não só de localização, provavelmente o trabalho remoto vai ser uma realidade mais viva. Mas também do horário das pessoas poderem gerir, terem, em vez de horários, terem uma lista de tarefas e poderem cumpri-las conforme, desde que as cumpram não haver tanto horário rígido. Isso pode ser uma grande oportunidade, também provavelmente, apesar de alguns empregos estarem ameaçados e poderem vir a desaparecer, com certeza vão surgir outras oportunidades, provavelmente mais trabalhos qualificados, o que vai obrigar as pessoas a estudarem cada vez mais. Acho que é isso.

**Que outros trabalhos é que tu imaginas, ou seja, o que é que imaginas que vai desaparecer e aquilo que vai surgir?**

Provavelmente, algumas coisas que vão desaparecer estão mais ligadas à indústria, por exemplo, fábricas que agora se calhar precisam de mil funcionários, de repente vão precisar de muito menos, porque vai ser tudo muito mais automatizado, provavelmente, especialmente agora com a inteligência artificial, mas vão surgir muitos mais trabalhos, por exemplo, de manutenção desses substitutos humanos, digamos assim. Então, se calhar, vamos precisar de menos pessoas a terem trabalhos como operários de fábricas, mas mais pessoas no controlo dos equipamentos que substituem os operários.

**E como é que achas que a vida vai ser entre homens e mulheres? Vai haver mais igualdade?**

Eu espero que sim, mas não sei. Nós estamos aqui a viver um momento estranho em que, de repente, talvez não tanto nas pessoas que estão nos vinte, mas talvez agora as pessoas que estão na adolescência está na moda um certo machismo, que eu espero que passe, e espero que não haja aqui um retrocesso na igualdade, nas oportunidades, mas assumindo que isto passa, que eu espero que sim, eu acho que é perfeitamente possível que haja muito mais igualdade, até porque, lá está, com esta modificação dos empregos. Antigamente, havia menos empregos em que alegavam que eram preciso mais homens, ou que os homens eram melhores para esses empregos, porque requeriam força física e acreditava-se que só os homens poderiam fazer esses trabalhos. Com esta mudança, esse argumento deixa de funcionar. Então, na teoria, a desigualdade diminuiria.

**E pensando, continuando a imaginar este futuro que estás a criar, e pensando agora na Marta, na Marta de 2050, como é que tu imaginas que poderá ser um dia teu no futuro? O que é que vais fazer? Acordas, e como é que é o teu dia a dia? Que serviço é que vais utilizar mais? Que tipo de comida vais comer? O que é que gostavas de estar a fazer? Enfim, se tivesse que pensar assim num dia, em ti e aqui há 25 anos, como é que esse dia seria?**

Provavelmente, no meu caso, eu acho que a acessibilidade é algo que pode vir a melhorar, que já está assim um bocadinho a acontecer, mas provavelmente vai ser algo muito mais... que vai aparecer muito mais no meu dia a dia. Como, por exemplo, utilizar a inteligência artificial, já se começa a fazer isso com smart glasses, para me ajudar a fazer coisas, para me dar indicações, eu acho que isso ia ser assim um grande fator. Eu acho que me vou conseguir orientar muito mais facilmente. Hoje em dia já não é difícil, mas provavelmente vai ser uma coisa muito mais prática e intuitiva. Espero estar a trabalhar na minha área, espero ter a minha casa, espero conseguir, sim, trabalhar na minha área, mas ter tempo livre para os meus hobbies, para as minhas viagens. Um dia normal, comida, acho que provavelmente vamos ter mais variedade, vamos ter, como já temos agora, acesso não só à comida portuguesa, a comida de todo mundo, o que é ótimo. E acho que é isso, não sei se me esqueci de alguma coisa. Não ter um horário, acho que isso seria perfeito para mim. Não ter um horário. Aquela obrigação de, ok, tenho que acordar todos os dias às 7, porque às 8 e meia tenho que estar no sítio. E isso seria, acho que era muito importante.

**E pensando agora, se calhar numa forma mais abrangente, e tu já te castem algumas destas coisas, mas não... ou seja, não quero que esta pergunta pareça repetitiva, mas, se calhar agora, tentando pensar na sociedade em geral, que valores achas que nós devemos cultivar até lá?**

Valores, ok. Eu acho que humanismo, acima de tudo, igualdade, respeito pelo próximo, respeito pelas pessoas, pelos animais, pelas plantas, pelo ambiente no geral. Sempre comunidades mais unidas, mas não iguais, ou seja, aceitarmos as diferenças das pessoas que vivem e que trabalham ao nosso lado. E, se calhar, é importante cultivar esse respeito pela diferença, que se calhar tem estado um bocadinho ameaçado. E acho que é isso que nós aprendemos a viver, não só de acordo com os nossos interesses, mas de acordo com o bem comum.

**Se pudesses dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje, e aqui podes te referir a empresas, a governos, organizações, qual é que seria esse conselho?**

Eu acho que seria... aprendam a pensar em equipa, se calhar é importante ligarmos menos às hierarquias e mais às ideias, se calhar temos que tentar diminuir a burocracia, tentar fazer em vez de planear ou planear mas não deixar que demorem tanto tempo para fazer planos que quando chega a altura de implementar esses planos, já não tenhamos tempo e todo esse trabalho não valeu a pena, porque não conseguimos implementar. Eu acho que acima de tudo é esbater as hierarquias, discutir ideias e implementar com mais eficiência.

**Como é que imaginas agora, pegando até na tua experiência do surf e do desporto adaptado, como é que achas que vai ser o papel do desporto e da inclusão na sociedade portuguesa em 2050?**

Eu acho que, em 2050 provavelmente a população que faz desporto vai aumentar. Eu acho que mais pessoas vão fazer desporto, por exemplo, na geração dos meus avós, quase ninguém faz desporto, mas a minha geração já cresceu a ir aos ginásios, já cresceu a fazer mais desporto, então provavelmente a fatia da população que faz desporto vai aumentar. Não sei como é que vamos estar em termos de saúde, porque vai depender daquilo que nós comemos, do exercício que nós fazemos e também do equilíbrio entre trabalho e vida que conseguimos ter. Mas eu diria que, no geral, vamos ter uma população mais ativa e mais saudável, e isto aplica-se também ao desporto adaptado. Hoje em dia o número de pessoas com deficiência que fazem desporto é muito baixo, mas possivelmente com as oportunidades a aumentar, com os projetos a surgir, esse número provavelmente vai aumentar.

**Agora para terminar, já só tenho mais duas questões. Pensando agora até naquilo que te mais preocupa, em 2050, qual é que achas que é a coisa mais preocupante para esta versão de Portugal em 2050?**

Preocupante. Eu falei sempre num cenário bom, mas há também outra possibilidade, que é a extrema direita, neste caso. Vou ser específica, porque acho que é importante, pode crescer. E tudo isto que eu disse pode não se verificar. Pode crescer o negacionismo contra, por exemplo, as alterações climáticas. Toda essa parte de igualdade, pode ir completamente para o outro lado e, de repente, podemos voltar aos papéis tradicionais de género. Existe esta possibilidade e ela está bem viva, na Europa, especialmente na América do Norte. Depende muito de como isto for evoluir, mas caso isto aconteça, eu acho que os desafios vão ser enormes, acho que provavelmente teremos um retrocesso nas igualdades, as minorias também e os direitos que conseguiram estar bastante ameaçados, pessoas com deficiência, diversidade, étnica religiosa, tudo isso, pessoas orientações sexuais, todos os géneros, tudo isto pode estar ameaçado e podemos ter grandes retrocessos. Vai depender do que fizermos nos próximos 25 anos.

**Basicamente todos aqueles valores magníficos que definiste para uma sociedade em 2050.**

Pode ir completamente ao contrário.

**Mas, e agora, para não acabarmos com um cenário tão negativo que esperemos que não aconteça, qual é a coisa se pudesses dizer uma coisa que te deixa entusiasmada quando pensas no futuro? Qual é que era a coisa que te deixa mais entusiasmada?**

As pessoas passarem a ter mais tempo para serem livres, ou seja, mais tempo para fazerem o que quiserem, mais tempo para viajar, mais tempo para viver. Eu acho que temos a possibilidade, no futuro, de termos mais tempo para nós. Espero que isso seja uma possibilidade e que nós todos possamos aproveitar esse tempo da melhor forma possível.

## 03 — David Abreu

### Migrante

26 de maio de 2025

**Megatendências associadas:** 08. um mundo multipolar, 09. novos desafios à democracia

**Jornal:** *“Vox Futures permite que jovens votem nas decisões escolares e elimina as fake news em tempo real”*

**Começando com uma pergunta muito simples, quando eras criança, qual era a tua profissão de sonho?**

Jogador de futebol. Curiosamente, agora às 9 da noite, vou ter um jogo de futebol, e ainda consigo correr atrás da bola. Se bem que, pronto, não deu para futebol, então, comecei... Até porque os estudos não estavam, não eram o aluno mais famoso, e os meus pais começaram a incutir a ideia de que seria bom trabalhar na indústria de hotelaria, que tinha uma boa saída na altura, e depois comecei a pensar realmente, vou ser cozinheiro, vou começar a cozinhar umas coisas em casa, comecei a cozinhar para a minha família, e foi mesmo isto, foi mesmo. Não sou jogador de futebol, sou cozinheiro.

**Muito bom. E estás contente com essa decisão?**

Acabei por ter a sorte de engrenar numa área em que realmente tenho muito interesse, tenho muita paixão. Já consegui atingir muitos patamares, muitas coisas boas nesta indústria, devido, claro, sempre ao profissionalismo e à ética. Acredito que não sou um Messi da cozinha, não nasci com o talento, mas acho que sou um Cristiano Ronaldo, onde tive que trabalhar bastante para chegar onde estou, que eu acho que ainda não é nada, ainda posso bem mais, mas sim, com a idade que tenho, já estar numa categoria, pronto, chamada, não gosto de olhar sempre, já tenho esta categoria, já sou o que sou, não é bem assim, mas pronto, já sou chefe de cozinha, num hotel enorme, aqui em Macau, já trabalhei em três estrelas Michelin em Inglaterra, já fiz tanta coisa, e sinto-me contente quando olho às vezes para trás no passado, e basicamente é isso, pronto.

**Que bom. E agora, indo para o outro lado, indo para o futuro, quando pensas em 2050, o que é que te vem à cabeça?**

Desde o início que vi o tema, eu agora, ultimamente, tenho andado um bocado assustado, isto é, como tudo hoje em dia, nós temos tanta informação tão rápida, as pessoas conseguem ter tantas ideologias, tanta coisa, absorvemos tanta coisa todos os dias, é só basta só ligarmos o telemóvel, fazemos um bocado scroll e já temos tanta coisa de informação, mas fiquei um bocado assustado, como estava a dizer, acerca deste documentário, não o documentário, mas para a série do Adolescence na Netflix, deixou-me um bocado, deu-me um bocado choque, deu-me um bocado choque, porque não tinha noção. Fiquei a perceber que realmente a sociedade evoluiu bastante nos últimos 25 anos, foi quando eu saí da escola, mais ou menos, já nem me lembro bem, não, foi, saí da escola 15 anos atrás, pronto. Mas naquela altura, onde eles se focam, naquela altura é no primário, e ensino secundário, e é realmente assustador, porque a sociedade hoje em dia, eu lembro-me, na altura fazia algumas traquinices aos professores, nós tínhamos alguma autoridade, pronto nem todos davam essa autoridade, mas havia um bocado de um respeito, e eu tenho algum receio que esse respeito esteja a ser perdido, pelo menos foi o que eles retrataram um pouco e deixou-me um bocado assustado, e até porque também, estas redes sociais, não sei até quanto é que isto está a ajudar também, na sociedade mais jovem, e com isto, portanto, nós para analisarmos o futuro, temos também que pensar no presente, e o presente para já, se calhar para pessoas mais entendidas, pode estar mais esclarecido, mas para mim, como não estou muito entendido, até porque criou um choque em mim perceber a sociedade hoje em dia, nas escolas e tudo mais, é claro que aquilo não é 100% real, mas há ali uma ideia, há ali uma mensagem por trás, e principalmente, o que chocou mais, foi mesmo como é que os alunos respeitam a autoridade, como é que ainda funciona, mas é claro, isso retrata também a Europa, aqui na Ásia, principalmente, aqui em Macau e China, eu acredito que ainda haja um pouco, como é o comunismo, que ainda haja esse respeito, o que acaba também por ser um pouco... como é que eu hei-de explicar? Ainda existe aqui, o que também possa existir na Europa e em outros sítios, mas aqui ainda existe, aqui ainda é uma maneira em que, às vezes, também pode dar um collateral damage aos alunos mais novos. Pronto. Vamos pensar, então, na pergunta que você me fez, Portugal 2050, é só mesmo 2050, no geral, ou é só Portugal?

**É no futuro, em 2050. E era a primeira coisa que te viesse à cabeça, já disseste algumas, mas podes continuar, ou seja, na verdade, falaste de um sentimento, de um bocadinho do medo, dessa mudança dos jovens, e também da aceleração da tecnologia. Mas, há mais algum ponto que gostavas de... Ou seja, até pode ser uma imagem, é descrever-se aquilo que te vêm à cabeça, pode ser no som, pode ser...**

Ok, ok. Eu não... Estou numa fase, também, a sociedade, como tudo, né? Todos nós vivemos por fase, né? Agora estou na fase dos 33 anos, em que há aquela pressão de... Já tenho a minha mulher, já estamos casados, aquela pressão social, de começar também a ter filhos e fazer uma família. Portanto, eu não consigo projetar para já muito além. Não penso muito além para já, porque são projetos que estou a tê-los, e quero fazê-los no agora, em 2025. Portanto, mais 25 anos em cima. Eu o que olho, que eu penso, é que... Sim, já vou ter o meu filho, já vai ter 25 anos, e, pelo menos, a maneira de olhar para um futuro será assim, é ter realmente o meu filho ou a filha e terem 25 anos e eu olhar para eles. Esta é a minha ideia do 2050. Porque eu, por mim, eu sei que... quando a gente diz que eu sei, pode parecer um bocado convencido, mas acredito que o sucesso vou ter de certeza porque eu trabalho muito por ele. E sei que vou conseguir atingir os meus objetivos. Mesmo que não consiga. Não vou ficar chateado com isso, mas ao menos tento. E vou se calhar olhar mais para os meus filhos, vá. Talvez seja essa a ideia que eu tenho a 2050. Como vai estar a 2050? Não tenho a certeza. É um bocado de um incerto. Se ficar pelo que está agora, já não é mau. Porque acabei por ser criado numa sociedade onde há aquelas pressões todas. Temos que ter um... pensar verde, fazer... o que é bom, não é? Temos que pensar no mundo em si e tudo mais. Mas se calhar estamos a viver com uma pressão, se calhar os nossos pais não tiveram na altura, eles viviam tranquilíssimos. Não havia esta pressão de a poluição, do carro, da bateria... O que eu acredito que faça algum impacto, mas basicamente, se continuarmos com esta informação e com isto tudo, e com termos esta tensão, estes realmente estes tópicos que afetam o mundo onde vivemos, acredito que daqui a 25 anos as coisas estejam melhores. Se bem que eu vivo em duas realidades quando eu vou à Europa, quando vou a Portugal, somos muito cuidadosos, temos muita informação, tentamos reciclar, tentamos ter atenção ao mundo verde. Mas aqui, eles não pensam muito nisso, a vida continua na mesma, a poluição existe. A semana passada fui a Bangkok. Ninguém pensa em nada disso, não existe esta informação. Ok, vê-se, às vezes uns contentores ali com um amarelo, verde e azul mas ninguém quer saber disso e continua a haver combustível em todo lado e... São realidades totalmente diferentes. O que interessa... E por isso acabamos sempre por entrar naquela ideia de o que é que interessa, não é? Interessa... Aqui há muitos interesses por trás, ninguém sabe bem, e a economia tem que avançar, e tem mesmo, não pode parar, numa fase crescente, e depois, portanto, é um bocado isto.

**Agora, o que vamos fazer é apresentar um jornal do futuro. Por isso, vamos só pedir que ouças.**

(...)

**Então, há poucos falavas da realidade que, no fundo, surpreendeu as escolas de hoje em dia, e agora pensando um bocadinho nesta realidade do futuro. Como é que te sentes em relação a esta notícia?**

Boa publicidade para Vox, não sei bem o que é. Boa publicidade. Acredito que é realmente pronto. As coisas têm que avançar. Não podemos ficar parados e ainda bem que sim que pensam em dar estas ferramentas aos mais... que pensam, quer dizer, não sabemos se é verdade, mas é bom ouvir uma sociedade assim. É importante, é importante os jovens terem a sua opinião e ouvirem e serem ouvidas as opiniões, haver democracia, é importante. Agora, eu também... pode ser uma ideologia diferente mas eu acredito que quando era mais novo também gostava de viver a minha vida mais como é que hei-de explicar. Havia pessoas a pensar por mim, vá? Não me estou a explicar muito bem, mas pronto... Eu estava na escola, as coisas aconteciam, para a semana temos que fazer isto, ok? A gente faz, não há problema. E não haveria tanto essa nossa escolha não era muito ouvida mas as coisas fluíam, na boa está tudo ok, fazia-se as coisas que eram pedidas, tudo mais. É claro, também houve alturas em que tinha minha opinião e era bom a gente sentir-se com algum poder de opinião. Mas sim, acho que é positivo sim, aliás com hologramas e tudo mais. E hoje em dia podemos estar muito gratos também com a facilidade de que temos em poder fazer essas transferências mesmo, mais vezes, como estamos agora a falar, estou em Macau, estamos em Portugal, já este é o futuro coisas que não aconteciam há 20 anos atrás, 25 anos atrás, talvez com esta facilidade. Portanto, acho que é positivo sim, fiquei surpreendido e sorridente para um futuro destes sim, acho que é importante.

**Achas que este tipo de iniciativa vai ter um grande impacto no dia a dia, ou seja, imaginas que a tua atividade profissional, por exemplo, vai mudar, considerando estas novas realidades?**

Sim, por exemplo, eu não sei se é enquadrado no que estamos a falar agora, mas isso aconteceu ontem, ontem. Eu trabalho num hotel que é um super resort, uma cena enorme. Aquilo por baixo é tipo uma nave espacial do

Star Wars, aquilo é uma cena do caraças. Aquilo é uma cidade por baixo da terra, subterrânea. E de outlets , para outlets, eles transferem a comida em robôs. Quando o robô chega com a comida já transformada, com algumas preparações, chega até ao nosso restaurante e a gente depois tem que pegar e o robot vai a andar todo contente e cantar umas músicas. Dizem que no Natal, metem umas músicas de Natal e aquilo é muito giro. E eu recebi a comida e depois cliquei lá em chinês. Eu não percebi muito o que é que fiz, mas mandei-o embora e depois disse adeus, tchau, tudo bem para ti. Porque ele é que qualquer dia vai mandar nisto tudo. Portanto, convém tratá-lo bem agora. O que eu quero dizer é que já vivo um pouco no futuro. Para mim aquilo é espetacular. Qualquer pessoa que veja aquilo fica espantado. É um robzinho que anda ali, com uma musiquinha, vê qualquer coisa pára, depois anda, e depois aquilo é cheio de lasers. É espetacular, é realmente o futuro. Portanto, eu acredito que já vivo no futuro, já vivo nesse futuro. São coisas inimagináveis em qualquer hotel em Portugal isto ainda não acontece. E eles aqui na China realmente estão muito avançados a cidades que já só se pagam e fazem tudo com os olhos e já não é preciso telemóveis, não é nada. É engraçado quando vou a cidades aqui na China e fico perplexo pela maneira como eles já vivem. E é o futuro, eu acredito que isso seja o futuro. Pronto, eu tenho esta particularidade sou muito bom a fugir às perguntas que as pessoas me fazem e depois divago um bocado, peço desculpa.

**Não, mas está tudo bem porque eu acho que estás a trazer outras coisas que eu não te vou perguntar e que também são interessantes de ouvir, por isso está tudo bem em fugir às perguntas da forma como achares melhor. E, estou super curiosa, eu acho que pesquisar esse robô que leva comidas em Macau e sim, é interessante o que estás a dizer, ou seja, que sentes que está tão evoluída, se calhar, em termos tecnológicos e digitais, mas depois, por outro lado, não fazem reciclagem...**

Fazem, mas não é uma coisa tão... Não é uma informação tão acessível a qualquer pessoa como é na Europa. Por exemplo, eu fui abrir um hotel há dois anos atrás em Melides e estamos a falar numa aldeia no Alentejo e a informação estava lá todos os dias, nós tínhamos de ter atenção e eu ainda por cima era o responsável, portanto, havia os lixos e tinha que tomar conta dessas coisas saber como é que lidava com isso e, por exemplo, as garrafas de plástico para servir água tinha que ser em vidro, coisas normais, mas aqui não acontece nada disso, aqui o dia a dia tem que acontecer, amanhã é outro dia as coisas não param os hotéis... como sabem, Macau é o Las Vegas da Chinas, é luzes por todo lado, 24 horas, poluição, não existe ou melhor, existe, mas ninguém quer ver. Espero bem que não tenha nenhum problema a dizer isso aqui

**Não, não está tudo bem. E pensando ou seja, se calhar nós até já estamos bastante evoluídos quando falamos que calhar da Europa, ou seja, nesse sentido mais em relação à poluição à preocupação com o ambiente mas pensando em outras coisas quais é que achas que vão ser assim os maiores desafios agora para o contexto português ou seja, pensando em Portugal em 2050, o que é que prevê serem desafios para o país?**

Infelizmente as notícias que eu que eu consigo ler e também tento fazer também um pouco uma absorção do que é importante o que não é e tudo mais e infelizmente, quando eu digo infelizmente acerca da imigração em Portugal aos migrantes não sei pronto as pessoas que estão em Portugal que não são portuguesas, eu também não sou chinês e estou aqui com todo o respeito a falar sobre este assunto estamos até com uma crise de muitas pessoas de outras nacionalidades em Portugal acaba também por ser um bocado preocupante não sei até que ponto que Portugal vai continuar a ser nosso é um pensamento um bocado negativo acredito que nunca irá acontecer nada disso mas é preocupante e talvez eu esteja a dizer isto com base na informação que recebo lá está e pode não ser nem 100% fiel mas acaba por ser para mim um problema acerca das... por exemplo, como fui há dois anos a abrir este hotel em Melides, eu lembro-me fui viver em Grândola e nós estamos a falar de sítios remotos em Grândola já era por exemplo 30% era pessoas de outras... eu não quero estar aqui a dizer as nacionalidades mas posso dizer para vocês terem uma ideia mas eram imensos brasileiros havia sítios havia ruas de só de brasileiros não há problema, eu dou-me bem com todas as pessoas e as pessoas eram espetaculares não havia problema nenhum mas acabas por ficar um bocado negativo. Espera lá isto já não é português isto é só brasileiros já não é um país para Portugal o que acaba também por ser uma realidade diferente não há problema nenhum e eles faziam trabalhos que muitos dos portugueses não queriam fazer. Eu cheguei a entrevistar pessoas, brasileiros e também de outras nacionalidades mas lembro-me, curiosamente, destas pessoas que me chegavam à frente queriam um trabalho eu podia dá-los, estava a tentar ajudá-los, a dar um trabalho de copeiro e pessoas que já tinham uma profissão lá atrás, largaram uma vida para vir para Portugal, sem documentos, sem nada e eu tinha que dizer o que me era dito, os superiores diziam “precisas de fazer esta papelada para podermos avançar com o teu trabalho”, pessoas sem nada. e eu perguntava porquê e eles dizem no Brasil está por demais eles matam-te por um telemóvel, eu quero só segurança eu não preciso mais nada. Eu olhava para as pessoas e queria ajudá-los porque também no outro lado da moeda também tinha

levado a minha mulher foi comigo, a minha mulher é chinesa, aqui de Macau, foi comigo para Portugal e eu estava a perceber mais ou menos porque eu também tive que estar a arranjar a papelada toda para ela tentei arranjar trabalho para ela o que não foi fácil também não foi super difícil porque eventualmente sou português e consegui mexer e consegui pagar advogados, consegui porque tinha essa possibilidade e conseguiram avançar com a papelada e ela conseguiu ter a residência e tudo mais, mas o que acaba por ser preocupante isto acaba por ser um tema talvez esteja a ser um bocado... há pessoas que gostam de retratá-lo de uma maneira muito agressiva mas eu estou a tentar ser passivo que é um problema, acho que é preocupante, as pessoas que estão a entrar no nosso país, e é claro que também querem ajudar, querem fazer um país melhor querem também ter uma segunda oportunidade na vida, o que é legítimo mas eu para estar aqui em Macau desde o dia 1 tive que estar sempre legal, tudo certíssimo em papel todos os papeis super certos as coisas não funcionam de outra maneira aqui sem ser corretamente. Agora em Portugal acaba por ser tão liberal que já não há um controle o que acaba por ser um bocado assustador.

**E agora pensando em cenários mais positivos o que é que vê de oportunidades? Se calhar o principal desafio tem a ver com esta liberdade de entradas em Portugal, a falta de controlo, e desafios até a perda um bocado da nossa enfim, da nossa cultura, da nossa génese de Portugal mas agora pensando o que podem ser oportunidades?**

Oportunidades, como assim?

**Oportunidades para o país, o que é que vê ou seja, falámos um bocadinho de desafios que Portugal vai enfrentar em 2050 o que achas que podem ser oportunidades, até pode ser para resolver estes desafios mas pode ser outras coisas que tu vejas que será uma oportunidade para Portugal.**

É uma realidade hoje em dia, lá está eu eu acho que acabo sempre por tentar falar no futuro sempre a pensar no presente acho que sequer é a minha maneira de ver as coisas pois é que não consigo ter uma imagem tão clara de 2050 porque eu penso sempre no presente e eu acredito que Portugal realmente esteja num bom caminho é uma oportunidade muito boa o turismo, que é a minha área e também onde eu tenho essa informação. Conseguimos realmente validar um pouco mais o nosso país acerca do turismo lá está, estou a falar do que sei, não vou estar aqui a falar de coisas que não sei. Sei que estamos num bom caminho, estamos a fazer trabalhos muito bem feitos em termos de turismo, uma indústria que realmente está a dar alguns benefícios a Portugal acredito que eu agora estou um bocado fascinado com a Tailândia. Eu fui lá recentemente, já fui umas três vezes, quatro vezes, e aquelas pessoas, a maneira como recebem as pessoas eu pensei que nós éramos muito bons a acolher as pessoas a receber, ter a cidadania e tudo mais mas ali é o berço, eles tratam as pessoas tão bem, és tão bem recebido, eles não olham para estatutos, nada só tipo olá, como é que você quer, está tudo bem, tratam tão bem recebem tão bem que eu agora acho que já não somos os melhores já não somos os melhores fomos ultrapassados, mas isso estou a brincar. Acho que acredito que é um dos fatores que posso também a nossa maneira de receber as pessoas do nosso civismo acho que é uma coisa ainda muito como portuguesa e acho que é uma coisa que pode ser ainda relevante e basicamente o turismo era importante e eu acho que Portugal tem todas as qualidades também para ter uma política mais transparente porque estamos a falar de um país até digamos pequeno conseguimos dar o exemplo talvez por um mundo inteiro que se fossem as pessoas se tivermos pessoas transparentes e corretas à frente do país que também poderíamos começar a ter um futuro mais mais positivo, acredito que também isso possa ser uma das coisas que possa melhorar e tenho essa fé não é que agora não esteja mal sei lá, também não sei muito bem mas pronto. Oportunidades, basicamente se a gente continuar a produzir cortiça e vinho acho que acho que estamos lá. Estou a brincar e não sei, acho que já falei realmente a única coisa que sei.

**E em relação a diferenças e igualdade de género, como é que achas que vamos caminhar nesse sentido?**

Como eu já referi, vou ter que dizer outra vez, na Tailândia isso não é um assunto e acho que Portugal também está no bom caminho, acho que somos bastante liberais acho que não há já esse, quer dizer, pode haver ainda mas nas sociedades mais novas acho que já estamos muito mais tranquilos acerca disso. É importante e já não olhamos tanto também para a mulher fazer este trabalho ou X, Y ou whatever acho que já está tudo muito mais tranquilo penso eu, pelo menos é a ideia que eu tenho e quando digo a mulher, digo homem, isso é igualdade de género, não é só a mulher, também pode ser o homem fazer coisas de mulher, ou minha mãe ainda me diz acho tão bonito ver um homem e passear um filho. É normal, eu se tiver o meu filho também vou querer passeá-lo, curiosamente há uns anos atrás estava passear um filho, eu e meu colega estava a passear o filho e éramos os dois homens a passear um filho e olhava para as pessoas as pessoas da nossa idade, ou até mais novas não olhavam mas havia as pessoas mais velhas olhavam para nós, o que é que se passa, o que é que se passa ali?

aquele filho vai para onde? e acho que essas ideias vão começar a deixar de existir acho que eu acredito na igualdade de género e tudo mais, acho que estamos ok, estamos num bom caminho quando eu digo na Tailândia, na Tailândia realmente eles estão no outro patamar é casas de banho já para homem e mulher e para quem quiser ser o que quiser ser, portanto é engraçado como lá no as mulheres fazem o que fazem de lá não tenho a certeza acerca dos ordenados e não tenho a certeza acerca de isso, acredito que na Europa esteja a melhorar esteja melhor do que por exemplo, aqui na China ainda existe muito isso, o homem recebe mais do que a mulher mas também vejo mulheres a fazer em trabalhos pesados e não há problema nenhum eles acho que dão, oportunidade de géneros, é igual só que acho que a renumberção ainda é mais elevada para os homens, portanto já está é como eu tenho muitas realidades quando vou e como estou aí como fui criado aí e tenho essas informações mas também vivo aqui já há 2 a 3 anos 4 anos e começo também a comparar às vezes muitas coisas, o que acabo às vezes por ficar um bocado baralhado nas ideias o que é que vai ser o futuro. Acho que é o porque a minha grande razão não saber bem, porque são realidades bastante diferentes.

**Se tivesses que pensar ou idear tu a sociedade em que queres viver, com os valores que queres para essa sociedade e que nós devíamos cultivar até lá, como é que descreverias essa sociedade?**

Agora fiquei um bocado baralhado porque eu até queria dar um advice para nós melhorarmos como sociedade também.

**É válido, é uma das perguntas, portanto, podes seguir com essa resposta.**

Como estávamos a falar da igualdade de género, eu acho que meu cérebro deve ter bloqueado aí, acho que era importante e pelo caminho que a sociedade está a levar e pelas ideias terem um bocadinho mais limpas acerca desse aspecto, era importante também deixar de haver, que as pessoas deixassem de se comparar porque se deixa de ser um não-problema porque temos que sempre comparar e fazer comparações pois é claro, se as coisas não estão ainda certas é claro que as pessoas continuam a fazer comparação eu acho que era importante tentarmos focarmos mais em nós e tanto nesse tipo de problemas colaterais, acho que era uma coisa importante para a sociedade e acredito que com tanta informação, com tantas maneiras inovadoras que se incutem nas pessoas e na sociedade acho que quando chegamos lá já está tudo normal e pronto é isso agora, pode-me só reformar outra vez a pergunta, desculpe que era isso que eu tinha para dizer.

**A pergunta era em 2050, em que tipo de sociedade é que gostarias de viver e que valores é que achas que devíamos cultivar até lá.**

Pronto, em 2050 acredito que eu gostaria de viver na sociedade um pouco... é difícil, é uma pergunta difícil para mim. Eu digo isto porque portanto, eu, quando estive em Portugal lá dois anos atrás fui abrir esse negócio fui fazer essa aventura um pouco chocado com o liberalismo como eu queria te explicar estou estando aqui dois anos, depois voltas para Portugal e depois tens o choque de que as pessoas todas têm a sua... há muita opção como é que eu hei-de explicar? Resumindo e concluindo, por exemplo, estava a trabalhar com jovens eles tinham que fazer o trabalho deles e quando reparei em quatro jovens dois estavam a tomar comprimidos para a ansiedade. Quando eu digo ansiedade e faço este olhar assim, pode ser que seja possível que esteja ansiedade, eu não digo que não mas eu nunca ouvi falar em ansiedade aqui não se ouve falar, não se sabe o que é. É positivo? Também não sei. É positivo estar a tomar comprimidos para a ansiedade? Também não sei. Estou assim um bocado no limbo, eu acho que também devido a muita, há muita opção, há muita escolha eu hoje quero estar com ansiedade, não acredito que, eu espero que não seja assim mas dá-me a entender porque assim, eu também estou a falar um bocado do meu exemplo, felizmente não tive esse tipo de problemas, hoje em dia, tive que saber superá-los, claro que a pressão e tudo isso afeta bastante mas deixa-me eu acho que não tenho problema nenhum em criar aqui o meu filho acho que seria bom até porque Macau ainda tem a língua portuguesa, eu estou a dizer isto porque acho mesmo me vai ao encontro da sua pergunta, que não sei até que ponto em qual sociedade para mim são duas sociedades diferentes de Portugal, da Europa e da Ásia. Eu não sei até que ponto é que eu acho que seria bom o meu filho ser educado aqui porque tem valores que se estão a perder um bocado na sociedade da Europa quando eu digo Europa, digo América talvez sejam muito liberais, mas o que quer dizer? Quando eu digo liberais, acaba por parecer normal não é? Portanto, também não sei, é um bocado incógnito, mas daqui a 25 anos, o meu filho já tem 25 anos, já deve também ter as suas opiniões, já deve ter muita coisa, pode não ter nada, mas até lá acho que já eu posso fazer a minha escolha de poder viver em Portugal, é o meu país, portanto acho que daqui a 25 anos há uma boa probabilidade de poder estar a viver em Portugal, uma casa minha e um restauantezinho pequeno lá à frente.

**E como é que imaginas que vai ser a cozinha portuguesa em 2050?**

Boa pergunta. Agora temos aqui pano para mangas, temos mais duas horas? Acho que a cozinha em Portugal, a portuguesa, a gastronomia, a gastronomia portuguesa está num bom caminho, como nunca tivemos. Realmente, o produto português está cada vez a ser mais enaltecido, o que era coisas típicas que não se ouvia falar há 5 anos atrás, 6 anos hoje em dia os chefes estão a pegar em coisas que sejam muito existentes, por exemplo eu fui abrir o restaurante em Melides, como já disse e eu estava fascinado estava a usar o mel de Melides, que é mesmo de lá, estava a usar o arroz de Alcácer, estava a usar queijo e eu acho que para quem é fascinado e para quem tem mesmo amor à indústria, é isso que vale a pena porque é enaltecer o produto português e acho que muitos chefes estão a fazer o mesmo portanto, estamos num bom caminho. A Michelin realmente está a dar estrelas à fartazana comparado há 10 anos atrás, estamos num bom caminho. Acho que daqui a 25 anos acho que já somos capazes de ser uma das potências, já temos algum poder, a nossa gastronomia já é forte mas acredito que possa ser uma das mais faladas também mundialmente, como a italiana, como a francesa, é claro, a gastronomia portuguesa também fica sempre um bocado infused com a espanhola, com a grega com a italiana, somos todos mediterrânicos mas temos coisas muito únicas no nosso mar, portanto essa é a minha esperança que daqui a 25 anos sejamos uma das pioneiras e das mais fortes, mais conhecidas.

**E pensando agora que há pouco falávamos também nos valores referiste-te mais à poluição e à nossa preocupação com o ambiente, achas que nos vamos tornar também mais sustentáveis na alimentação? Achas que temos essa preocupação? O que é que imaginas que vai ser o tipo de consumos daqui a 25 anos? Como é que achas que a sociedade vai mudar ou não nesse sentido?**

Estamos a entrar num caminho que realmente me deixa um bocado do paranoico que é, aqui em Macau as coisas chegam todas e nada se produz aqui, realmente tudo vem de outros lados, a comida que nós comemos aqui é toda empacotada, tem carradas de plásticos, não é nada, tudo congelado, é não nada próprio vêm alguns vegetais da China, mas é preocupante acredito que em Portugal e já se faz bastante, eu estava todo contente porque tinha um fornecedor de legumes biológicos ele tinha uma quinta tinha acabado de começar o negócio, então eu bora vou te ajudar, ele trazia os legumes acabadinhos de ser colhidos todos biológicos e que era uma maravilha, coisas que.. eu estava mesmo a viver o meu sonho, tive que abandonar porque a minha mulher não se adaptou a Portugal, tive que voltar a Macau mas, lá está, acho que Portugal, daqui a 25 anos, estamos de um bom caminho, vai estar tudo muito mais limpinho, muito mais acerca da gastronomia, vai estar muito mais verde, sem problemas, sem problemas alguns, acredito que sim, matérias primas com carne, peixe e tudo mais, estamos num bom caminho estamos num muito bom caminho. E aliás é isso que faz tantas pessoas irem a Portugal, por causa dessa frescura que nós temos, dessa não tão processada indústria da comida enquanto aqui eu só tenho que encher as bocas, basicamente e é um bocado triste, mas é verdade, e é um bocado isso.

**Para terminar, como é que sendo tu um chefe português no mundo, não é? Estando um bocadinho fora desse contexto, qual é que é o papel dos chefes portugueses no mundo em 2050? O que é que achas que vai ser importante a ser trabalhado até lá, e agora pensando num contexto até mais global.**

Acho que é mesmo isso, é sabermos ter muita atenção à sustentabilidade, é muito importante termos a noção de que nós também temos um poder nesse tema, eu tive essas armas, tive esse poder na minha mão quando eu estive em Portugal deram-me o poder de apostar em negócios mais locais e poder enaltecer o produto deles e isso também de certa forma acaba por ser uma coisa super importante que é ajudar os comercios locais que é porque a comida é super pura é o que deveria ser não é? E acho que nós temos esse poder e podemos utilizá-lo, estava a adorar utilizava pinhões de Melides, utilizava as coisinhas todas que podia utilizar do sítio onde estava a trabalhar o que acho que isso é o papel mais importante de um chefe, de uma pessoa responsável numa cozinha é utilizar e poder ajudar o local e enaltecer mais o produto local e não tão o industrial, que até acaba por ser bom e muitos deles têm muitas práticas e as comidas são boas mas acho que às vezes por pagarmos mais um X não é esse o problema é, no final de contas as contas são muito importantes mas eu acho que é isso, por ter essa sustentabilidade e também não fazer muito wasteage, é muito importante e acho que é ser das razões mais importantes, não só acerca da comida mas também acerca dos valores humanos, é importante também percebermos que a indústria também tem que ter alguma mudança, as pessoas não podem também fazer sempre estes horários que fazem não podem trabalhar tanto assim, não podem ter tanta pressão, mas isso é claro, são coisas que vão sem dizer e temos também esse arcaboço mas sim acho que basicamente é termos a atenção à comida, ao que pomos no lixo, e respeitar um bocadinho de mais as pessoas que trabalham nesta área.

## 04 — Alfredo Sendim

### Agricultor

29 de maio de 2025

**Megatendências associadas:** 01. agravamento das alterações climáticas, 02. pressão crescente sobre os recursos naturais

**Jornal:** *“Inteligência artificial apoia o renascimento económico das vilas do interior”*

**Então, quando pensa no futuro, em 2050, qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça e aqui pode literalmente ser um sentimento, uma imagem, um som, um lugar, o que que lhe vem à cabeça?**

Então, eu vou-me projetar para aquilo que eu acho que é desejável e possível e o que me vem à cabeça é um jardim à beira mar plantado, estamos a falar do nosso território, estamos a falar de Portugal e, portanto, se me perguntar qual é, o que me vem à cabeça, no fundo é aquilo que eu projeto como sonho, como desejo e o que eu desejaria para 2050 era uma realidade bastante diferente à atual, quer em termos geopolíticos, por exemplo, acho que nós em 2050 vamos estar claramente organizados de outra forma com os nossos vizinhos espanhóis, eu sou um adepto fervoroso da ideia dos Estados Federais Ibéricos, não é nós passamos a ser espanhóis, nem os espanhóis passaram a ser portugueses, é uma outra onda, é uma outra história, mas acho que, essencialmente, em termos de território, teríamos um mosaico de paisagem completamente distinto do atual, com muito mais diversidade, com peças muito mais naturais que nos faltam hoje muitas, nós temos a ideia muito errada no meu ponto de vista de que temos um imenso sistema natural, não é assim, nós, no Ocidente, na Península Ibérica também, temos uma dificuldade enorme em ter seres selvagens, por exemplo, que são fundamentais para um determinado tipo de sonhos, e por isso eu vejo uma ordem, quer espacial, quer em termos políticos de organização muito distinta daquela que tenho hoje, passaria por muito mais um equilíbrio entre o interior obviamente e o litoral, por uma atitude também diferente dos portugueses, assim de dizer, que nós, essencialmente, temos uma lógica muito mais no que está a pensar, de pensar que nós verdadeiramente gostaríamos de ter para o nosso território, como é que nós estávamos de viver aqui, e em vez de estarmos a trabalhar para isso e a fazer essa reflexão e a fazer com que ela se concretize, essencialmente o que eu sinto é que estamos todos a sacar oportunidades muito imediatistas, muito especulativas, que de alguma maneira me pergunto a quem é que vão servir, muitas dessas oportunidades nem sequer estão a ser no meu ponto de vista capturadas por nós próprios, estão a ser capturadas por interesses muito pouco e palpáveis, digamos assim, então eu acho que vai acontecer é mudarmos tudo, realmente os portugueses, os que nós chamamos portugueses que vivem neste território, eu acho que devia desmontar essa oportunidade, acho que nós temos coisas interessantíssimas em termos de cultura como a visão Ilha dos Amores do Camões, por aí, mas acho que nós devíamos, enfim, montados num conjunto de arquétipos que não nos ajudam e acho que nós devíamos essencialmente assumir e perceber o que é... que a atitude é que devíamos ter diferente a que temos agora, e essa atitude passa por, em vez de estarmos aqui todos a esgatenhar-nos (corte) que vai estar bom no ponto de vista, devíamos ver como é que seguramos o território para que esteja bom para os outros, mas que em primeiro lugar seja bom para aqueles que cá estão e que têm obrigação de gostar e de adorar a sua casa.

*[parte retirada, ajustes de conexão de chamada]*

Eu vejo um Portugal muito diferente em termos essencialmente de atitude dos próprios, de noção do que é que são os nossos desafios, acho que nós estamos todos muito distraídos com imensa coisa, e portanto a primeira coisa que eu vejo em 2050, daqui a 25 anos, é uma atitude dos cidadãos que só poderá ser criada obviamente pelas gerações mais novas, território para ver, vão lá ver como é que vendemos melhor isso, e com isso não é a atitude certa, é nós temos a obrigação de puxar por nossa casa, de despertar os nossos ancestrais, de os honrar, e portanto, como é que vamos não destruir isto tudo, como é que vamos viver aqui bem, como é que vamos pôr as regras, como é que vamos nós decidir, tomar a responsabilidade para nós próprios e não estarmos sempre a queixar deste senhor e daquilo e daquilo outro, desta conjuntura. Essa é a coisa que eu vejo mais importante mudar. Isto é algo que com certeza trará consequências a nível fenotípico, a nível de expressão depois da coisa. Isso terá seguramente um resultado na forma como nós olhamos e vemos o espaço, a paisagem, o território, na forma como nos organizaremos, entre nós. Por exemplo, posso dizer que esta loucura de acumular riqueza, tem

muito que ver com esta primeira atitude que eu acho que nos cega e que não nos permite verdadeiramente olhar para a nossa responsabilidade e para aquilo que está, priorizar aquilo que está verdadeiramente importante.

**Agora, pensando, ou seja, já refletiu principalmente até aquilo que acha importante mudar, mas pensando até, ou seja, quando é que sentiu, se é que sentiu, que o mundo estava a mudar, enfim, depressa demais ou não, ou seja, assim, a última vez que pensou, bem, o futuro vai mesmo mudar. O que é que o fez pensar nisso e quando é que isso aconteceu?**

Então, isso acontece há muito tempo. Eu tenho essa pressão da mudança e da necessidade de adaptação. Eu acho, por exemplo, que nós, muito mais do que evoluímos, nos adaptamos, nós humanos e todos os seus vivos. Nós estamos num planeta verdadeiramente com níveis que nós não sabemos, todos os ricos e eu acho, eu olho para a vida, essencialmente, como quase uma forma de revolta em relação a toda essa mudança de circunstâncias que está desde sempre à nossa volta. E, portanto, acho que nós devemos tentar resistir um bocadinho a essa mudança, até porque ela ultrapassa claramente as nossas estruturas, como, por exemplo, a nossa mentalidade, a nossa mentalidade não vai mudar ao ritmo que deveria mudar, que nós gostaríamos de mudar, até para se adaptar às alterações que temos pela frente. Então, isso lá está. Passa por, também, nos conhecermos melhor. Eu acho que nós temos duas grandes lacunas neste momento. Estamos convencidos que dominamos isto tudo e que temos o conhecimento todo na mão e não é correto no meu ponto de vista. Nós não sabemos de todo quem somos, nós humanos, nem em que planeta é que vivemos. E, se não tivermos esse, se vamos aprofundarmos essas matérias, vai ser muito complicado. Mas eu acho que eu, pessoalmente, fui tomando consciência desse ritmo alucinante que sempre estive no nosso planeta de mudança à nossa volta, seja de todas as esferas possíveis, e a perceber e a passar-me de uma maneira com isso, porque o conhecimento só nos dá essa possibilidade de que nós olhamos para as coisas com mais tranquilidade, com menos revolta, com mais enfim, uma forma mais estruturada. Eu, desde algum tempo, que vejo isso, essencialmente um ritmo de mudança aceleradíssimo, desde sempre [...] por nós próprios, nos últimos anos, e vamos [...] a essa mudança. Para ter uma ideia, eu acho que [...]

**Estamos com muitos cortes agora, Alfredo, agora não estamos mesmo.**

*[parte retirada, ajustes de conexão de chamada]*

**Pronto, eu não consegui perceber o final do raciocínio de há pouco, ou seja, estava a falar de que há muitas mudanças a acontecer, mas depois perdemos completamente o conteúdo.**

Então, eu estava a tentar explicar que eu tenho tomado consciência dessa mudança, que eu acho que é ancestral. Acho que a própria vida é uma revolta contra esse ritmo alucinante de mudança. Acho que essa mudança, na minha percepção, tem sido muito acelerada por nós, e ela esbarra com uma condição absolutamente essencial, que é a nossa capacidade de nós também nos adaptarmos. Nós, seres humanos, não temos dúvida que somos os campeões da adaptação, mas tudo tem limites, não é? E, portanto, eu gostava de dizer, para tentar expressar isto um bocadinho melhor, eu sinto-me hoje que vou num automóvel que só consegue andar a 100 km horários, ou olho para o lado, e vejo uma montanha, a deitar lava desde lá de cima, e percebo que a 100 km horários eu vou levar com lava. A lava vai-me atingir. E eu, por muito que carregue no pedal, não ando a 200, anda só a 100. As 100 são a mentalidade... O ritmo possível de mudança, os 200 são a mudança necessária, digamos assim, pronto. Isto passa por nós termos uma capacidade de autoanálise, de honestidade, de humildade, e percebermos, efetivamente, em que cenário é que estamos. Portanto, eu acho que, por um lado concordo, nós estamos num ritmo de mudança que sempre foi muito maior do que nós até temos percepção, uns problemas graves, com o volta a repetir. Nós não nos conhecemos como humanos, nem muito menos, conhecermos o planeta que habitamos, e quanto não nos atirarmos a essas tarefas, por muito... Isto parece absurdo nos dias de hoje, mas eu garanto-lhe que nós não nos conhecemos. Faço-lhe uma pergunta. Sabe que os homens começaram por construir ninhos e por fazer ninhos extraordinários, quem é que disto? Quem fala de ninhos? Um ninho humano. Então, nós não sabemos muitas coisas fundamentais. Basta dizer que nós somos um produto do paleolítico e ninguém sabe nada do paleolítico, chamamos aquilo o homem das cavernas, que é a coisa mais absurda, dado ao conhecimento que nós temos hoje, é possível, outras coisas do género. Portanto, acho que nós, efetivamente, a maneira de nos especificarmos, não é de alterarmos as condições, mas é de as reconhecermos melhor, até para podermos gerir melhor, é através de um conhecimento mais profundo sobre nós próprios.

**Boa.**

*[parte retirada, ajustes de conexão de chamada]*

**Ok, estamos todos conectados. Então, agora o próximo passo é nós vamos, no fundo, mostrar-lhe uma notícia do futuro.**

**O que é que lhe pareceu? O que é que sentiu em relação a esta notícia?**

Senti-me completamente normal, eu acho que ela vai... Sim, eu acho que senti como uma coisa completamente alinhada com aquilo que eu poderia esperar. Eu acho que toda a tecnologia é à partida boa e nós não viemos ter medo de criar tecnologia, já percebemos que qualquer coisa pode ser, tenho dificuldade a encontrar a palavra portuguesa, mas weaponizada, para lado ou com o outro, mas acho que a inteligência artificial vai ser absolutamente extraordinária e necessária para nós resolvermos uma série de coisas. Acho que não devemos ter medo, devemos estar preparados para os atritos, as consequências de qualquer coisa, como aqui também vamos sentir. Eu não sinto de maneira nenhuma que o emprego, ao contrário da maioria das pessoas, seja a fase, o estádio final da nossa construção. Acho que o emprego é uma coisa absolutamente precária e acho que nós devíamos começar a olhar para ele como tal. Acho que esta ideia está completamente enterrada, muito passada pela Margaret Thatcher, que um dia disse que a pobreza era um problema de personalidade, e eu não acho, acho que é que um problema de desigualdade, de acesso, de condições de todos os níveis, e, portanto, esta ideia que a sociedade ocidental continua a vender, de que é absolutamente extraordinário ter uma sociedade em que há emprego, que prepara-se para ter um emprego e eu vou-lhe dar um emprego, e vai viver toda a vida subjugado à minha vontade, e ainda mas um estado privado a cada vez mais e não coletiva, isto é uma [...] total. Acho que é preciso perceber cientificamente que quando a pessoa houve este discurso, e pensa então e se eu não arranjo um emprego, e se eu não sou capaz, e se eu não me entendo como a pessoa pode dar emprego neste sítio. Eu baixo imediatamente o meu sistema imunitário, a minha propensão para fazer disparates, porque acho que o emprego não é a solução. Acho que a solução passará muito mais para um rendimento incondicional. Gosto muito da visão do holandês, que escreveu muitos livros nos últimos tempos, muito interessantes, mas o último é mínimo e muito interessante chamado Utopia para Realistas, em que no fundo ele define e diz-nos que nós chegámos ao paraíso e estamos bloqueados, não sabemos como havemos de avançar daqui, estamos muito poucos no paraíso, com milhares de pessoas a olhar para nós no paraíso a querer vir também para o paraíso, e portanto que há um problema de descanso geral da sociedade, que obviamente temos que encontrar as saídas. As saídas para mim passam muito por uma coisa chamada economia planificada, portanto, tudo o contrário deste pseudo-mão invisível, que nunca existiu nem na cabeça do Adam Smith, nós temos que perceber que as pessoas hoje falam de coisas sem qualquer profundidade, de uma forma absolutamente arrogante e não correta, pelo menos estou a falar da opiniões, estamos a falar de factos, esta coisa da mão invisível, onde é que está, por exemplo, enfim, na realidade de Portugal, em que nós temos a meia dúzia de autocarros, não temos autocarros para a educação das nossas crianças e porque vão todos para os turistas que pagam cinco vezes mais. Então, eu acho que nós temos que perceber do que estamos a falar e temos que trabalhar uma coisa chamada economia planificada, e acho que a inteligência artificial vai ser uma ferramenta absolutamente extraordinária e necessária para planificar bem essa economia, porque nós não temos cabeça para poder fazer todos esses cálculos por nós próprios. Acho que a realidade vai mesmo ir por aí, acho que nós vamos ter que encontrar outras formas de nos ocupar, muito mais coletivas, porque nós somos seres coletivos, nós somos, em termos biológicos, uma espécie social, toda a nossa existência foi feita a colaborar e não a puxar para o interesse individual, como agora nos passou pela cabeça. Porventura, vamos ter que ter aqui umas dores fortes e uns sofrimentos valentes para percebermos isto, para começamos equacionar a coisa de outra maneira, só por ideologia também não parece que vamos lá, mas quando vai se encarregar, nos mostrar o caminho, seguramente, mas eu vejo que é por aí, portanto a notícia parece o mais normal possível, não senti nenhuma empatia, desculpe-me, não, o contrário, senti, o estava a ouvir se estiver vivo nessa altura, seguramente o que eu vou ouvir são coisas de género. Acho que isto não se aplica só ao mundo rural ou ao interior, acho que isto se aplica também ao litoral e aplica-se até muito mais ao litoral, acho que nós vamos ter que ser forçados a encontrar soluções muito mais por nós do que estamos a acreditar que existe um ser que nos dá imenso jeito para ver o que vai organizar-nos toda a nossa vida, o grande problema dos últimos anos tem sido esse, nós estamos a acreditar em histórias da carochinha, quer dizer, o senhor compra cada vez mais Teslas e trabalha cada vez mais e não se preocupe que as outras coisas importantes da sua vida, alguém vai resolver isso, é o maior fantasia em que nós podemos acreditar, não é? Acho que nós temos de perceber que temos que ser nós a organizar a nossa educação, se queremos não queixar-nos dela, da nossa saúde, da nossa habitação, da nossa soberania alimentar, que é uma coisa que é absolutamente fundamental como todas as outras, mas se nós temos que capacidade, e vai ser mais giro e vai ser mais engraçado, nós com certeza que não estamos a falar de pôr-de-parte, o princípio da especialização, não estamos a falar de sermos todos a fazer tudo isto, mas vamos ter que nos organizar, com aliás já nos organizamos de uma forma mais estruturada, em não sei quantos exemplos e momentos e espaços de este território todo, não tenho receio nenhum disso, acho que é um caminho, acho que é o caminho, a nós tomarmos por nossas mãos, a nossas responsabilidades, acho que um

dos problemas da política foi a dimensão e a forma como nós a estrutura mos, se nós vírmos tudo muito mais perto e círculos mais curtos e mais limitados, será seguramente mais fácil, e portanto, não foge, aliás, eu já me dei o trabalho de descrever a sociedade em que eu gostaria de viver, e a notícia encaixa completamente nessa lógica. Acho que estamos muito longe disso, não sei muito bem como é que vamos lá chegar, uma coisa é a gente desenhar sociedades ideais, outra coisa muito mais complexa, é nós fazermos processos de transição, percebermos como é que saímos da realidade para aquele exemplo [...] ou tantas outras pessoas, eu já me dei esse trabalho e já o escrevi, por isso que eu tenho um livro publicado sobre isso, não tenho muito interesse em estar a partilhar, mas também não tenho nada a esconder, por isso é que o publiquei, mas tem um último capítulo que tem exatamente a descrição, onde esta notícia encaixava completamente, até teve muito gosto em ouvir-la.

**Pensando um bocadinho mais agora, então, nos desafios que acha, ou seja, para pôr em prática, não é? Quais é que acha que são os principais desafios que o país então enfrenta?**

Bom, eu acho que um dos problemas é exatamente essa fórmula do país. Acho que nós temos que saltar do Império, acho que temos que perceber que o Império, o país vem ainda de uma visão totalmente... Acho que nós estamos no momento mais imperialista da história da humanidade, que é uma coisa também que convém perceber o que é, o que é o Império, o que é a visão do Império, e acho que nós não devíamos ter uma visão de país, acho que nós devíamos ter uma visão de região, de um povo, de uma humanidade integrada de outra forma, com tudo aquilo que está, e, portanto, comece logo para encontrar aí, ao começo. Acho que os grandes desafios são, obviamente, entre nós humanos, em primeiro lugar. Como é que nós nos organizamos? O que é que é a nossa expectativa? O que é que nos faz felizes? Como é que nós repartimos? Como é que nós diminuimos a temperatura em muitos graus de toda a tensão que temos entre nós? E, a partir daí, podemos começar a tentar resolver outros problemas fundamentais, como é que vamos atuar em relação às alterações climáticas, como é que vamos atuar em relação a coisas mais imediatas, como a habitação que temos neste momento, ou a gentrificação, ou a soberania alimentar. Acho que uma das questões importantíssimas é começarmos a aprender, olhar para os problemas de uma forma integral, e não nesta herança desta ciência dos últimos anos, toda especializada e organizada em caixinhas, que são, depois, nos dificultou imenso na forma de construir soluções. Por exemplo, a questão da habitação. Faz algum sentido tentar resolver a questão da habitação atual em Portugal, sem enquadrar na soberania alimentar, sem enquadrar nas alterações climáticas. Vou dar um exemplo. Vamos fazer a solução da habitação, construir mais prédios em Lisboa. Só e mais nada. Depois de vir de umas férias, como há dois dias em Valência, e vejo quantas pessoas é que vão morrer. Depois de não haver comida, porque ninguém percebeu, nós estamos na mão, claramente, do senhor Putin, não só pelas armas nucleares, mas por outras coisas muito mais importantes, como, por exemplo, a forma como podemos comer. Sei que o senhor quiser, por exemplo, que a gente não coma amanhã, a gente não come. Ainda estamos a reclamar, a acabar, a dar-lhe ordens para acabar com a guerra. Veja a esquizofrenia em que nós vivemos do meu ponto de vista. E, portanto, para mim, nós devíamos estar a pensar em transformar a companhia das Lezírias em colonatos, em entregar casas às pessoas com bocados de terra, que possam, de uma forma autónoma, e sabemos fazer isso, às pessoas, criar comida, não só para eles, mas para as pessoas que estão à volta. E devíamos ter capacidade, e, com isto, por exemplo, estou a tentar construir uma pequena solução, para uma visão integrada destes problemas. E não só de um à vez, mais oportunidades negociadas, especulativas sempre de cada um, em que a coisa na final não fica bem feita, e só ficou mais um Tesla para aquele senhor que vai ser mais uma infeliz e que vai ter mais problemas. Então, acho que nós temos que, evidentemente, perceber que nós resolvemos os problemas entre nós com as mesmas fórmulas do passado. Temos que encontrar outras fórmulas inovadoras, diferentes, para acreditarmos que vai ser possível. Mas acho que o grande desafio está mesmo em nós. Nós somos o centro disto tudo, criámos um mundo à parte, fora do planeta que nos criou, antagónico com esse planeta, e, portanto, temos que mudar de vítima. A vítima temos sido nós, mas pela forma como nós temos abordado a coisa, e posso dizer que os nossos sonhos nos últimos 5, 10 anos têm uma vítima direta, clara, depois, diretamente, cai sobre nós, que é o sistema natural. Isso pode acontecer, não pode continuar a acontecer, temos mais do que evidências, todos os sinais, os vermelhos, portanto, temos que mudar de vítima, ou, por outra, eu diria, temos que deixar de ter uma vítima, e isso passa para, por nós, acertarmos coisas entre nós, qual é o jogo, é ficarmos cá só dois e temos o domínio disto tudo, é repartirmos entre todos, é verdadeiramente qual é a perspectiva com que olhamos uns para os outros, é, carne de para canhão, porque agora me interessa fazer uma riviera, ou é um irmão meu que está ali em Gaza, e que eu sinto como meu irmão. São coisas fundamentais, passam sem sombra de dúvida, por uma coisa que ainda não falamos, que é a perspectiva de como é que comunicamos, como é que passamos informações aos outros, e entre as gerações. É como uma coisa que nós costumamos chamar de educação, que eu também acho que não devemos chamar de educação, jamais, devíamos chamar aprendizagem que é uma coisa muito diferente, não é retórica de palavras, educação é o imprimir alguma coisa dentro da sua cabeça, e a aprendizagem é o

estimula-lhe a vontade de aprender e complementar ou menos contribuir para que seja um processo efetivo. É por isso que é muita coisa que temos que mudar, e acho que estamos muito estagnados e estamos muito paralisados, com coisas muito do dia-a-dia, e muito vernáculas, e que acho que também é a nossa tendência, porque também devemos ao conhecer-nos a nós próprios que vamos também pacificar-nos tudo isso. Agora, acho que nada de tudo isto, sejam lá como é que enfrentamos, como é que nos organizamos melhor entre nós. Sejam lá, como é que enfrentamos as alterações climáticas, como é que nos colocamos novamente, pela a primeira vez, de forma consciente no sistema natural, como elementos do sistema natural, e não como depredadores do sistema natural. Tudo isso vai precisar de duas coisas, que é um conhecimento completamente diferente de nós próprios e do planeta, portanto, essa construção de literacia, de conhecimento, consciência é absolutamente fundamental ter para nos pacificarmos com o que é possível e o que não é possível. E também, diria que no fim do dia, o que está em causa é um leque de valores éticos. É no fundo o quê, como e o porquê que fazemos as coisas. E acho enquanto as pessoas não perceberem que esta vida é uma oportunidade única e apenas para nós trabalharmos esse leque de valores e esse leque de valores é o que está a ser atacado neste momento. Estamos a falar de coisas tão diferentes como os direitos humanos, de uma relação ou não com a violência, de tudo o que sejam tolerâncias, com tudo o que sejam visões e sentimentos, por exemplo, em relação ao sistema que nos criou e do qual somos completamente dependentes. Tentamos a falar de coisas muito diversas e muito variadas que foram muito manipuladas e concentradas por instituições como religiões. Neste momento estão muito mais abertas, muito menos domináveis, mas são mais frágeis também por isso. E portanto acho que esse é o grande que nós chamamos em termos de méritos de consciência da humanidade e é aquilo que neste momento está a ser atacado de formas muito variadas, porque é óbvio que uma pessoa quando chega ali a um leque de valores éticos, não se deixa dominar e é uma série de pessoas que acham que as pessoas devem ser dominadas. Então, desses dois mundos que nós ainda temos e que teremos que perceber em qual é que queremos escolher menos em determinadas regiões, isto nunca foi tudo linear como nos venderam, sempre foi muito natural que haja sítios e pessoas queiram experimentar de uma maneira ou as outras queiram experimentar de outra, mas eu acho que essa construção de valores é absolutamente a coisa mais importante que nós todos temos para fazer na vida e para partilhar e para expressar e uma construção é uma experiência, não é um dogma. Acho que uma das coisas que nós vamos perceber é o peso do dogma, acho que uma das coisas que nós devíamos ativamente desmontar é o que é isso do dogma, mas andam a vender essa verdade porquê, por exemplo, pensarmos em coisas que estruturaram completamente o ocidente e continuam a estruturar, como, por exemplo, o trabalho e a dívida, por exemplo temos dois livros maravilhosos cada um sobre isso, um deles chama-se Trabalho e outro chama-se Dívida, que eu acho que toda a gente devia ler são livros muito recentes, toda a sociedade, por exemplo, está estruturada na dívida, os católicos nascem logo endividados, com o pecado original. Eu não devo nada a ninguém, não pedi a ninguém para vir para aqui, não devo nada a ninguém, devo a mim próprio, e devo seguramente ao sistema natural mas não venham com as histórias da dívida, acho que as pessoas estão todas muito condicionadas, o que também é natural, conhecendo-nos a nós próprios, perceberemos um bocadinho melhor como é que nossa cultura se forma e como é que chegámos aqui. Agora, sabe quantos museus existem no mundo sobre a nossa espécie e sobre a evolução do homem? É impressionante. São menos de 10. E um dos mais importantes está aqui a 300 km e ninguém o conhece. Nenhum português, o conhece. Tenho dúvidas, quer dizer, até é fácil de ver pela bilheteira. Quem conhece Portugal, por exemplo [...]. onde está um milhão e meio de estratografia do ser humano e que, por exemplo, os americanos ainda não incorporam isso nos disparates que andam a dizer, mas o primeiro homem que saibamos, que se saltou fora da África pisou aqui na nossa terra, não foi, em mais lado nenhum isso. De facto, este, por exemplo, esta história que eu percebi há dois dias, nós fazíamos ninhos, já tenhamos ouvido a uma vez de dizer que o homem fazia ninhos?

**Não.**

Nós estávamos a descer das árvores, e as crianças que estão com a mãe, vai ver o que é criar uma criança numa árvore. Não cai cá para baixo, quando a senhora adormece, claro que fazemos ninhos. E os ninhos criaram os cestos muito antes da idade da pedra, mas disparate é esse, de pensar que nós começámos a fazer só instrumentos agressivos.

**Já tocou um bocadinho, na verdade, em várias perguntas que nós tínhamos aqui, e fiquei curiosa pelo seu livro, mas confesso que não li e queria perceber, então, se tivesse que descrever brevemente a sociedade em que gostaria de viver. E até os valores, ou seja, já mencionou alguns, ou coisas que têm que ser alteradas, mas se tivesse que descrever no fundo essa sociedade, então, que queria construir até 2050 e que valores é que devíamos cultivar até lá, o que é que seria?**

Então, eu tenho esse trabalho, bem feito porque como disse tenho isso publicado numa coisa que eu chamei Na Era do Fruto Permitido e tenho um último capítulo, exatamente tentar perceber o que isso poderia ser e que dar ideias. Acho que é uma mudança de atitude que passa por um autoconhecimento que nós não temos. Foi a primeira coisa que tentei falar. Acho que há uma organização social completamente distinta a começar porque as fronteiras devem ser fronteiras ecológicas e não humanas. Ou seja, nós devíamos organizar-nos em bacias hidrográficas de fronteiras. Aliás, foi assim que começámos, de uma forma muito mais assertiva. Esta questão, por exemplo, em Portugal e a Espanha, nós não percebemos ainda as consequências de termos um Rio mais importante da Península Ibérica, morto, e, no meu ponto de vista, uma das razões principais de que ela está morta, é ninguém querer saber dele, porque faz parte da soberania, mas, enfim, é uma consequência da forma como nós nos organizamos. Então, eu acho que nós devíamos criar um rendimento incondicional. Ou seja, cada pessoa que nasce neste planeta deve, essencialmente, não ter medo de viver e ter condições para poder expressar a sua capacidade de estar vivo. Acho, por exemplo, que nós devíamos, obviamente, viver em sociedades de livre arbítrio. Acho que nós somos dos poucos, pelo menos que a gente saiba, que tem consciência neste planeta. A consciência dá-nos livre arbítrio, livre arbítrio dá-nos responsabilidade. Esta história de pensar que uns podem decidir pelos outros não passa pela cabeça. Acho que nós devíamos, essencialmente, ter a possibilidade de ter um trabalho individual privado, mas acho que devíamos essencialmente vocacionar-nos para o interesse do comum e, através dos comuns, é apenas uma coisa absolutamente diabolizada pela visão atual. Nós já sabemos quando é que os comuns são uma tragédia e quando é que os comuns não são uma tragédia. E o que é que é preciso fazer para que os comuns não sejam uma tragédia. Portanto, acho que as pessoas deviam ser responsabilizadas por um bocado do ecossistema, direta ou indiretamente. Mas esta ideia, que não queremos tocar, de darmos ou luxo, então eu agora só sou padre. Não foi o exemplo mais feliz. Mas agora só sou isto e não quer saber de nada das outras coisas que são fundamentais para a minha existência. É uma admissão. É uma, portanto, direto ou indiretamente eu não vou dizer que todos nós façamos a nossa comida, que somos agricultores. E, portanto, na minha visão, um país tem um número limitado para pessoas, que é outra coisa que não está nunca em cima da mesa, somos a única espécie que não atende aos recursos quando pensa em multiplicar-se, as únicas pessoas que me pensaram nisso foram os chineses e foram diabolizados. Eu não concordo com o forma como eles abordaram, mas concordo em absoluto, com a necessidade de ter essa variável em cima da mesa. Nós achamos que 8 biliões de pessoas num deserto que nós próprios criámos é a mesma coisa do que 8 biliões de pessoas num oásis, no Estado climático do ecossistema, não tem nada a ver. Eu e outras pessoas acreditamos que nós temos um planeta para 80 biliões de pessoas, mas não é a comer 115 quilos de carne per capita por ano. Nem é ter pessoas como os americanos a gastarem de uma forma absurda. Acho que é uma variável em que a inteligência artificial e toda a tecnologia nos vai ajudar e vai ser uma variável obrigatória e que não existe neste momento, que é uma coisa chamada eficiência energética dos processos. Ninguém ligou a isso, nós vivemos aqui a esbanjar à grande, a estragar. Obviamente quando nós dizemos que 80 biliões de pessoas podem viver nesse planeta é com eficiência, é com olhar para o outro, é com uma data de atitudes éticas que nós não temos hoje, não é? Portanto, há aqui muita coisa, mas há muita gente a trabalhar isso, não sou eu, eu nem acho que tenha ideias próprias, eu sinto que só capturo ideias, portanto. Acho que é imenso trabalho, mas ninguém quer saber disso, não é? E portanto, as pessoas só querem e também é normal, porque lá está faz parte de nos conhecermos a nós próprios, percebemos que nós também precisamos de alguma evasão e isso também nos faz falta e também não conseguimos ter, não somos tão bons como aquilo que gostaríamos, talvez seja por aí [...]. Então, acho que há um processo também de pacificação, mas acho que é um processo, portanto, nós temos que verdadeiramente perceber que é normal termos, nós sofremos tanto, há tão pouco tempo, todos nós que o salto que conseguimos dar, por exemplo, veja o que era Portugal há 50 anos, uma estabilidade infantil, pessoas sem conhecimento, nenhum, na minha região 80% das pessoas não tinham mais do que a camisita que tinham vestida temos que ver o salto que nós demos e que vivemos neste momento no paraíso. Eu não acredito, eu acho que tem que haver fronteiras e tem que haver controle das pessoas mas isso é uma coisa muito diferente nós vivemos todos em prisões de céu aberto, o que vivemos neste momento, é preciso perceber que os passaportes começaram há meia dúzia de anos, a maior parte das pessoas não tem noção de nada disto então não consegue, e estar a pedir às pessoas neste momento para tomarem decisões numa ignorância total e fingirmos que as pessoas são seres capazes não só de racionalizar mas também de sentir e de trabalhar todas estas questões é um absurdo, começa logo por aí. Eu também não estou a preconizar com isto a eleição de um ditador, de maneira nenhuma, mas acho que nós temos que ser conscientes de isso e portanto é que nós temos que [...] com as consequências disso, não sei se me faço entender.

**Sim, sim, sim, sem dúvida, eu não acabei por interromper porque confesso que foi respondendo a muitas das perguntas que eu tinha aqui e na verdade estamos mesmo a chegar ao fim. Acho que a sua visão e perspectiva já ficou bastante clara pelo menos as necessidades e desafios que temos pela frente, tenho**

**aqui uma última pergunta que é, acha que vamos ser uma sociedade então mais conectada com a natureza ou mais dominada pela tecnologia?**

Eu acho que ambas, acho que a tecnologia vai ajudar a perceber a natureza nós não temos cabeça para perceber a natureza, a natureza é um coisa enfim, milhões de vezes mais complexa, mais perfeita do que a nossa essência que já de si é absolutamente extraordinária, e portanto acho que a tecnologia vai ajudar, acho que é obrigatório nós construirmos uma relação diferente com o que está a nossa volta, o que está a nossa volta ao espaço, mas nós nascemos num planeta que é um mistério mas que tem uma coisa chamada vida que se instala nesse espaço, e por acaso quer transformar esse espaço inóspito, em sítios maravilhosos para nós vivemos e portanto nós não percebemos ainda isto não percebemos que podemos viver em paraísos autênticos com toda a abundância que nós não fazemos ideia, criámos esta escassez, também é um processo de aprendizagem, portanto, acho que vão ser necessárias ambas, acho que não devemos ter medo da tecnologia mas não devemos pensar que a tecnologia resolve todas as nossas preguiças, digamos assim. Nós somos também seres preguiçosos então temos tendência a achar que os outros vão resolver todos os nossos problemas e que a tecnologia vai resolver todos os nossos problemas e não é assim, se nós não usarmos a tecnologia para aquilo que nos interessa não percebemos aquilo que nos interessa ela vai ser weaponizada. Tem alguma palavra portuguesa para este termo que eu acho absolutamente fundamental nos dias de hoje? Levada para uma aula, quer dizer, levada, não sei, eu gosto de usar palavras portuguesas, e estou a perguntar...

**Sim, eu posso fazer esse trabalho de casa mas por acaso também me está a surgir.**

Inebriada, não sei mas eu acho que nós vamos precisar das duas nós vamos precisar obviamente de uma relação diferente até porque nós temos esta crise entre nós vem seguramente também de uma crise de sensibilidade nas relações com todos os outros irmãos que trabalham todos os dias para nós aqui estamos e que nós, de uma forma absolutamente arrogante, como é que nós não vamos olhar para nós de uma forma absolutamente fria, arrogante não sei como é que hei-de descrever, já que construímos essa relação com tudo o resto que nos faz estar vivos neste momento. Não sei se as pessoas têm noção mas não são as cidades nem a tecnologia que nos permite estar a habitar este planeta, é a vida, a pouca ainda existe. Eu acho que a primeira é incontornável mas acho que a segunda também é incontornável e só nos vai ajudar

## 05 — Nuno Lemos Pires

### Defesa

2 de junho de 2025

**Megatendências associadas:** 08. um mundo multipolar, 07. aceleração do desenvolvimento tecnológico, 09. novos desafios à democracia

**Jornal:** “Rede global de sensores climáticos sofre com crise ambiental e geopolítica”

**Para começar, gostaríamos de saber o que é que pensa, quando pensa no futuro em 2050, qual é a primeira imagem, som, lugar ou sentimento que lhe vem à cabeça?**

Está a perguntar a uma pessoa que escreveu um livro que se chama *Civilização Quântica*, portanto, como deve calcular, não fujo muito aquilo que vou escrevendo. E neste momento também estou a... brevemente, vou editar um livro que se chama *Desorquestra*, que são perspectivas para as próximas décadas. Portanto, o que é que eu quero dizer com isso? Eu acho que a tecnologia e desenvolvimento científico neste momento que vai ser exponencial. Já sempre foi exponencial, mas nesta altura, é exponencial podes estar a atingir alguns limites que não científicos, nós não sabíamos mais onde é que podíamos chegar a ser da altura, qual é o ponto da criatividade, da inteligência artificial, de outros sistemas em que queremos a singularidade e podermos a transformar. Portanto, o que eu sei é que em 2050 já vamos ter uma sociedade, se não haver uma catástrofe, entretanto, se não acontecer, se não houver um acontecimento detrimental, catastrófico, que impeça isto mesmo, na evolução lógica do sistema em que estamos, vamos estar com uma sociedade muito diferente da atual, organizadas por princípios diferentes, profissionais diferentes e até a própria organização do sistema internacional, o juro que ele irá transcender, vai transcender o sistema internacional, que já não se vai basear nas mesmas próximas princípios e valores, sim, mas as regras do sistema internacional vão ser outras. Portanto, é isso que eu antevejo por isso é que eu chamo de civilização quântica, que é quando nós dominarmos a micro, conseguimos entender o macro e é isso que o fundo vai aqui moldar um bocadinho a sociedade futura. Agora, existem ameaças e riscos que não são displicentes e que nos permitem olhar para este futuro com um grau de incerteza também muito grande, porque tirando as ameaças reais doe confrontações diretas, temos neste momento alterações climáticas, demográficas, gestão de recursos, mas é fundamentalmente o alerta que vem que é uma gestão completamente desequilibrada dos recursos deste planeta, que levarão a que possa haver aqui uma alteração profunda na forma como nós visualizamos esta mesma evolução da sociedade. Portanto, há aqui duas formas de analisar o que é que vai ser. Vamos organizar de forma diferente, vamos representar de forma diferente e vamos estar a viver de forma diferente, que é seja fisicamente, porque o planeta vai ser diferente, seja porque há aumentos de temperatura, seja porque há menos recursos, seja porque há migrações forçadas, seja porque vai acontecer uma série de coisas, mesmo que seja por grandes conflitos. E a outra é que vamos organizar de forma diferente, porque a tecnologia, a ciência, a metodologia, a inteligência artificial, a robótica, a nanotecnologia, a biotecnologia, os avanços científicos são de tal formas gigantescos, que obviamente nos vão propor soluções que nós não as entendemos, seja a maior lição que tiráramos para o futuro.

**E quando é que foi a última vez que sentiu que o mundo estava a mudar, um bocadinho depressa demais?**

Se eu pensar no meu percurso de vida eu nasci em 1965, portanto fiz este ano 60 anos e o meu crescimento foi como o resto do planeta. Se nós andávamos para trás, cerca de dez séculos, não precisamos dar muito, dez séculos, na história, havia gerações que ficam exatamente a mesma maneira que gerações anteriores. Ou seja, os filhos e os netos viviam como os avós, cresciam na mesma zona, faziam as mesmas coisas, habitavam da mesma forma e praticamente durante gerações não se viu uma evolução que alterasse a sua forma de viver a não ser que houvesse coisas estranhas. Mas muitas vezes era plantar a terra como se plantava, comia-se da mesma maneira, educava-se da mesma maneira, fazia-se da mesma maneira e houve sucessivas gerações ou

coisíssimas muito pequenas, mas isto começou a mudar e a acelerar a partir da revolução industrial do século XIX, final do século XVIII e XIX, e aí começa a ser exponencial. Ou seja, de geração a geração a vida começa a ser muito, muito, muito diferente. O que acontece na minha própria vida? Eu assisti sempre também a um aceleração também desta mesma transformação. O que eu achava que a ser uma mudança dos anos 70 para os anos 80, foi muito mais dos anos 90 para os 80, foi muito mais dos anos 2010 para 2000 e eu chego ao ano 2025 e este mundo já é completamente diferente, quer dizer, quando eu tenho um computador na mão, que se chama-se um telemóvel, e que provavelmente daqui a dois ou três anos já não existe, ou seja esta é a grande diferença. Portanto, eu diria que me habituei a uma mudança de ritmo tal de maneira que hoje em dia acontecem dois fenómenos. Um, nós podemos estar a criar bases de conhecimento que passam a estar obsoletas no dia da sua aplicação. Portanto, eu posso abrir agora um mestrado numa ciência qualquer nova, uma ciência de dados. O aluno começa ao primeiro ano, quando chega ao terceiro ano, aquilo que o aluno já está completamente obsoleto. Isto é uma novidade. E depois é, as mutações em termos das necessidades de empregabilidade, de conhecimento e de técnicas para chegar a determinadas coisas, tudo aquilo que era fundamental há uns anos atrás, neste momento deixou de ser fundamental, aquilo que não era nada importante há uns anos atrás, passou a ser transcendentemente importante, portanto, por isso é que eu utilizo o princípio da transcendência. E é isso que estamos a assistir.

**Ok, ótimo. Agora, nós, com base no relatório que já foi desenvolvido pela Planapp, que dita nove tendências, imaginámos o que diria um jornal português em 2050, pronto.**

**O que é que sente em relação a esta notícia?**

É assim, a cenarização estratégica obedece a vários princípios e quando nós fazemos cenários devemos fazer-los, pelo menos, de duas formas. Uma, o que é que é mais provável e outra, o que é que é mais perigoso. Esse é uma cenarização estratégica, ou cenarização política, que eu diria um dos mais perigosos que nós temos neste momento. É a desregulação do sistema internacional, do mundo centrado em regras, e de obviamente uma falta de cooperação entre estados organizações internacionais, não governamentais, etc., que deixam de funcionar umas com as outras e permitir que o caos se instale, a lei de mais forte se imponha e a ausência de cooperação, seja uma afirmação, portanto. Isso é um pressuposto que pode levar a isso. O caos vence. A geopolítica dominante é, de facto, de associações assimétricas dos estados em grupos de alianças regionais, blocos de influência, etc., e, de facto, a competição leva a que a própria humanidade se auto destrua. É uma possibilidade como é possível exatamente o contrário, que é, neste momento, por isso é que eu defendo uma transcendência do sistema internacional. Nós começamos a perceber que os estados provavelmente podem não ser os atores fundamentais para o século XXI, e comecem a ganhar cada vez mais importância a sociedade civil, a ciência, o conhecimento da tecnologia, as pessoas, as instituições, fundamentalmente as instituições, e vão-se calhar instituições revigoradas no futuro, poderão levar, a mecanismos de cooperação, que ponham em marcha aquilo que nós, neste momento, temos o benefício da tecnologia, da ciência, que, neste momento, é verdade, que se deixarmos as coisas estarem como estão, ao ritmo como estão, alterações climáticas, e desbaratamento de recursos como acontece neste momento, biodiversidade, etc., floresta, gestão florestal, oceano, etc., vai tudo por aí abaixo. Mas, por outro lado, a própria ciência e tecnologia neste momento permite-nos pensar exatamente o contrário. Já existem mecanismos que mitigam, se houver uma cooperação internacional podemos reverter, há formas também de conseguirmos controlar a biodiversidade do planeta, de refazer reflorestação, de conseguir alguns equilíbrios, e, portanto, isto depende de se o modelo geo-político global evolui neste cenário catastrófico que anda tudo à bofetada, que é mais ou menos que diz aí, ou, em alternativa, se existem mecanismos globais de cooperação de desenvolvimento que podem apontar para o outro. Eu não sou adivinha, eu não tenho como dizer qual é a tendência que vai, neste momento, suplementar, mas tenho uma esperança, que é um bocadinho, o apostar nas novas gerações, ou seja, as novas gerações que são bastante mais ativas do que obviamente será as minhas gerações, obviamente por uma questão de natureza geracional, mas também por uma questão de necessidade, das novas gerações vão viver o impacto do que estamos agora aqui a viver, provavelmente vão conseguir impor uma certa narrativa de cooperação. Não porque seja uma cooperação benévola de "Kumbaya à volta da fogueira", mas por uma questão de sobrevivência. É necessário cooperar. É um bocadinho deixar lá esses problemas da minha afirmação do poder sobre o teu. Vamos aqui arranjar regras mínimas de convivência e vamos conseguir arranjar aqui plataformas comuns de entendimento para pôrmos aqui uma certa normalidade nisto tudo. Porque, se fomos para a visão catastrófica desse artigo, em 2050, então ainda podemos ir muito mais longe, porque nós podemos estar a criar, obviamente, dentro do mundo mundos separados, em que haverá minorias extremamente poderosas, que têm toda a tecnologia e outros que não têm rigorosamente nada. Com a ironia, e essa tal vez a ironia do século XXI, que se calhar pela primeira vez na história, temos a viver momentos em que os muito ricos já não precisam dos muito pobres. Ou seja, toda a história geracional anterior, é que os muito ricos precisam dos muito pobres para trabalhar para eles. Hoje em dia, os muito ricos precisam de boa

tecnologia, podem até dispensar a humanidade. Portanto, podem fazer Human Enhancement, ou seja, podem melhorar o próprio biofísico, aumentar as suas próprias capacidades cognitivas, as físicas, etc., levando quase até, e até à imortalidade, não é imortalidade, mas à imortalidade. Portanto, desenvolverem-se, criarem sistemas altamente equilibrados, criarem bolhas de proteção atmosféricas, ecológicas, etc., que lhes permitam viver em microclimas, que sejam altamente favoráveis, e o resto não lhes interessa, porque já não precisam. E claro, também não está posta fora a hipótese de irmos para outros condomínios, não é? Portanto, se íamos o condomínio Terra, íamos pôr os condomínios, que mais não seja, íamos pôr os condomínios próximos na atmosfera, ou íamos pôr mais longínquos para habitar outros planetas não será no ano 2050, naturalmente. Será mais para breve. Quer dizer que nós temos que fazer uma análise matricial daquilo que se chama Ameaças e Riscos. Isso deve ser um exercício, obviamente, que eu li as megatendências de 2050, fui ver as que eram as principais. E isto também tem, este princípio, que é a cenarização estratégica. A cenarização estratégica tem sempre a ver com duas variáveis, não é? Uma é as ameaças e riscos. Portanto, nós vamos identificar a ameaça e risco, àquele modelo, mas outra é a vontade. Portanto, tão importante, é uma como é a outra. Ou seja, tem que se saber qual é a vontade, que os governados dizem aos governantes querem [...]. E, portanto, eu não tenho a certeza que nós estejamos a viver de uma humanidade que é por natureza suicidária. Ou seja, as pessoas não são por natureza suicidárias, não anseiam pelo fim da sua própria civilização, pelo contrário. Portanto, há um certo normativo lógico, em que a própria afirmação do reconhecimento da verdade. A verdade, se não fizer nada isso vai me acontecer. Dos negacionistas, que por mais que queiram vão ter que se sucumbir a isto tudo, a certa altura é a evidência que entra pelos olhos adentro. A certa altura falta-lhe água, água e incêndio. O oceano subiu, a floresta desapareceu, o peixe já não se pesca, ou seja, é a evidência ao pôr-se em cima, obriga ao tal espírito de sobrevivência humanitária, em que as pessoas não sendo suicidárias vão procurar, então, como é que vão tentar resolver os problemas. Portanto, eu apostava mais em que nós vamos ter ciclos, não é? Vamos ter ciclos extremamente negativos, e que provavelmente estamos a viver um deles. Nós estamos em plena crise do sistema internacional, por isso é que eu falo em transcendência do sistema internacional, porque o sistema internacional que vai sair daqui não vai ser o mesmo. Eu diria que os valores principais vão ser os mesmos, mas o caminho vai ser outro. Eu gostaria de definir qual é, não sei, mas passa muito pela palavra responsabilidade. A gente tem que pescar aqui a palavra responsabilidade da família, a responsabilidade da aldeia, a responsabilidade da comunidade local, a responsabilidade da instituição local, a responsabilidade da região. Provavelmente vamos ter que viver outra vez à volta das grandes cidades, grandes grupos urbanos, grandes centros de conhecimento, as universidades. As universidades neste momento podem ser algo fundamental para dar o kick-off de independência de altruísmo e de proposta, ou seja, de propor novos mundos ao mundo, e eu penso que esse motor dado por uma geração da sua idade fará diferença, porque não é minha. A minha reflete, diz umas coisas, descobre os problemas, mas não consegue ter nem a vitalidade, nem a necessidade, nem a premência de propor boas soluções. Já não está aí, já não está aí. Está a se calhar no nível em que eu estou aqui. Eu vejo, estou a sentir, estou a pressentir, agora digam-me lá vocês o que acham, porque aí é que está verdadeiramente a solução.

**Um bocadinho, um bocadinho, de se trabalhar em conjunto também, que acho que tem pernas para andar.**

Também, quer dizer, porque é inevitável. Nós não podemos admitir que estupidez vence, quer dizer. O ser humano não pode admitir que a força bruta vence, porque as megatendências passadas, provam-nos que mesmo com grandes conflitos, com grandes anomalias estratégicas, a humanidade, ao fim de 25, 50 anos, evoluiu sempre num certo sentido, com maior protecção do direito, as liberdades garantias, com maior protecção do ser humano. Isso não quer dizer que não se passem períodos de 10 anos ou 15 anos, em que os estados se transformam em estados mais autocráticos, em que as pessoas voltem a perder valores relativos, entre homens e mulheres, direitos das crianças, minorias étnicas, etc. E pode haver momentos em que nós passamos por essas coisas, mas na trending de 25, 50, 100 anos, lá está megatendências, nas megatendências nós vamos aqui alinhar uma estratégia, que lá está, a própria ciência possibilite. Se um dia conseguirem matar a ciência, então eu diria que aí estamos perdidos de todo. Mas enquanto não, porque a ciência também é muito útil para fazer dinheiro. E, portanto, enquanto conseguimos manter aqui o equilíbrio em que a ciência que faz dinheiro é também possível investigar coisas reais, eu acredito que o alinhamento dos astros se fará de um sentido mais benigno do que maligno. No entanto, isto não é prova de nada. Só estou a dizer que a análise matricial, da palavra matriz, e a matriz quer dizer exatamente isso. Eu tenho que colocar todas as variáveis de um lado, nas abscissas e nas ordenadas. Ou seja, eu tenho que olhar para todas as possibilidades para poder analisar uma a uma e, como um todo. Isto está de tal forma intrigado. Se me permite usar uma expressão, eu utilizo esta expressão há muito tempo. Nós vivemos numa cebola. A terra é uma cebola. Porque é que eu utilizo a cebola? Porque, de facto, nós temos 12.700 quilómetros de diâmetro, 6.400 quilómetros de raio. Mas só vivemos em 10. Nós só vivemos em 10 quilómetros, na última casquinha da cebola. Temos uma cebola inteira, mas toda a

humanidade, toda a vida, toda a vida no planeta está em 10 quilómetros para baixo, 10 quilómetros para cima. Ninguém vai mais abaixo que a fossa das Marianas, 11 quilómetros para baixo, e ninguém anda a fazer grandes coisas para cima dos 11 quilómetros de altitude, de não ser uns ou outros aviões que vão um pouquinho mais altos na atmosfera. Mas, basicamente, toda a vida está concentrada nesta casquinha de cebola. Isto, estando concentrado nesta casquinha de cebola, é tão frágil que, neste momento, podemos pensar, que naquela zona da casquinha de cebola vai ficar tudo bem e o resto não vai ficar, ignorar que 8 biliões de habitantes estão a consumir recursos de forma desenfreada, de forma desorganizada, nós somos um péssimo gestor de condomínio. Este condomínio é nosso, mas não sabemos gerir este condomínio. Podemos acreditar ou desacreditar em alterações climáticas, não interessa. Como gestores de recursos já falhámos. Água, luz, alimentos, manter os rios, manter aquilo que, no fundo, é a gestão, a biodiversidade de cento a só, e nós somos péssimos a fazer essa gestão. Portanto, esta realidade vai se impor. E eu diria que, bem ou mal, vai obrigar à tal solução criativa em que, bem ou mal, eu penso que a tecnologia nos vai obrigar a encontrar soluções equilibradas.

### **E quais é que prevê serem os maiores desafios que o país vai enfrentar em 2050?**

Olhe, assim, nós somos um país que vivemos em alianças de países. Nós sempre fomos. A nossa fundação sempre fomos. E agora cada vez mais do que isso. E os grandes desafios que nós vamos ter é se vamos ou não vamos ser capazes de manter a nossa credibilidade, fiabilidade e competitividade como um pequeno estado dentro destes espaços maiores. Nós temos uma alavanca de influência superior à nossa dimensão em 2025. Temos influências da língua portuguesa, uma história, uma cultura, uma gastronomia e influência em vários espaços onde nós estamos e, de facto, temos um continuum mar, terra entre açores, madeira e o território continental que dá uma grande consistência a este cosmopolitismo português. Mas, em 2050, o maior desafio vai ser manter esta prevalência desta vantagem competitiva útil aos outros espaços. Útil aos outros espaços. E é isso que eu mais temo. É que a certa altura, por conformismo, por desistência, deixámos de apelar aquilo que nos transforma um bocadinho mais do que a média.

### **E a nível de oportunidades? Quais é que prevê?**

São tão más como os riscos. Nós estamos aqui a fazer uma SWOT. Uma SWOT que tem exatamente as oportunidades ao nível das outras. A oportunidade, de facto, é olharmos para este mar. Este mar que nós temos, entre Açores e Madeira, a nossa língua e a nossa cultura. Ou seja, a língua portuguesa não é de Portugal. A língua portuguesa também é de Portugal como é do Brasil, como é da Angola. E nós não... nós somos profundamente respeitados a Sul. E Sul é o polo dinamizador do desenvolvimento global nos próximos cem anos. Por uma questão demográfica, é porque aí que estou a nascer mais pessoas porque no resto do mundo já não estão, mas África vai ser um continente em expansão, somos profundamente respeitados pela forma como nos comportamos nomeadamente a Sul. E eu acho que essa é nossa grande oportunidade. É mantermos estes laços culturais fortes através daquilo que é a comunidade da língua portuguesa e através daquilo que é usar esta ligação Terra-Mar Terra, como eu costumo dizer, porque o mar não termina da Terra e a Terra não termina no mar. Olharmos para este mar interterritorial e sabemos desenvolver de forma harmoniosa, recursos que têm em conta o mar que os une, Açores, Madeira e Portugal continental.

### **E quais é que acha que serão as principais mudanças no comportamento da população?**

Pois não sei. O populismo tem os dias ainda muito curtos, ou seja, este novo populismo, este novele muito, muito dinamizado por aquilo que são redes sociais em que as pessoas acreditam no que leem, seja da universidade britânica, ou seja, dos Zé das Pvides é igual, um post pode ganhar trending seja colocado pela British Society of Knowledge ou seja, pelo John Williams que acabou de fazer um post completamente e nós ainda não arranjámos normativa para isto. E a urgência está aqui, portanto, porque ainda nós ainda não aprendemos a viver nesta nova sociedade da informação. E neste momento temos um problema gravíssimo que é obviamente a desinformação, as fake news, as narrativas e tal, e portanto crescem como cogumelos os populismos, os aproveitadores das falsas ideias, aquilo que no fundo faz a narrativa mais populista e vem a agressividade. Portanto, o comportamento tenderá a normalizar a partir do momento, eu parece que sou repetitivo com isto, mas eu acredito piamente nisto, enquanto nós não colocávamos outra vez de novo a ciência no seu lugar. E quando nós tivermos normativas que nos permitam, por exemplo, aceder a uma plataforma social e saber se a informação é verificada ou não. Se tivermos um mecanismo de inteligência artificial que nos garanta logo que aquele filme é manipulado ou não. Neste momento nós não temos. Neste momento, um vídeo do Obama a dizer que apoia o Trump, eu posso ver um vídeo desses e acreditar porque a inteligência artificial permite-mo criar, mas se eu tiver mecanismos de verificação, tecnológicos, racionais, metodológicos que me digam logo que isto é

fake news, ou que nem sequer o deixem aparecer, eu acredito nisso e não chegámos ainda aí. Eu acredito que vamos chegar. E isso vai normalizar muito a vida e a sociedade. Porque quando isso voltar a normalizar a vida e a sociedade também voltámos a normalizar a vida na família. O que é que acontece agora? Com este extremismo populismo, também, e tem muito a ver com o período Covid, nós baixamos imenso a qualidade da vida societária e em família. Ou seja, houve uma crise profunda nos mais novos, uma crise profunda nos mais velhos, desconfianças e a sociedade azedou. E como azedou, isto criaram-se barreiras terríveis nas famílias, criaram-se barreiras terríveis nos bairros, desconfianças e depois o que emerge é um ódio latente no discurso político, é um ódio latente no discurso social, é um ódio latente às vezes dentro da família. E como isto é empírico, eu não posso provar isto. Estou a falar de forma empírica porque ainda ninguém fez uma estatística ver que o que eu estou a dizer é verdade. Mas empiricamente, nós sabemos que os miúdos que não tiveram durante dois anos na escola e tiveram a viver com o tumor da pandemia e nomeadamente a geração mais velha, que com aquela idade passou dois anos para poder dar uma abraço a ninguém, isto azedou muito a sociedade como ela está. E portanto, não recuperámos nisto. Não recuperámos nisto.

**Se pudesse dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje pode ser empresas, governos, organizações, qual é que seria?**

Há duas coisas que nós temos que fazer para que o mundo avance fundamentalmente. Um, é criar um sistema de governação transparente e que volte a utilizar a palavra respeito em tudo o que fazemos e tudo o que dizemos e tudo o que agimos. O que é que acontece? Nós realmente temos um problema gravíssimo das pessoas não quererem ter responsabilidades públicas. É demasiado arriscado, é demasiado visível, queima muito e as pessoas, o que é que acontece? Ou tem uma vida minimamente privada fora da parte pública ou aqueles que vão para a vida pública só vão aqueles que acreditam muito ou aqueles que nós nem queríamos que fossem. Mas isto tem a ver com falta de criação de condições para governar que passam por mecanismos altamente transparentes, muito eficazes e simplificadores. Não pode haver este excesso de burocracia que nós temos. Nós precisamos de métodos lineares, decisão rápida. E, portanto, o grande conselho que eu dava agora era para arranjarmos formas de decidir em que a própria tecnologia lá está, a própria inteligência artificial e a própria tecnologia hoje em dia permitem-nos métodos de apoio à decisão que nos dão muito maiores garantias, dão muito maior garantia ao médico para te fazer um diagnóstico como dão muito maior garantia a um juiz para decidir um caso, como dão muito maior garantia a um político para decidir uma política. Neste momento, a tecnologia ajuda-nos a decidir e devemos utilizar isso em nosso benefício. E temos que garantir, de facto, que há aqui sim, não um pendor só para as novas gerações, mas um equilíbrio intergeracional muito forte. Neste momento, temos de facto dois terços da nossa sociedade completamente isolados de um terço. O que é que acontece? A sociedade está a ser gerida por um terço da sociedade, que é a geração do meio. São aqueles que têm mais 30, tem menos de 70, que são overworking, estão sobrecarregados, com preocupações a tentar decidir tudo em muito pouco tempo e geralmente decidem mal. Porquê? Porque lhes é dado tudo, depois temos uma geração mais nova, que anseia por oportunidades e que não as tem, não consegue ter casa, não consegue ter equilíbrio, não consegue ter emprego, não consegue ter oportunidades, e é de longe a que está mais preparada para assumir responsabilidades. E depois temos um terço da sociedade, que neste momento inevitavelmente é uma geração muito mais idosa do que era há 100 anos atrás, que é extremamente útil, extremamente sábio e que está a ser altamente desaproveitada. E nós não conseguimos encontrar este equilíbrio intergeracional, este é o grande desafio do futuro. O grande desafio do futuro é que as pessoas se sintam confortavelmente a contribuir para o todo, desde as mais tenra idade até ao último dia da sua vida. Não se pretende que se contribua tudo ao mesmo ritmo da mesma maneira, ninguém está a pensar que uma pessoa de 90 anos, vá trabalhar 8 horas por dia, nada disso. Mas que o seu conselho, a sua visão ainda pode ser útil, é muito útil. E o que o miúdo de 16, 17 anos, que já tem uma ideia engraçada no trabalho que fez para as ciências naturais e que possa ter um espaço, que possa discutir e que começa a aplicar, e começa a ser verdade da cidade, se ele começar a sentir que a sua ideia tem futuro para andar, ele quando chegar à universidade já vai começar a propor políticas públicas, e ele quando sair da universidade já começa a ter interação com a sociedade, porque lhe é dado as condições. Temos que equilibrar esses 3 lados da geração que neste momento está profundamente, e eu diria até, é quase um pecado o que nós estamos a fazer, temos uma geração do meio que tem as possibilidades todas, e que acaba também por ter os rendimentos todos, temos uma geração altamente motivada, que quer fazer coisas e que não pode, não tem dinheiro, não tem casa, não tem vencimento vivo, pagam-lhe mal e miseravelmente, não consegue fazer as coisas, e temos, uma geração de gente em casa que não quer estar em casa todo dia, quer ter descanso, não quer estar em casa, descanso é diferente de estar em casa. Não quer ficar fechados e isolados dessa sociedade. Portanto, aqui é que está a disrupção é olhar para o mercado de trabalho, para o mercado desta mesma inovação e tentar encontrar equilíbrios nestes 3 pontos da sociedade para saber fazer-la um bocadinho mais justa.

## 06 — Pedro Jordão

### Gamer

3 de junho de 2025

**Megatendências associadas:** 06. um mundo mais digital, 07. aceleração do desenvolvimento tecnológico

**Jornal:** *“Lisboa inaugura micro-bairros inclusivos que conectam universitários e séniores”*

**Para começar, qual era a tua profissão de sonho quando eras criança?**

Tinha mais que uma. Eu pensei em trabalhar numa companhia de jogos. Também pensava em ser soldado, principalmente por causa dos jogos que eu jogava, como que era mais alguns, não era de guerra, mas era baseado em alguns. Também pensei em ser veterinário. E trabalhar em vídeo também. E também, tipo, ter o meu negócio também foi um dos grandes que eu tinha quando era meu, provavelmente influência do meu pai, porque ele tinha a sua própria oficina. E queria ter algo da minha área, ou seja, ter a minha empresa, ou seja, sobre gaming, action figures, ou mesmo sobre cartas, ou mesmo tudo junto.

**Ok, ok. E acabaste por ir para a mobilidade. Bem, está de certa forma relacionado com o teu pai?**

Não, o meu pai é mecânico. E acho que ele ser mecânico e falar sempre de carros, acho que até me drenou um bocado da energia de carros.

**E quanto pensas no futuro em 2050, o que é que te vem à cabeça? Uma imagem, um som, um lugar, um sentimento, qualquer coisa, o que é que te vem à cabeça?**

Vejo que vai se viver bastante em aparências. Já se vive, mas bastante em aparências e vejo muito baseado, a não ser que se faça alguma coisa, por causa das redes sociais. Bem, da internet.

**E como é que isso te faz sentir?**

Um bocado desligado, porque eu sinceramente não ligo muito a redes sociais, às vezes as pessoas até odeiam, porque não tenho quase nenhuma pesquisa sobre mim nas redes sociais. E uma das coisas que eu até comecei a fazer, até foi começar-me a desligar do telemóvel, porque eu comecei a ver que é um vício bastante, como é que eu hei-de dizer? É um vício não saudável. Eu comecei por desinstalar os jogos no telemóvel, o que vou dizer é um bocado contraditório, mas não tanto, porque eu considero gamer, eu gosto de jogar e tudo mais, mas eu decidi, por exemplo, tirar os jogos do telemóvel como início, porque isto é, uma coisa é eu estar em casa e não ter nada para fazer, e vou fazer o que eu gosto, do meu hobby, outra coisa é eu estar fora de casa e ter a necessidade de qualquer sítio que esteja, que esteja à espera, qualquer oportunidade a gente liga com o telefone e vai ao jogo. E agora estou a começar a fazer o mesmo que as redes sociais, porque a situação dos reels do Instagram, eu nunca tive que Tiktok, mas sabemos que o Instagram e o Facebook e o YouTube têm as mesmas coisas, e as mesmas coisas dos reels de um minuto, ou seja lá o que for, é bastante aditivo, e eu vejo que a gente perde muito tempo da nossa vida e até a nossa dopamina, também muito desgastada sobre isso. E é outra das razões pelas quais eu comecei a desligar do telefone, porque acho que muita energia minha é gasta no telemóvel. Para além de ser uma identidade que a gente cria que não é verdadeira.

**Claro. E quando é que foi assim a última vez que pensaste que o mundo estava a mudar um bocado depressa demais? Se é cada uma vez isso que aconteceu?**

Assim, o mundo muda, o mundo já está a mudar, já faz tempo, a gente vive em constante evolução. Mas quando eu vejo que começou-se a tornar uma evolução não saudável, especialmente no caso desse tipo de tecnologia, se calhar de cinco anos, mais ou menos.

**E além de tecnologia, se há alguma coisa que sentes que está a mudar?**

Eu acho que basicamente tudo, porque aí está, vem basicamente da tecnologia e mais falar das redes sociais, as pessoas acabam por ser mais falsas, dão-se menos com as pessoas e as pessoas ficam num núcleo, ficam em casa e basicamente não saem. E um dos exemplos mais básicos que se pode ver foi quando houve o apagão aí em Portugal. Eu sei que basicamente toda a gente saiu de casa nesse dia e tirando a parte de chegar à noite, as pessoas até foram mais saudáveis. E eu também me lembro mesmo quando não houve redes sociais, não havia luz mas não houve redes sociais, por causa de que houve um problema de servidor da situação do Facebook e o WhatsApp e o Instagram estão tudo integrados, uma das outras. E as pessoas, nesse dia, as pessoas até se tornaram muito mais sociáveis e saíram e socializaram e tudo mais, até chegar ao momento em que a internet voltou e as pessoas desligaram-se novamente e voltaram todas ao telefone.

**Boa boa que não é nada bom. Mas sim, eu na verdade também tive um bom dia e bastante social no dia do apagão. E percebo perfeitamente o que dizes. Eu acho que às vezes... eu já tenho uma filha pequena e mesmo com ela com dois anos tenho que estar sempre a esconder o comando da televisão e coisas de género.**

Mas aí está, eu não critico que exista a tecnologia, antes pelo contrário, porque a gente precisa dela hoje em dia, especialmente para trabalho e tudo mais e para socializar também. O problema é a falta de controle que existe atualmente.

**Exato, exato.**

E especialmente miúdos, por exemplo, quando eu andava na escola nós passávamos o tempo todo a correr e tudo mais. E eu vejo que hoje em dia estão todos agarrados ao telefone e acho que isso não é nada saudável para uma evolução da nossa mentalidade, especialmente quando somos miúdos, porque a gente está a formatar a cabeça das pessoas de uma forma muito pouco saudável.

**Nós agora vamos-te mostrar uma notícia do futuro.**

**O que achaste, Pedro? Desta notícia?**

Dos microbairros. Sinceramente, não sei ainda, porque isso é um plano que a gente possa ter, não sei como é que isso vai funcionar. A intenção dos microbairros é basicamente para pessoas universitárias, foi o que eu percebi?

**Sim, é um apoio mútuo, digamos assim, aos séniores e aos estudantes universitários.**

Ok. Por uma grande parte, tipo, acredito que funcione, porque a gente por norma aluga quartos, perto da zona universitária de Lisboa, e até é bastante caro, pelo que eu sei. E a nossa cidade universitária é uma das zonas mais necessitadas que a gente deveria até apostar. E a grande razão é que nós temos pessoas, não só de Portugal, mas todo mundo, que vai para aquela área, tipo, fazer os estudos e precisa sempre de um sítio para ficar. E eu não vejo que... nós estamos a chegar a uma parte da nossa geração, em que é muito, está a entrar no normal teres que partilhar casa com pessoas, ou mesmo estranhos. Não é algo que eu concorde muito, todos nós gostamos da nossa privacidade, e mostra que a dificuldade de viver sozinho. E eu acredito, e se calhar com essa situação dos microbairros, acredito que vai melhorar isso bastante, se for essa intenção.

**Boa.**

Eu não sei como é que vão querer fazer a situação dos microbairros, o microbarro que até não é tão micro, acho eu, porque nós temos bastantes estudantes.

**Sim.**

Mas acho que é uma coisa que eu tenho que após funcionar, para os estudantes. Eu acredito que nós quando somos novos e adolescentes precisamos bastante contacto com pessoas.

**Boa. Então achas que é um futuro desejável, digamos.**

Sim, porque o nosso crescimento, especialmente quando somos adolescentes e pré-adolescentes, não deixa de ser das fontes do nosso ser quando nós crescemos. Nós, como seres humanos, precisamos muito de contacto e o contacto com as pessoas e evoluir a nossa parte social com as pessoas. E lá está, a parte das redes sociais, está a eliminar bastante isso. Porque eu vejo isso com o meu sobrinho, o meu sobrinho, é muito viciado na

tecnologia, no telemóvel, em jogos. E ele fala pouco, ele não é nada social. E eu sei que também não sou muito social, porque fui aprendido a estar sempre em casa e a jogar, porque minha mãe não gostava que eu saísse. E eu sei que é uma coisa que é bastante importante na nossa vida, saber socializar com as pessoas.

**Claro. E, enfim, além destes desafios, que outros desafios é que tu imaginas que Portugal vai enfrentar, pensando assim, neste futuro? Ou seja, além deste desafio, até mais de um contexto social, não é que depois, se calhar também advém um bocadinho da tecnologia e do que está a proporcionar, nomeadamente, com as redes sociais, que outros desafios é que achas que vamos ter?**

Para além da parte económica, porque o capitalismo está se a tornar muito extremo, o capitalismo. E isso é uma das coisas que a gente está a começar a sofrer bastante hoje em dia. Porque estamos a chegar a um ponto em que... um capitalismo ao ponto em que, imagine, nós atualmente estamos a comprar coisas que não são nossas, que continuam a não ser nossas. E isso é o extremo capitalismo que a gente está a chegar. A gente está a chegar ao mundo de subscrições, estamos a chegar ao mundo em que não temos nada, nada nos pertence. E eu não sei até que ponto é que isso irá funcionar. Temos exemplo, por exemplo, os carros Tesla. Eu considero que os carros Tesla, quando a gente compra, não são nossos. A Tesla, a gente compra, basicamente, uma licença para andar com o carro. Mas nós não temos direito nenhum para fazer nada com o carro. E a Tesla pode nos tirar acesso ao carro, sempre que assim quiser. Isso é uma grande dificuldade que a gente tem. Já começou com a Tesla, que é uma indústria de carros, e é um dos grandes problemas que eu tenho com carros elétricos, é esse, para além de outras instituições. E já está acontecendo também com a indústria gaming e acontece com a indústria de film-making. E eu não sei até que ponto é que pode começar a acontecer em outras áreas também. E isso vai fazer com que muitas pessoas sigam o caminho de muita ilegalidade e pirataria. Porque nós também somos muito consumistas, nós como pessoas e quando nós vemos que não temos nada no nosso poder, mesmo quando nós, supostamente, fazemos algo, compramos algo e mesmo assim, não é nosso, vai fazer com que as pessoas sejam... Eu não sei como é que vai fazer da cabeça das pessoas, para ser sincero. Mas não vai ser bem.

**Sim, é interessante ter essa perspectiva que eu tinha pensado nisto. Nem tinha, na verdade, esse conhecimento da Tesla. Ou seja, o carro pode ser desativado é isso?**

Acontece muito especialmente, em Portugal, não sei, mas sei que acontece na América. A Tesla, por exemplo, não gosta que consertem os carros numa oficina se não Tesla. Eu já não sei se já melhorou, mas eu lembro de ver notícias, por exemplo, que até, como uma pessoa foi arranjar um carro fora da Tesla, porque é muito mais barato, obviamente, e a Tesla bloqueou-lhe o carro. Basicamente, quando eu digo bloquear o carro, é não pode carregar o carro. E um carro que não pode ser carregado e elétrico... O carro, quando fica sem energia, não carrega, fica um tijolo.

**Sim.**

E começa a acontecer também na parte da indústria de gaming, como, por exemplo, a nova situação da Switch 2, em que eles dizem que a própria Nintendo diz que as pessoas não estão a comprar uma consola, estão a comprar uma licença para usar um consola. Se for contra os termos, a Nintendo pode desativar a consola mesmo, portanto, as pessoas estão a gatar 500 euros e perdem acesso a ela.

**Controlo, não é? Ou seja, não têm controlo sobre aquilo que, na verdade, não têm, pronto.**

Aliás, o pior que isso é que houve pessoas que tiveram acesso à Switch 2, antes da data, que acontece sempre para experimentar, e as pessoas têm a consola em casa e não podem usar a consola, portanto, dizer que só dia X de junho, não sei, é que dá acesso e podem usar. E eu fique...i pior que ficar à espera da data que a consola fique para se ir comprar é a tê-la nas mãos e nem sequer poder usar. Já andava em muita polémica na indústria de gaming, e já o próprio Diretor, por exemplo, de Ubisoft, mencionou que as pessoas têm que parar de pensar em ter os jogos, os jogos, tipo, os jogos não lhes pertencem, eles simplesmente usam uma licença, e por isso é que já vem o ditado das pessoas começarem a mencionar que se comprar não é ter, então piratar não é roubar. É um ditado que o pessoal de gaming já está a começar a criar devido a essa polémica. Eu não sou a favor de pirataria, nunca fui, eu prefiro ter as coisas originais. A minha coleção assim o diz, é um bocado grande, na minha opinião. Mas também não concordo como as coisas estão a ir. E a gente vive num mundo de subscrições, seja de filmes, seja de jogos, seja lá o que for, e no outro dia tive uma conversa com uma pessoa que esteve a ver Black Mirror e fez-lhe bastante confusão, eu não gosto muito de Black Mirror, mas foi mencionado e ela mencionou que fez-lhe bastante confusão um episódio em que as pessoas têm que basicamente pagar uma subscrição para os órgãos estar a posicionar. Ou era uma subscrição de vida, ou seja lá o que for. E eu disse

que nós basicamente, atualmente, já vivemos num mundo de subscrições, tudo é uma subscrição. E, tecnicamente, a subscrição de vida, não diretamente, já começa a existir, depende do país de onde nós estejamos, mas na América acontece, que se chama-se, é o Seguro de Vida. E uma pessoa que na América, por exemplo, quando tenha Seguro de Vida, não tem acesso a nada, porque os custos nos hospitais na América é extremamente caro e quem não tem um Seguro de Vida não tem futuro. E pode-se comparar mais ou menos ao mesmo e, tecnicamente, como uma subscrição, tens de pagar um valor mensal ou seguro para ter acesso à medicina, por exemplo, na América. Felizmente, não acontece em Portugal. Nós pagamos bastante taxas aí, as pessoas reclamam, sim, que a gente paga muitos impostos e tudo mais, mas, a realidade, acabamos por ter um estabelecimento de saúde sempre ativo, na maior parte das vezes, e não pagamos assim muito, na minha opinião, aí em Portugal, como, por exemplo, uma gravidez, como, por exemplo, eu, por exemplo, quando estive aí a viver em Portugal, tive um pneumotórax espontâneo, quase que morri, e fui para o hospital, foi feita uma cirurgia e, basicamente, não paguei quase nada, mas as pessoas esquecem-se desses pormenores, em muitos outros países, se calhar eu sobrevivia porque nem sequer tinha dinheiro para fazer uma cirurgia.

**Claro, não tinhas acesso, sequer. E agora, pensando, tentando agora até refletir mais em Portugal, que oportunidades é que vês, vamos dizer agora, numa ótica mais positiva, se é que achas que vamos ter um futuro positivo?**

Eu continuo a achar em Portugal um excelente país, apesar dos nossos... Os nossos desafios que andamos a ter, mas isso não é tecnicamente só Portugal, é um mundo inteiro que anda a sofrer, mas eu continuo a achar que nós temos dos melhores estudos, pelo menos de Europa, da melhor culinária, mas nós estamos a passar por um grande desafio. E pelo que eu sei, nós em Portugal até somos dos países mais caros, mas eu acredito que isso vai melhorar bastante nos próximos anos. Eu quero acreditar que as pessoas vão começar a voltar para o nosso país em vez de emigrar, voltem para o nosso país. No que é que podemos melhorar? Na nova geração. E sinceramente, não sei como é que podemos melhorar, possivelmente vamos ter que trabalhar bastante com custos. Eu vejo que vamos ter que aprender a trabalhar com o ChatGPT [...] que vamos necessitar no futuro, mas acho que devemos focar um bocado na nova geração, ter um bocado mais de mente aberta e não formatada.

**Quais é que achas que vão ser assim as mudanças de comportamentos desta nova geração? O que é que achas que deve mudar, ou que devia mudar, não é?**

Aquilo que nós temos quando aos mais novos é basicamente cortar um bocado, não é tecnologia, as redes sociais ou ter mais controlo. Acho que isso é o que faz um grande impacto mundial. Eu vejo muitas pessoas mentes fechadas e vejo que as pessoas vivem muito uma ilusão daquilo que vêem nas redes sociais, e a gente sabe que as redes sociais mostram aquilo que as pessoas querem ver. O que nos aparece no nosso mural vem de acordo com as nossas pesquisas, e aquilo que a gente vê, e aquilo que a gente gosta. Portanto, é filtrado, consoante aquilo que a gente quer ver. E por isso é que eu considero que esteja bastante mal. Por exemplo, quando eu vejo pessoas tantas pessoas a falar mal de Lisboa, que por exemplo está cheio de refugiados, e eu tive em Lisboa e eu não vi nada. Eu vejo que as pessoas falam muito que existe, que Portugal está extremamente perigoso e não se pode andar na rua. Eu sei que possivelmente está pior do que há 10 anos atrás, obviamente, mas não é tão mau como as pessoas dizem. Eu continuo a achar que Portugal é um país seguro, é muito mais seguro do que muitos países lá fora. Eu tenho a possibilidade de andar à noite em Portugal sem problema algum, e é algo que não tenho esse livre arbítrio em muitos dos outros países lá fora. Obviamente, por exemplo, aqui na Islândia é mais seguro, eu tenho a possibilidade aqui na Islândia, no inverno, acordar de manhã, ligar o carro, ir para dentro, fazer o meu banho, comer e tudo mais, e ninguém me mexe no carro lá fora. O carro está lá fora ligado, a aquecer, porque não me apetece estar a tirar a neve de cima do carro todos os dias, portanto, eu só vou ligar o carro. Sim, pessoalmente não tenho esse livre arbítrio aí em Portugal, independentemente da zona, mas eu continuo a achar que Portugal é um país extremamente seguro. Há pessoas que não concordam. Tudo bem, mas quando eu digo um país seguro, eu faço uma escala de per capita pelos outros países, e em comparação, eu acho que é um país seguro.

**Boa, e achas que então vai-se, vai-se permanecer assim, e há pouco mencionaste que por um lado esta geração mais nova é aquela que está mais agarrada às tecnologias, mas que então, com algum controlo sobre as redes sociais, que esse comportamento vai mudar. E também, ou seja, por opção própria, não vão querer ir para fora, é isso?**

O problema é que hoje é que a nossa sociedade, pelo que eu vejo, está a implementar muito nas pessoas, em Portugal, em que Portugal não tem futuro e o futuro é lá fora. E acho que nós devíamos estar a implementar, que

Portugal realmente tem futuro. E se nós estamos a falar, no plano daqui a 2050, ou seja, ao futuro, nós temos a tanto focar na nova geração que aí vem, não é nós. Nós simplesmente estamos a manter, ou estamos a preparar a nova geração para aquilo que aí vem. Ou estamos, portanto, por isso é que eu digo que, se calhar, nós devíamos, devíamos começar a arranjar planos e soluções para reformatar a mentalidade da nova geração que aí vem. E eles, tecnicamente, vão fazer o 2050 funcionar.

### **E imaginas-te a voltar para Portugal?**

Eu estou atualmente a fazer mudanças para Portugal.

### **Então já estás, vais trabalhar nessa geração.**

Porque a realidade, quando me menciona, em 2050 e aí em 2050, vou ter 60 anos, portanto. Já estou bocado, velho. Mas com um bocado de receio de como as coisas estão a andar. Mas eu acredito que exista futuro. E a ideia do microbairro, se for como a entrevista mencionou, e se recorrer de acordo com os planos, acho uma boa ideia.

### **E como é que achas que vai ser em termos de igualdade de género?**

Como assim?

**Ou seja, achas que a vida vai ser diferente para homens e mulheres? Como é que imaginas que será? Ou seja, nós temos caminhado para que haja mais, enfim, que haja uma maior igualdade em diferentes fatores, inclusive salariais, postos de trabalho, tipos de trabalho.**

Sinceramente, é um tópico que já está a haver muito... é um tópico sensível e está a tornar-se mais sensível com a data em que estamos. E sempre houve, nunca houve uma certa igualdade. Há uns anos atrás, há uns bons anos atrás, o homem tinha maiores direitos, e hoje em dia, eu considero que a mulher tenha mais direitos para o homem. Agora, chegar ao nível de igualdade vai ser bastante complicado. Volte dois, três anos atrás, estava no nível de... Aliás, estava a ver um nível extremamente alto de feminismo, que eu não estava a conseguir perceber o que estava a passar. E depois também depende do país, não é? Mas eu considero atualmente que as mulheres têm maiores direitos que os homens, em muitos aspectos.

### **Ok, podes dar alguns exemplos? Achas que isso é em Portugal ou na Islândia, ou no contexto mundial?**

Em muitos países... Tirando os países do Médio Oriente, na maior parte dos países está mais a favor das mulheres. Aqui na Islândia é muito favor das mulheres, por exemplo. E em Portugal também considero já algum tempo.

**Ok. Que direitos é que achas que as mulheres neste momento têm mais do que os homens, que eventualmente, na tua perspectiva, poderão deixar de ter novamente e, em 2050, estar mais equiparado, mas que tipo de direitos é que as mulheres têm mais hoje em dia?**

Eu, muitas vezes, quando tive esta argumentação com mulheres e que elas não concordam, e depois quando mencionam que os homens é que por norma têm mais sucesso de vida, os homens, por norma é que na política são os homens e tudo mais, eu não concordo muito. Eu vejo muitas vezes as mulheres dão exemplos e procuram posições de poder. Eu não vejo isso muitas vezes como igualdade. Quando se torna igualdade, eu vejo que muitos homens, um maior nível de pressão vem dos homens, o pessoal trabalha nas obras, costuma ser mais homens, que as mulheres não gostam de trabalhar nas obras. Quando se fala de igualdade, é igualdade em tudo, não é só em posições de poder, como política, como médicos e... Uma das razões, o homem e a mulher são seres diferentes, na minha opinião. O homem é um ser mais prático, mais para coisas, digamos, e a mulher é mais social, mais sentimental, mais para pessoas. Por isso, por exemplo, em termos de ensinos, uma mulher é melhor do que um homem, na minha opinião, porque tem mais empatia, mais tacto com pessoas do que um homem. Mas, por exemplo, se formos para a engenharia, vamos falar com o homem... é melhor do que uma mulher, na minha opinião. Mas, não digo que a mulher não seja capaz de ser engenheira, nem um homem seja capaz de ser professor. A gente tem os dois. Mas, por exemplo, uma das coisas que acontece muito, quando existe um divórcio, entre homem e mulher, por norma a mulher ganha a maior parte dos casos, como ganha os direitos do filho, ganha os direitos da casa, ganha os direitos, basicamente, mais que o homem, em muitos dos casos, em que eu considero não considero correto, porque não vejo igualdade. A não ser que discorde.

**Não, não. Não discordo. Agora, não sei os números, na verdade. Por isso, também não vou conseguir responder. Ou seja, se essa ideia-se, efetivamente, há um maior número de casos ganhos, e, depois, depende de imensos fatores, por isso aí teríamos que fazer uma análise mais...**

Mas, quando nós falamos, por exemplo, no divórcio e os direitos do filho, as pessoas, por exemplo, falam que a mãe tem sempre mais direitos que o pai, em termos de ficar com a criança, porque é mãe, porque tem mais contacto, tem mais empatia, tudo bem. A gente entende a situação. Isso acontece hoje em dia. Por isso, hoje em dia, existe um menor número de casamentos, do que existe, por exemplo, no tempo dos nossos pais. Existe até maiores números de divórcios, e até existe uma situação, uma situação má, em que não é por acaso, por exemplo, um homem, quando se quer juntar com uma mulher, prefere uma mulher que não tenha filhos, do que uma mulher que tenha filhos. E, infelizmente, isso vem por... O casamento começa a ser só um papel. Porque uma pessoa... Estamos a ver que as pessoas tão facilmente se casam como se divorciam. Como, por exemplo, os nossos pais. Os nossos pais casam-se, basicamente, para a vida toda. Os meus pais ainda estão casados, por mais stresses que eles tenham tido, eu até já ouvi situações em que eu pensei que eles fossem divorciar, mas, tipo, eles mantêm, em que... Muitas pessoas, hoje em dia, ao primeiro desafio, pedem divórcio. E o casamento, verdade seja dita, eu vejo mais... Mais para a mulher do que para o homem. Muitas vezes, eu vejo que o homem tem mais a perder que a mulher. É isso, essa sendo uma das situações. Em termos de divórcio, a mulher, por norma, ganha mais casos, fica mais a ganhar do que o homem. Mas... E quando... Nós homens também considero que somos muito lógicos. Então, se nós vemos que a maior parte do... O casamento, basicamente, poderá não ter futuro, de acordo com os números que a gente vê, existe um grande número de divórcios hoje em dia, portanto, porque é que eu vou dar tudo de mim, dar, basicamente, por quase tudo, tudo a perder por uma pessoa que, se calhar, não vai ficar comigo para o resto de vida. Uma das razões é essa, uma pessoa, um homem, por norma, prefere uma mulher que não tenha filhos do que uma mulher que tenha filhos. E a grande razão é, quando nos juntamos com uma mulher que tem filhos, nós somos obrigados a criar afinidade com a mulher, como é óbvio, é a pessoa com quem nós estamos, e com o filho, filho/filhos. Eu, obviamente, é normal, e mesmo que nós não queiramos e é mais que normal, nós juntarmos com uma pessoa, com uma mulher que tenha filhos, nós temos que criar afinidade com os filhos como se fosse o nosso. Só que é há um problema, não é o nosso filho. E mesmo que nós criamos um laço com o filho, como se fosse o nosso, se o nosso relacionamento, eu e a minha mulher não funcionarmos, eu perco acesso a ela e ao filho e eu fui obrigado a criar o laço com uma criança, com o filho, ao qual não tenho acesso porque não é meu filho. Se as coisas correm mal, eu perco acesso ao filho, basicamente. Obviamente, não é branco no preto, mas acho que conseguem entender. Enquanto, quando é nosso filho mesmo, mesmo que a mãe fique com o direito, eu sempre vou ter parte do direito de ter o meu filho. A não ser que as coisas sejam mesmo, específico, eu tenha sido muito abusivo, ou seja, lá o que for, em que o juiz, perco mesmo o direito de ter o filho, mas isto já são outros 500. Mas acho que me fez entender.

**Sim, sim, sim. Ou seja, então, achas que vamos caminhar para uma sociedade que se calhar com menos casamentos, mas pensando de se calhar também, ou seja, qual era a sociedade que gostarias de viver em 2050? Se calhar, até pensando um bocadinho em valores que achas que devemos cultivar até lá.**

É assim, eu vou sim, sincero. O casamento, para mim, não me diz nada. Porque, para mim, o casamento, eu não preciso de um papel dizer que estou com uma pessoa que eu gosto. Por isso, eu nunca casei. Eu tive junto com uma pessoa durante dez anos, mas nunca nos casámos. Porque o casamento, também, nós quase não nos casamos. Mas casamos, porque aqui na Islândia estava a ser bastante complicado provar que estava junto com uma pessoa, ou que estava solteiro, ou seja, lá o que for, porque eles precisam de um papel a dizer especificamente que és solteiro. E nós não temos isso. Basicamente, se não diz nada é porque nós não somos casados, não somos viúvos, não somos nada. Mas eles tinham de ter algo... Eu e ela pensávamos em casar somente por causa de papelada. Mas o casamento não me diz nada.

**Indo além até do tópico do casamento, a pensar numa sociedade o que é que... aqui os valores acho que podem escalar muito mais outros temas sem ser apenas, enfim, as relações. O que imaginas neste futuro? O que achas que vai ser importante, no fundo, cultivar até lá?**

Eu acho que as pessoas deviam cultivar bastante a parte de empatia que as pessoas estão a faltar bastante. As pessoas estão a tornar-se muito falsas e muito fechadas e acho que... Porque eu considero que tipo nós não podemos dizer nada. É muito... Tudo que se fala é muito tabu, tudo que se fala é muito ofensivo. E acho que devia-se aprender a criar mais empatia com as pessoas.

**Sim, ou seja entender também o lado do outro e aceitar diferentes perspectivas. Ok, boa. E se pudesses,**

**por exemplo, dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje e aqui pode ser, sei lá, pode ser uma empresa, como a Tesla, que já falaste e que se calhar está a ter mais posse do que aquilo que eu imaginava. Mas pode ser um governo, pode ser uma organização, enfim. Que conselho é que davas?**

Conselho que dava. É difícil. Para aprender, basicamente, aprender a dar valor às pessoas.

**Ok, boa.**

Todos nós... Por mais fechados que estejamos... Eu já tive bastante rancores com pessoas, mas sempre consegui pôr... Às vezes, não... Às vezes, se calhar não deveria, mas eu sempre considerei que consegui por o orgulho de lado e ajudar a pessoa mesmo... mesmo a pessoa que me tenha feito mal consegui, tipo, ajudar quando fosse necessário. Hum... E [...] do nosso ego que faz sentir-nos bem, de consciência e também.

**Claro. E como é que vês a influência dos videojogos, ou seja, até neste papel de envolver, civicamente, os jovens até 2050?**

Em que sentido?

**Ou seja, pensando que os videojogos também podem ser uma influência nesta criação de valores, ou... também na forma de ver o mundo e de... e de cultivar um mundo, se calhar, mais empático, ou... No fundo, o que achas que papel é que achas que os videojogos podem ter nesta geração mais nova e que... e que, depois, tenham um impacto para...**

Mas lá está, até hoje os videojogos está a ser um problema se não houver controlo. Eu cresci a jogar jogos. Eu aprendi a falar inglês através dos jogos. Eu aprendi até a socializar parte através de jogos e a negociar através dos jogos. Uma das partes, uma das situações onde os jogos que me influenciam até a negociar e a socializar e até, etc. Foi um jogo bastante antigo, que chamava o Roomscape. Mas hoje em dia o jogo está a... por exemplo, eu vejo o meu sobrinho joga bastante Fortnite, eu não gosto de Fortnite mas ele joga bastante Fortnite e joga às vezes com os amigos dele e... eu vejo o comportamento dele online, um comportamento diferente da vida real o que é extremamente normal, hum... mas... é muito... existe muito as microtransações que ele tenta fazer e eu não concordo muito com isso, hum... mas... eu acho que não há, existe problemas de jogar se houver um controlo sobre isso se não... se não acontecer, não deixar de viver a vida por causa do jogo ou pior ainda tornar-se arrogante para as pessoas em sua volta por causa do jogo, e aí já se torna um vício não saudável e os nossos hobbies é suposto ser algo que nos faz bem e sentir bem mas... que não prejudique quem está à nossa volta.

**Ok, já só tenho mais duas questões. Uma é o que é que te deixa mais entusiasmado com o futuro**

Hum... talvez o conhecimento que aí vem... e a surpresa. Eu estou a chegar a um ponto em que eu não sei o que que possa esperar mais, o que é que possamos evoluir mais e às vezes... muitas coisas que aparecem novas eu não considero novo ou uma grande evolução por isso eu... eu... quero ficar surpreso pela positiva do que aí que nos espera e muitas vezes o que... e as últimas surpresas que têm acontecido, no geral não é... não tem sido tão bom basicamente, tem sido... razão para polémica e... e as pessoas estão a se tornar muito críticas em relação a tudo e eu gostaria de algo surpreendente pela positiva.

**Não sabes ainda o que é, não é?**

Pois... carros elétricos não é algo que nos surpreendeu muito, híbridos ainda bem, mas elétricos não me diz muito porque eu sinto que não tenho controlo sobre nada disso. A realidade virtual foi algo que até achei bastante interessante e a indústria dos filmes também eu vejo que está a denegrir a sua imagem... a parte de tecnologia eu não sei o que é que a gente possa « mais, mas gostaria de saber o que é que possamos evoluir mais por isso é que eu então gostaria de ver em termos de sociedade, que é o que algo precisa de ser evoluído

**Boa... por fim, se tivesses descrever o futuro numa imagem o que é que descrevias?**

Hum... complicado... sinceramente, não sei como é que como é que iria descrever o futuro.

**Se calhar pensa num futuro que tu gostavas de ter.**

Hum... eu sinceramente não consigo imaginar como é que, como é que vai ser o futuro. Hum... eu imagino que o futuro se vai começar a viver em... como a gente está indo eu vejo que o futuro está a ser baseado em

subscrições por tudo e não temos posse sobre nada. Qualquer dia eu sinto que nem temos posse sobre nós próprios porque basicamente estão a tentar substituir tudo por tecnologias. Está a acontecer aqui basicamente... às vezes questiono por que certas empresas têm balcões se a gente tem que fazer tudo pelo telefone, pelo computador e online.. hum... e isso é algo que acontece nos supermercados cada vez eu vejo menos caixas com pessoas e mais caixas automáticas para as pessoas para as pessoas fazer as suas próprias compras, e isso incomoda o nosso papel como pessoas e o que é que é suposto nós fazemos [...] a nossa vida basicamente se todas as nossas posses começam a ser substituídas por tecnologias.

**Então se calhar a tua imagem é no fundo um bocadinho mais humana.**

A desejar ser mais humana. Sim. Mas a imagem que eu vejo que estamos a ir é mais o oposto, menos humana.

## 07 — Luís Fonseca

### Sénior

6 de junho de 2025

**Megatendências associadas:** 07. aceleração do desenvolvimento tecnológico, 03. diversificação e mudança dos modelos económicos

**Jornal:** *“Startups verdes transformam lixo das cidades em energia limpa e criam 20000 empregos”*

**Quando pensa no futuro, qual é a primeira imagem, som, lugar ou sentimento que ele lhe vem à cabeça?**

Espectativa. Eu tenho a noção que daqui a 25 anos, ou damos um grande salto em frente, ou damos um grande salto para trás. Ficar no mesmo sítio, não ficamos. A minha esperança, por isso é que é a minha expectativa, é que o salto seja dado em frente. Eu acho que os primeiros anos deste século estão um bocado de acordo com os primeiros anos ou metade do século passado. Foi o desenvolvimento da revolução industrial. Neste momento estamos com uma revolução informática que, na minha opinião, nos próximos, durante, os primeiros 50 anos, se vai especializar. Não vejo que haja grande evolução em termos tecnológicos. O que poderá existir é uma grande evolução na finura com que as coisas são produzidas. Mais baratas, mais rápidas. Em termos de coisas que não se vejam ainda, eu penso que não vai ser nos primeiros 50 anos, até 2050.

**E quando é que foi a última vez que sentiu que o mundo estava a mudar depressa demais?**

Eu faço parte daquela geração, que atravessou dois milénios e dois séculos. Portanto, a nossa visão do mundo, pouca gente a tem. Eu comecei a estudar com uma régua de cálculo, ainda não haviam máquinas de calcular. E hoje em dia tenho uma máquina de calcular no meu relógio. Portanto, foi um salto enorme nos últimos 25 anos, com a evolução dos semi-condutores, da informatização e na redução do tamanho dos sistemas informáticos, só através da sua redução é que foi possível evoluir como se evoluiu, que eu ainda sou do tempo dos rádios terem válvulas que tinham um metro de altura, eram arrefecidas a água. Os grandes centros de transmissão de rádio eram assim. Ora, os computadores eram salas cheias de máquinas. Hoje em dia já não há nada disso. Existem nuvens e informação espalhada pelo mundo. Então, eu penso que o grande salto foi de facto nos últimos 25 anos.

**E houve recentemente alguma mudança no mundo, tanto pode ser tecnológica como social ou ambiental, que o tenha feito pensar que isto vai mesmo mudar?**

Ou seja, por isso é que eu digo que isto tem mesmo que mudar. Tem mesmo que mudar. Temos o problema social, que cada vez a relação entre as pessoas piorou. Quer se queira, quer não, piorou. Durante uns anos, haviam organizações que podiam congregar as aspirações, ou as faltas de esperança das pessoas, seriam os partidos políticos, as organizações sindicais ou patronais. Nos últimos 15 anos, isso acabou. Os grupos passaram a ser inorgânicos. Através da internet, mobilizam-se pessoas com bons propósitos ou com maus propósitos, com mais facilidade com o que se via há 20 anos atrás. E isso é perigoso. Isso é perigoso, se não for bem usado. As fake news, as fake news só acredita nas fake news quem quer. Eu digo, portanto hoje em dia, consegue-se saber de tudo ou quase tudo. É preciso procurar. E esse trabalho é nosso. Não basta eu olhar para a televisão, para um canal e ouvir aquilo, convencer-se que aquilo que está a ser de dito é a verdade absoluta. Não vale, não pode ser. Temos que procurar, temos que comparar. E isso faz parte de todos os cidadãos. Agora, se as pessoas estão ou vão estar nos próximos 25 anos propensas a fazer isso, não sei. Por isso a minha expectativa é de que, tenho dúvidas, para que lado é que vai ser o salto. Mas que há necessidade de ter cuidado, principalmente com o aspecto social. Quando vemos pessoas a viver na rua, pessoas a morrer à fome, os relacionamentos entre as famílias está um bocado destruído. Não há equilíbrio entre as próprias famílias. Tudo isso tem que ser alterado.

**Claro. Eu agora vou pôr aqui uma gravação de uma notícia de Portugal em 2050.**

(...)

**Pronto. O que é que acha desta...**

Excelente. Excelente.

**É? E o que é que sentiu a ouvir esta notícia?**

Se isso realmente avançar, eu acho que tem hipótese de avançar... Eu vivo num concelho onde já se faz a recolha do lixo da compostagem, dos resíduos alimentares. Temos uns sacos verdes e uma caixa para pôr isso e todos os dias, todos os dias ou quando necessário despejamos esses sacos. Neste momento, num contentor de resíduos, que eu sinceramente não concordo, já deviam ter recipientes próprios só para isso, mas não. Neste momento ainda está juntamente com o resto do lixo. Depois, nas centrais de tratamento do lixo, penso eu que retiram os sacos verdes para um lado e o resto do lixo para outro. É uma ideia excelente, mas eu vou dizer uma coisa. A minha preocupação neste momento não é propriamente a energia. A energia pode ser um problema principalmente a forma como ela é produzida, mas há uma coisa que não é produzida, que é água potável.

**Certo.**

E o pior do que a energia é a água potável. Eu penso que os aterros sanitários, a proliferação de indústria, cada vez torna mais problemática a obtenção de água potável natural, sem ser trabalhada cientificamente. E isso é um bem que não se pode multiplicar. A energia, e nós vimos o que é que foi a falta da energia quando foi o último apagão, que é outro problema que eu também penso que vamos ter nos próximos 25 anos, é a nossa dependência da energia. Nós estamos completamente dependentes da energia. Eu moro num nono andar e tenho boas pernas para subir e descer, mas temos vizinhos aqui que não tinham boas pernas para subir e descer. E se um apagão durar um dia ou dois, é muito complicado. Não estamos de maneira nenhuma preparados para termos alternativas, ou termos, quando digo, alternativas físicas, ou alternativas dentro do nosso raciocínio, nossa maneira de viver, não há. E agora, este exemplo que me deu, eu penso que já há. Parte desta notícia já existe. Não é novidade. De uma forma assim, massiva como está descrita na reportagem, seria excelente.

**Ok. E quais é que prevê serem os maiores desafios que o país enfrentará?**

Água. Água e a poluição. Na minha opinião, primeiro a água e depois a poluição. Energia conseguir-se há sempre. Ou seja, através de... Depois depende do consumo que as pessoas tiverem das energias. Se houver realmente necessidade, não haver possibilidade de produzir, as pessoas não vão ter outro remédio, senão não utilizar. E isso já existe em várias partes do mundo, não é novidade para ninguém. Mas a poluição é uma coisa que tem que ser combatida. Não só atmosférica, como dos mares, os rios, a própria terra, como os aterros. E a falta de água potável também é uma coisa que me preocupa.

**E a nível de oportunidades? Quais é que prevê serem as maiores...**

Em termos de mão-de-obra?

**Todas, na realidade, todas as oportunidades que surgirão.**

Tudo que sejam novas tecnologias, são novas oportunidades para técnicos. É uma espada de dois gumes. Quem não estiver habilitado para acompanhar... isto volta um bocado àquela ideia que eu tinha lido, do princípio da revolução industrial, que levou 30 anos a ser implementada, porque necessita de duas ou três gerações, que desapareçam. E esta revolução informática também vai precisar de duas ou três gerações que desapareçam. Nós temos médicos neste momento que ainda passam receitas com papel porque não sabem passá-las nos computadores. Eu penso que isto aqui a 25 anos já não existe. Não há hipótese de existir, mas têm que ser as pessoas a desaparecer. Não conseguem, portanto. É natural que as pessoas tenham dificuldade em adaptar-se. Estas transformações são muito rápidas. São sempre. Não é esta. Todas as transformações na sociedade, com esta envergadura, são sempre difíceis de absorver. Levam tempo. Agora, eu penso que em termos de quer de indústrias, quer de quadros habilitados, há sempre um mercado. Por outro lado, quem não estiver habilitado, eu penso que aquele segmento de mercado dos nem-nem, nem trabalham, nem estudam, vai aumentar. E lá temos nós o problema social que eu falei. Tem que se arranjar uma solução para isso.

**Claro. E quais é que acha que vão ser as principais mudanças no comportamento da população?**

Eu não gostaria que fosse, mas temo que cada vez mais... parem os grupos. Cada vez mais se vão separando os grupos. E se vão marginalizando. E cada vez vão ter mais antagonismo entre uns e outros. Ou porque têm outra cor, ou porque têm outra cultura, ou porque têm outras habilitações, ou porque sabem fazer, ou porque não sabem fazer. E isso não é bom. A cultura deve ser intergeracionista, e não devia separar. Mas eu penso, eu temo que cada vez mais, e a vossa notícia, foca esse assunto. Foca em esse assunto. Quando falam nos bairros que se organizam para venderem energia uns aos outros, isso é o que se passa nos estados. Os estados organizam-se para venderem qualquer coisa. E para que isso aconteça, tem necessidade de sempre ter alguém que compre. Não podem estar todos a produzir. Tem que haver uns a produzir e outros a consumir. E isso, sem controle, é complicado.

**Ok. E acha que a vida será diferente para homens e mulheres?**

Eu nunca pensei... Eu tenho mais de 70 anos, mas nunca pensei chegar a esta altura da minha vida e ver aquilo que eu nunca pensei que visse. Há 50 anos, eu conseguia perceber... Eu digo isto com muita sinceridade, porque tenho duas filhas, não tenho filhos. Então vejo que, de facto... E elas são pessoas desenvolvidas. Não falo por elas. Eu falo porque tive duas filhas. E nós éramos cinco rapazes, nunca tive nenhuma irmã. E portanto, vejo bem a diferença entre uns e outros. Mas nunca pensei chegar a essa altura da minha vida. E encontrar uma falta de respeito. Eu poderia dizer pior, mas entre os sexos, que não sei se isto... Tem tendência para ser alterado. Mas, vamos lá ver, aqui há uns tempos estive a fazer um estudo histórico, é preciso ver que as mulheres na Suíça só começaram a votar na década de 70. Nós não estamos assim tão atrasados como isso. E isto porquê? Porque o Parlamento era masculino.

**Certo.**

E só os homens é que votavam. E como só os homens é que votavam, quando tinham que decidir se as mulheres podiam votar diziam que não E, portanto, tiveram que esperar muitos anos para que o Parlamento realmente aprovasse, as senhores sim senhor, podem votar. Portanto, isto é uma guerra que perdura. Penso que lá está, não acompanhou a evolução tecnológica. A questão tecnológica já foi enorme, mas o relacionamento das pessoas não evoluiu e, na minha opinião, tem regredido.

**Ok, ótimo. E como é que imagina o Luís, nesta notícia que nós apresentámos? O que é que vai mudar em si, se isso for...**

Em termos práticos, pouco iria mudar, porque eu já faço a separação do lixo. Já ponho os vidros nos vidros, o papel no papel e os restos de comida no resto de comida. Em termos de operador, em termos de pessoa que vive aqui, na sociedade, não vai alterar grandemente a minha vida. Agora, em termos tecnológicos, se eu fosse mais novo, com certeza, que me abria os horizontes para outros tipos de emprego. E, mesmo assim, posso continuar a fazer voluntariado em alguma empresa desse género, não me custa fazê-lo.

**Ok. E em 2050, em que tipo de sociedade é que gostaria de... de ver existir? Que tipo de valores é que acha que deveríamos cultivar até lá?**

É a compreensão.

**Ok.**

A compreensão. A compreensão e aceitação do outro. Enquanto nós não fomos capazes de aceitar o outro como é, muito dificilmente conseguimos agregar. E a sociedade tem que ser agregadora. Não sei se será, se não... gostaria que fosse.

**E se pudesse dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje, ou seja, governos, organizações, qual é que seria?**

Olhe, eu fiz parte, e ainda faço parte, de órgãos sociais de IPSS. Fiz parte de um infantário onde minha filha mais nova andou. Saiu de lá com seis anos, já tem quarenta e tal, eu continuo a ser sócio do infantário. Fiz parte de órgãos sociais. Eu contribuo assim. Fiz parte das associações de pais. Fiz parte, e faço parte de uma IPSS que dá apoio aqui na zona onde vivo. À integração de pessoas, de cor. E é isto que tem que ser feito. Ou seja, tem que haver uma partilha das dificuldades pelas pessoas que as podem e sabem resolver, e não estarmos cada um a dizer que é preciso mudar, mas também não darmos nenhum contributo para que isso aconteça. Isso não passa por um governo, não passa por um Parlamento, passa por nós próprios. Enquanto nós próprios, nós

convencermos para tirar alguém que está a afogar. Temos que os ajudar, e não estará à espera que apareça o (...). Isto assim não muda.

**Estava a ver aqui, foi respondendo a todas as perguntas que eu tinha aqui.**

Não me diga.

**É verdade, falou aqui do que é que lhe vai na alma.**

Uma tristeza muito grande. Uma tristeza grande. Por aquilo que se vê no mundo. Mas que é sempre... Isto também não é novidade. Hoje em dia o que estamos a viver, as Ucrânias e as Palestinas, isso já aconteceu. Eu assisti a isso, com a Guerra do Vietname, com a Guerra da Coreia, com África. Sempre foi assim. Simplesmente, hoje em dia, a informação circula com muito mais facilidade. O contraditório... Muitas vezes não existe. Portanto, ou então, parece que é contraditório, mas não é. Também acontece. E, portanto, nós sabemos as coisas do dia a dia. Há um atentado em Bucareste hoje, e daqui a 5 minutos está aqui na televisão. Há 20 anos não era assim, havia tempo de trabalhar as notícias e saber dá-las. Hoje em dia isso não se faz. As notícias são dadas a cru e muitas vezes chocam. E a ideia não é chocar. Se bem que às vezes seja preciso, mas não é todo dia, a toda a hora, com intensidade com que são dadas as notícias.

## 08 — Ana Maria Veiga Fonseca

### Sénior

6 de junho de 2025

**Megatendências associadas:** 04. evoluções demográficas emergentes

**Jornal:** “Rede global de sensores climáticos sofre com crise ambiental e geopolítica”

**Quando pensa no futuro, qual é a primeira imagem, som, lugar ou sentimento que lhe vem à cabeça?**

Olha, já percebeu qual é a minha idade, e portanto, calcular daqui para 25 anos, como é que, efetivamente, este mundo estará, é um bocadinho difícil. Já não estarei cá com certeza, porque já terei... com uma longevidade muito grande, pode ser que sim, mas duvido. Mas preocupa-me, sobretudo, qual será o futuro dos meus netos. Porque tenho quatro netos com idades muito diferentes, a mais velha tem 22 anos, o outro tem 15, o outro com 10, e o outro com apenas 2 anos e meio. Portanto, é para mim uma preocupação saber o que é que os espera no futuro. Porque eu considero que pertença a uma geração, que até foi felizada, portanto, embora tenha apanhado muitos embates, mas também apanhei coisas muito boas, e não prevejo que, efetivamente, da maneira como está o mundo, e a nível internacional como as coisas estão, não prevejo que eles tenham a sorte que a nossa geração teve. Quando fala... o meu marido foi entrevistado há pouco, também para vocês, nós fazemos uma diferença de idades de 5 anos, que não é nada, portanto, mas efetivamente, é uma das preocupações que eu tenho em relação a eles, porque gostava, como avó, que as coisas para eles... já não digo que fossem boas, como foram para nós, efetivamente, e não prevejo isso.

**E quando é que foi a última vez que sentiu que o mundo estava a mudar depressa demais?**

Em termos de trabalho, eu deixei de trabalhar em 2006, e trabalhei desde 69 até 2006, e eu apanhei, efetivamente, uma evolução muito rápida em termos tecnológicos. Depois disso, as coisas avançaram, mas eu penso que não tão rapidamente, e é esta é a minha opinião. Eu acho que o avanço tecnológico que se houve naquele período de 69 até 2006, em que eu estive ao ativo, foi efetivamente um período de um avanço tecnológico muito grande. Eu trabalhei numa instituição na área da Segurança Social, no Centro Nacional de Pensões, e posso-lhe dizer que, inicialmente, para fazer uma conta de uma pensão, para achar o valor de uma pensão, eu tinha que o fazer numa máquina de calcular daquelas de teclazinhas. Portanto, saía um rolinho de papel e as coisas saíam assim. E portanto, eu apanhei toda essa evolução. Quando eu saí em 2006, tudo estava automatizado. Inclusivamente, a consulta, aquilo que nós apontávamos numa fichinha, de papel, de cartolina, que depois tínhamos um ficheiro, que arquivávamos as coisas por ordem alfabética, do nome dos beneficiários... Tudo isso passou para o ecrã. Portanto, eu só tinha que carregar o nome, o número do beneficiário e tudo me aparecia no ecrã, e eu podia dar respostas, inclusivamente, às chamadas telefónicas que recebíamos, sobre o estado dos processos, tudo através do ecrã. Houve um avanço, efetivamente, naqueles 37 anos de serviço que eu tive, muito grande. Eu acho que não se verificou depois. Acho que as coisas estagnaram um pouquinho nesse aspecto. Houve avanços tecnológicos, sim, mas não em todas as áreas. Por isso, eu penso que a minha época foi a época em que, efetivamente, a revolução foi maior. Não quero dizer que não seja no futuro, também que não haja, não é? Mas, eu acho que estagnou um bocadinho. Embora, possa dizer que, efetivamente, todo este sistema das redes sociais e os TikToks, isso, efetivamente, houve um avanço, mas não é coisa que eu considero que seja boa, portanto, uma coisa é um avanço tecnológico que traz benefícios para uma população. Outra coisa é um avanço tecnológico que, por vezes, prejudica a população e, inclusive, a interação entre as pessoas, entre as famílias, entre as coletividades. E nesse aspecto, eu não considero que, efetivamente, esse avanço tecnológico nessa área, que tenha sido bom, pelo contrário. Eu não gosto de nada de ver os meus netos agarrados constantemente ao telefone.

**Acredito, eu acredito.**

Não sei que idade a Ana tem, mas não tenho nada a ver com isso.

## Tenho 32.

Tem 32. Mas é um bocadinho aflitivo. É um bocadinho aflitivo. E a dependência que eles têm, a urgência que eles têm em ter um telemóvel, têm em levar para a escola, porque os outros têm, porque eu quero ver o que eles têm, isso tudo depois causa uma desigualdade, inclusivamente, logo desde a escola primária, não é bom para a sociedade.

**Pois. E houve alguma mudança recente no mundo, essa mudança pode ter sido tecnológica, social, ambiental, que a tenha feito pensar que o futuro vai mesmo mudar?**

A nível ambiental, sim. Eu penso que cada vez nós temos uma indefinição muito grande do que o mundo vai estar daqui por 25 anos, e temos ambientais. E é uma coisa também que me preocupa para o futuro dos meus netos. Porque realmente nós, até agora, as coisas têm estado pacíficas, e ainda por cima nós, como país aqui neste cantinho do mundo, estamos a salvo a guarda de muitas situações, das alterações climáticas e ambientais que têm havido pelo mundo fora, como catástrofes absolutamente anormais. Anormais, porque não era suposto acontecer assim. E, portanto, isso é uma coisa que eu acho que, efetivamente, me vai preocupar muito nos próximos anos. Até... enquanto eu andar por cá. Exato.

**Ok. Agora, como base no relatório que a Planapp desenvolveu sobre as tendências que vão acontecer até 2050, nós imaginámos o que é que diria um jornal em 2050. Então, eu vou mostrar, vai ouvir esse jornal.**

(...)

**O que é que achou desta notícia? O que é que sentiu?**

Eu sinto um arrepio, porque, efetivamente, isto é aquilo que pode vir a acontecer. E isso é grave. É grave porque, ainda por cima, como a notícia também refere, a nível geopolítico, os países não se entendem, não há cooperação. E, portanto, há uma rivalidade muito grande de quem faz o quê, e, sinceramente, isso vai ser muito prejudicial a este nível (...). Nós sabemos que, a maior parte... há países que não protegem o seu ambiente, pelo contrário, ainda o pioram. E, portanto, esta notícia corresponde, de certa forma, à expectativa que eu tenho em relação ao futuro do ambiente.

**E acha que isto é um futuro provável? Acha que pode acontecer?**

Eu espero bem que não. Mas eu tenho esperanças que exista bom senso, por parte das cabeças pensantes, para, efetivamente, travarem esta situação. Porque eu acho que há coisas em que é preciso querer. E o poder político tem que querer, para poder pôr um travão, a esta situação. Esta história de dizer que é bonito fazer viagens até Marte, é bonito ir até aqui, é muito bonito, mas eu acho que, efetivamente, procurem gastar esse dinheiro, que são milhões e milhões noutras coisas que, efetivamente, possam beneficiar a população. E não numa coisa que, ao fim ao cabo, só vai servir para pessoas que tenham suporte económico muito alto, altíssimo, nem alto, é altíssimo. E para quê? Para dizer que nós conseguimos lançar um foguete lá para cima, e conseguimos fazer uma viagem, e depois vêm paragonas e notícias nos jornais a dizer que fulano, cicrano e beltrano que vão fazer a viagem. E eu digo, para que é que isso nos serve? Qual é o benefício que isso nos traz? É apenas para seu ego pessoal, ao fim ao cabo, porque, de resto, não traz nenhum benefício à população. Nós temos crianças a morrer à fome, as notícias que aparecem na televisão, já não estamos a falar dos dramas que neste momento estão a subsistir, não só na Europa, como na Palestina, é de doer o coração. Eu às vezes nem consigo olhar para a televisão. Ainda agora, no dia mundial da criança, eu disse aos meus netos, eu não vou oferecer nada, porque vocês graças a Deus têm tudo. E, portanto, o que eu vou oferecer, e eu e o avô, é apoiar a UNICEF para dar alimento a crianças que precisam muito dele, e que não têm. E foi isso que fizemos. Portanto, patrocinámos junto da UNICEF um apoio, e foi no âmbito da nutrição que, efetivamente, nós escolhemos. Tem que haver solidariedade também por parte das pessoas. Porque, se não... este mundo, cada vez as pessoas estão mais desagregadas, tem que haver novamente um interesse muito grande em que haja espírito de família. Eu, graças a Deus, tenho na minha família, não só com as minhas filhas, com os meus netos, mas também com os meus irmãos e com a família do meu marido. E, portanto, somos, efetivamente, uma verdadeira família, com estrutura. Mas, infelizmente, a gente sabe que a maior parte dos casos, não é assim. Eu penso que tem que haver também uma política social muito grande no futuro. Tem que haver uma alteração para fumentar, inclusivamente, junto do pessoal mais jovem, a natalidade, mas tem que se dar condições para isso. A Ana tem 32 anos, não sei se ainda está a morar com os pais, mas o que é o facto é que nós verificamos que, hoje, muito mais tardiamente, os jovens saem de casa dos pais para poderem constituir família ou ter a sua

habitação própria. E, portanto, isso acaba por atrasar a vida de... a criação de uma família, de uma estrutura familiar, o pensar em ter efetivamente filhos. E isso, tudo depois, tem repercussão, em tudo o resto. Porque a população idosa vai crescendo e a população ativa vai diminuindo. E eu não sei como é que vai ser efetivamente no futuro. Eu quando comecei a trabalhar, nós tínhamos a organização de processos de invalidez e de velhice e também de morte e sobrevivência. O que acontece? É que, inicialmente, na estrutura da organização, o que havia mais era a transmissão de benefícios por morte. Porque invalidez e velhice ainda eram poucas as pessoas que se reformavam. Pelo menos por velhice eram muito poucas e por invalidez só realmente em casos de doença ou de acidentes de trabalho. Mas isso depois, passado uns anos, começou a crescer, a crescer, a crescer, a crescer. E cada vez está a crescer mais. Não parou. Portanto, nós temos uma população ativa muito baixa, relativamente à população idosa que nós temos e isso, a nível de proteção social, tem repercussões muito grandes.

**Quais é que prevê serem os maiores desafios que o país enfrentará? Já tocou aqui em alguns, mas não sei se tem mais algum a apontar.**

Eu penso que... Se querem, efetivamente, fazer com que a geração dos meus netos fique cá, a trabalhar tem que lhes condições para isso, condições de habitabilidade, efetivamente, e tem que ter, na parte da proteção social, tem que dar incentivos. Não é só, efetivamente, na parte habitacional e na parte do trabalho. Tem que dar também proteção social, na parte dos incentivos à natalidade. Ou seja, hoje em dia, graças a Deus, portanto, já há um grande avanço em termos de proteção na parte da família quando nasce um filho, coisa que, no meu tempo, por exemplo, da primeira filha, eu tive apenas um mês de maternidade e da segunda filha já tive dois, no espaço de sete anos, portanto, houve uma alteração, no primeiro, dois meses da segunda, mas o pai não era pai não era para aí chamado. Hoje em dia já há, efetivamente, a inclusão da parentalidade, o que é muito benéfico, mas portanto, esses incentivos, a meu ver, são muito necessários, não só em termos de reforçar este apoio do casal quando há o nascimento de um filho, mas também em termos de abono de família, subvenções que possam apoiar para, ao fim ao cabo, aumentarem a possibilidade da pessoa ter mais que um filho. Hoje em dia, a maior parte dos casais têm um filho. Não avançam para o segundo filho, e avançam cada vez mais tarde, o que também é prejudicial. É prejudicial em termos do casal, propriamente, porque eu falo, por mim, por exemplo, nós tivemos um interregno nas nossas filhas de sete anos, e foi voltar tudo ao princípio, portanto, foi outra vez às noites mal dormidas, aos biberões, ao mudar fraldas, que naquela altura não eram descartáveis, ainda por cima, quando hoje em dia as pessoas nem sabem o que isso é, mas nós éramos felizes, apesar de todo esse trabalho, nós éramos felizes, e ficávamos muito gratos por podermos ter mais um elemento na nossa família. Hoje em dia as pessoas evitam, portanto, porque acham que... muitas evitam e outras até nem querem, e eu penso que a sociedade tornou-se muito egoísta.

**Agora, isso é um bom ponto para a pergunta que eu tenho a seguir, que é coisa que acha que serão as principais mudanças no comportamento da população?**

Eu penso que as pessoas têm realmente que começar mais a olhar à sua volta. Eu estou apologista de que, efetivamente, nós devemos agrupar-nos, nós devemos conviver, nós inclusivamente as atividades físicas que nós fazemos, e que eu faço, eu gosto de atividades físicas em grupo, porque isso me permite uma sociabilização com as pessoas. Conhecer A, B ou C no dia a dia, criamos raízes, criamos amizades, todos os dias vamos para ali com agrado, porque sabemos que vamos encontrar aquelas pessoas a praticar, yoga, tai chi, pilates, é agradável, dançar. Portanto, fomentar junto das pessoas também a prática de diversas modalidades, de diversos tipo de atividades que congreguem tantas pessoas, não os afastem, mas congregá-las, portanto, e explicar que, efetivamente, isso é benefício para a saúde física e para a saúde mental, porque hoje em dia, infelizmente, a saúde mental é um grande problema da sociedade. E eu acho que, por este andar, a saúde mental vai ter tendência a piorar, porque as pessoas fecham-se. Uma coisa que, por exemplo, me aflige imenso. É o trabalho em casa. Pode ser muito cómodo, pode ser muito prático para as empresas e para os patrões, mas para a própria pessoa, eu acho que não é saudável. O facto de que a pessoa, todos os dias, se levantar, àquela hora, pode ser um pequeno... Ah, no inverno custa um bocadinho, mas não mal, porque depois a pessoa sai de casa, convive, anda nos transportes, vê as outras pessoas, vai para o emprego, tem... fala do trabalho, mas também se fala de outras coisas, e, portanto, isso é bom para o dia-a-dia da pessoa. E volta à casa, e pronto, o trabalho parou, volta à casa, tem a sua família. Agora, uma coisa que está em casa, a trabalhar e vai à empresa uma vez por semana, e que está ali agarrada a um computador, a um ecrã, sem uma partilha social, eu penso que isso é muito mau, não concordo nada, tenho imensa pena, porque, infelizmente, uma das minhas filhas... por acaso é pouco, mas uma das filhas é educadora de infância, portanto, essa não tem (...) nenhuma, até tem mesmo que lá estar presencialmente, e é educadora de infância, por vocação, mesmo, o que é muito importante hoje em dia. A outra, durante um mês, há uma semana em que fica em casa, já não é mau. E eu acho que, efetivamente, a

população tem que começar... é triste, por exemplo, pensar que a pessoa mora num prédio com 10 andares, e que não conhece os vizinhos, ou que, inclusive, quando a gente entra no elevador e diz, bom dia, boa tarde, as pessoas olham para nós, e quase que não respondem. Quer dizer, isto é demonstrativo de como é que a sociedade está, o que é que custa dizer bom dia, um sorriso, ou passar até, inclusivamente, na rua, e olhar para as pessoas e dizer, bom dia, boa tarde, olá... acho que ganhávamos muito, se começássemos a ser menos egoístas, e a entregar-nos mais, portanto, às pessoas. Dar mais de nós, dar mais de nós.

**Sim. E acha que a vida vai ser diferente para mulheres e homens? Como é que acha que vai ser a igualdade de género no futuro?**

Ai olhe, eu tenho muito receio do que é que vai ser o nosso futuro nesse campo porque eu vejo na população jovem, naquela média talha dos 14, 15, 16, 17 anos, muita discriminação. E um voltar atrás, no sentido de a mulher “deixa-te estar aí sossegada, e eu sou homem, e eu é que sou macho”. Portanto, isso assusta-me, sinceramente, porque eu sou muito feminista, luto muito pelos meus direitos, sempre lutei, tenho um casamento de 51 anos, mas tenho um casamento em que a partilha é uma constante do dia a dia, desde o primeiro dia, e as minhas filhas foram criadas assim. E os meus netos vêem que, efetivamente, na nossa família, a partilha é um bem, e que deve ser efetivamente praticado no dia a dia. E eu não estou a ver esta geração entre estes níveis etários que pense sim. Acho que vai haver, outra vez, um outro retrocesso na igualdade de género, o que é mau. Também é verdade que, enquanto nós tivermos, enquanto nós tivermos no nosso sistema político, a maioria de homens a mandar e a fazer as leis, é difícil que isso depois não venha a acontecer. Portanto, eu penso que nós mulheres temos que nos afirmar, e as mulheres do futuro têm que se afirmar muito pela positiva, não pela negativa. As mulheres têm que se afirmar pelo positivo, e eu também vejo afirmações femininas com as quais eu não concordo absolutamente nada, porque isso não é afirmar. Isso é dar-se a um desfruto que não interessa. Portanto, espero bem que efetivamente haja uma ponderação que as famílias e os pais, junto dos seus filhos, sejam homens, sejam mulheres, consigam transmitir-lhes valores suficientes para que isso não aconteça. E eu digo-lhe uma coisa, educar... hoje em dia... sempre foi difícil, hoje em dia mais do que nunca é difícil de educar, muito difícil. Eles estão sujeitos a muita coisa, e, portanto, é muito difícil de educar. E eu, como tenho netos dos níveis etários completamente diferentes, tenho noção disso.

**E em 2050, que sociedade é que gostaria de ver existir? Que valores é que acha que deveriam ser cultivados para essa sociedade existir?**

Ah, sim, os valores que deveriam ser cultivados, pois os valores da família, da igualdade, da distribuição da riqueza, uniformemente, dentro do possível, para não haver uma discrepância tão grande, não só a nível do país como a nível mundial, portanto, não haver exploração, como hoje infelizmente existe, a nível da população. E ter cabeças pensantes, que, efetivamente, gostassem do seu próximo, respeitassem o seu próximo. O respeito dos outros é um dos valores mais importantes que nós temos, que conseguir. E isso começa logo do berço. Porque se não começa do berço, é muito difícil, às vezes, depois, conseguir implementar. Mas eu tenho esperança de que, efetivamente, mesmo não estando cá, com certeza nessa altura, mas tenho esperanças também, que surja entretanto uma geração que pense, e que atue nesse sentido, de não deixar perder valores que são muito importantes.

**Se pudesse dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje, como o governo, as organizações, empresas, qual é que seria?**

Dar conselhos... Eu daria o conselho de que tenha um bom senso em tudo aquilo que fazem e que vão pôr em prática. Porque muitas vezes aquilo que está no papel não tem nada a ver depois com aquilo que vão pôr em prática. E eu, que trabalhei muito, mesmo muito com legislação, sei bem o que isso é. E, portanto, não basta passar para o papel coisas lindas. Muitos propósitos, muitos propósitos de fazer isto, fazer aquilo e depois, ou fica na gaveta, ou nunca é implementado. Tenham bom senso e sejam honestos nas suas propostas. A honestidade é um bem muito preciso também.

**Sem dúvida.**

## 09 — André Simões

### Empreendedor, Profissional Liberal

12 de junho de 2025

**Megatendências associadas:** 03. diversificação e mudança dos modelos económicos, 07. aceleração do desenvolvimento tecnológico, 04. evoluções demográficas emergentes, 05. um mundo mais urbano

**Jornal:** *“Inteligência artificial apoia o renascimento económico das vilas do interior”*

#### Qual era a sua profissão de sonho quando era criança?

Eu sei que uma delas era muito curiosa, que estava de ser poeta e depois se calhar um bocadinho mais tarde alguma coisa relacionada com a área da saúde, o que acaba por me acontecer porque minha mãe é médica mas curiosamente quando era miúdo queria ser poeta e depois passei por uma fase também em queria ser pastor, achava muito interessante a ideia de ser pastor mas com o crescimento acabei por perceber na fase em que tinha mais consciência do mundo na realidade o que eu queria ser era a realidade o que eu queria ser era algo ligado à medicina e foi o que acabou por me acontecer porque sou médico dentista.

#### E agora outra pergunta assim um bocadinho fora, quando pensa em 2050 o que é que lhe vem à cabeça? E aqui pode ser uma imagem, um som, um sentimento, qualquer coisa, o que é que lhes vem à cabeça?

Claramente a utilização de inteligência artificial em tudo, o que seja o nosso dia-a-dia e não vejo propriamente um cenário muito bonito e muito melhor do que aquilo que temos agora a vários níveis, acho que claramente que caminhamos, é óbvio que... tudo na história tem sido cíclico e o ciclo que estamos a passar agora é algo que de alguma forma já aconteceu e ciclicamente algures na história existe um conflito armado que faz um processo disruptivo da sociedade que depois se reconstrói e eu sinto que estamos muito próximos de uma coisa desse género, que me assusta e me angustia e para 2050 o que eu vejo em termos do nosso dia-a-dia é uma mudança profunda dos nossos hábitos e da forma como encaramos uma série de coisas, o trabalho por exemplo, todas as profissões, o setor, não diria o setor primário mas há muitas funções que neste momento estão a ser substituídas por automatização, por exemplo, a gente vai a uma loja de roupa e já não existem quase nunca pessoas para nos receber, as compras são cada vez mais feitas online, a relação com o trabalho nas caixas de supermercado, as pessoas estão a ser substituídas, nas portagens as pessoas estão a ser substituídas e eu não sei o que é que essas pessoas vão fazer, que normalmente são as pessoas que têm menos formação. Há muitas outras profissões que vão surgir, eu tenho uma filha que tem 14 anos, há uma forte probabilidade da profissão que ela venha a ter, seja uma profissão que ainda não existe, eu tenho um negócio na área da medicina dentária, mais propriamente na área da prótese dentária em que fazemos guias cirúrgicas para a colocação de implantes e temos um dispositivo patenteado e as pessoas que trabalham connosco e isto é uma coisa relativamente recente, tem 4, 5 anos, algumas delas têm profissões que nós é que criámos, que não existiam, desenhador CAD de guias cirúrgicas era uma coisa que não existia de todo e são pessoas com background na área da engenharia e da saúde, por exemplo, temos um enfermeiro e engenheiro que trabalha nessa área, temos um engenheiro de materiais que faz a mesma coisa, era uma coisa que ela se lhe perguntasse há 2 anos atrás quando ela entrou para a empresa ou quando ela acabou o curso o que ela iria fazer, ela jamais diria que iria fazer o que estava a fazer hoje porque é uma coisa que não existia, portanto acho que desenvolvimento vai ser exponencial sobretudo com esta questão do evento da inteligência artificial e acho que o mundo se vai transformar muito rapidamente mas eu neste momento com a evolução dos acontecimentos mais recentes não vejo em 2050 um cenário muito, muito risonho.

**Ok, então agora eu vou mostrar um jornal em 2050.**

**(...) E então, o que é que achou?**

Isto é aquilo, em vez de andámos a fazer vídeos a deturpar mensagens de líderes políticos isto é aquilo que a

inteligência artificial... é aquilo que eu vejo como a boa utilização e isto é um dos caminhos que eu acho que deve ser seguido. Eu acho que este país tem tanta coisa boa e tem um potencial tão grande, tanto humano como um país tão pequeno com a diversidade cultural que tem, com os dias de sol que tem, com a segurança que tem ao contrário daquilo que dizem, com o investimento que foi feito em energias renováveis, com a proximidade do mar, com a ponte que somos da Europa para as Américas, com o caminho que ainda não foi feito mas que está a ser preparado da ferrovia. Tínhamos tudo para ser uma Califórnia da Europa, uma coisa desse género, sermos super atrativos e que somos um bocadinho para os nómadas digitais, mas super atrativos para empresas, por exemplo, o que precisem de recursos energéticos que o país tem em termos de energias renováveis, solar, eólica, hídrica, temos espaço no interior, imenso que pode e deve ser desenvolvido e para a fixação dessas pessoas. Temos, de alguma forma, rede para... rodovia para o interior, em muitos casos, bem desenvolvida. O que nos falta, em grande parte, é uma ideia de país que seja partilhada por uma grande maioria, e o que nos falta é uma estabilidade política e um consenso, de alguma forma ao centro que permite essas mudanças estruturais. E, basicamente, ter um plano a longo prazo, que é o que este país nunca teve, são sempre medidas avulso que mudam o sabor do vento ou a cor política de quem está à frente, mas, em relação àquilo que ouvimos, claramente eu acho que esse é um dos caminhos... isso acontece numa pequena percentagem. Há pessoas que estão a vir de fora e que querem procurar exatamente aquilo que a gente pode oferecer, que é sossego, tranquilidade, sol, paz, e há pessoas que estão a fazer essa migração para o interior, mas é difícil se tiverem filhos. Pode ser difícil, dependendo do sítio para onde vão, só um determinado tipo de profissões, é que lhes permite a cobertura de internet no nível do país, (...) de dados é gigante e a quantidade de pessoas que têm fibra em casa é enorme, esse trabalho foi bem feito e por uma pessoa que tem problemas com a justiça, mas que um dia ainda vão ver e, não o estou a defender de todo, a vários níveis, mas há coisas que foram bem... Naquela altura, o que eu sinto é que havia uma ideia de país e que havia uma ideia do que deveria ser feito para que o país vingasse. Não sinto isso hoje em dia, quer dizer, talvez este governo possa ter essa ideia, mas que eu ainda não a vi, mas os fundos que estão a entrar agora e que falam nessa peça não vão ser eternos e nós temos provavelmente one shot que é aproveitamos e dinamizamos o país, com o dinheiro que está a entrar e aproveitamos para ser uma coisa estrutural e a longo prazo, porque temos exemplos para trás de fundos mal aproveitados e pessoas que receberam dinheiro para dinamizar as fábricas e depois foram comprar um carro ou fazer uma coisa do género. Portanto, eu acho que sim, é esse o caminho e no sentido oposto, geográfico, a aposta no mar. Somos um país que tem uma costa enorme para a nossa dimensão, metade do país tem costa. Somos um país que tem uma zona exclusiva, económica, acho que é assim que se diz, enorme e que precisa... com a questão da Madeira e dos Açores. Portanto, a aposta no mar também parece que é uma aposta que tem que ser feita, mas a inteligência artificial, que é uma coisa com uma aplicação na sociedade tão recente, vai ser provavelmente tal como foi a questão de internet, vai ter um impacto, já está a ter, vai ter um impacto gigante nas nossas vidas. Falava em realidade aumentada, a minha mulher está a fazer um doutoramento na área do ensino, exatamente sobre a realidade aumentada e a utilização da realidade aumentada no ensino e é também uma coisa curiosa que também vai ter muita utilização.

**Boa. Pois eu acho que o jornal estava bastante alinhado com a pré-introdução do André. Eu queria perceber, ou seja, já falámos, se calhar de alguns desafios que temos pela frente, ou seja, um governo se calhar mais organizado, com uma estrutura e com pensamento a longo prazo, muitas oportunidades, mas queria perceber o que é que acha que este futuro até mais desejável, o que é que acha que vai implicar na forma como nós vivemos o nosso dia a dia, por exemplo, na sua profissão, na vida da sua filha, que agora tem 14, mas que vai fazer parte desta nova geração, digamos assim. Ou seja, que implicações é que, no fundo, este futuro terá no dia a dia?**

Em relação aos jovens, há uma coisa que é super preocupante, 30% das pessoas com formação superior que acabam o curso nem sequer procuram um trabalho cá em Portugal. E isso é o pior que nos pode acontecer por várias razões. A primeira é que estamos a formar pessoas, e estamos a gastar recursos, a formar pessoas que sabem, à partida no momento em que entram para o curso, que vão utilizar aqueles recursos e que depois vão ser enfermeiros em Inglaterra, médicos dentistas em França, engenheiros nos Estados Unidos... ora um país que não é propriamente rico e está a gastar recursos a formar as pessoas mais treinadas e que é o nosso futuro, para um terço dessas pessoas ir para fora... Não parece que faça sentido e eu acho que isso deve-se atuar de duas maneiras, uma na retenção, criando condições para que essas pessoas fiquem, mas de alguma forma também de responsabilizar as pessoas e de as penalizar, se, ou seja, uma pessoa que tira um curso de medicina em Portugal, que custou ao Estado uma quantidade de dinheiro imensa, e isto que eu vou dizer, eu sei que é polémico, mas de alguma forma isto deveria acontecer, assim como um piloto que é formado, se for formado pelo Estado, não é propriamente isso que acontece hoje em dia, mas por exemplo, está a formar um médico, temos falta de médicos em Portugal, os recursos são de todos e depois essa pessoa agarra nas perninhas e vai para fora, quer dizer, se calhar então devia, pelo menos parte da sua formação, ter que re- carecer o Estado,

dessa formação para essa pessoa ficar e contribuir e pagar cá impostos, é uma coisa, essa pessoa foi formada e depois vai... os ingleses claro que estão todos desejosos dos enfermeiros que são formados cá vão para lá, a formação é boa, as pessoas são competentes, estão dispostas a trabalhar, elas gastaram zero com a formação daquela pessoa, é win-win, quer dizer, mas claro que na primeira parte que temos que trabalhar é tornar o país atrativo e isso consegue-se como? Uma habitação que está completamente desregulada e não é só em grandes centros, eu não vivo num grande centro, eu vivo numa cidade pequena e é um problema e as razões pelas quais isto acontece são várias, mas claramente hoje em dia foca-se parece que a imigração surgiu como o grande mal e que os problemas da habitação têm a ver com a imigração, os problemas da segurança têm a ver com a imigração, o problema do desemprego que existe tem a ver com a imigração, que essas pessoas nos vieram tirar os trabalhos que nós temos, é tudo uma grande falácia, a verdade é que essas pessoas vieram fazer os trabalhos que a esmagadora maioria dos portugueses não quer fazer, do setor primário, vieram apanhar framboesas, vieram carregar baldes de massa para a Constituição Civil, vieram estar aos domingos nos cafés, vieram apanhar ameijoas, vieram fazer trabalho que muitos portugueses... vieram tratar de pessoas idosas em lares... se falarmos de imigração como um todo e muitas vezes é só falada desta, se calhar, a habitação tem o maior problema com a imigração de pessoas que vieram comprar casas com os vistos gold de um milhão e dois milhões e que inflacionaram brutalmente de forma empelada o mercado, porque essas pessoas para conseguir ter cidadania bastava que gastassem um X numa casa, e isso teve um impacto que eu percebo que até quisesse ser positivo, mas a determinado ponto claramente não foi, e ainda bem que acabaram com esse processo. Mas entretanto já estou a ir para outro sítio qualquer, porque a pergunta que me fez foi como é que...

**Como é que as comunidades, ou seja, que impacto é que vai ter no dia a dia das pessoas, como é que as pessoas vão viver, mudanças de comportamento, face essa nova realidade?**

Eu acho que aquilo que aquele jornal falava é uma coisa que se deve tentar fazer, mas que não é fácil, ou seja, migrar as pessoas... Por que as pessoas não estão no interior, em primeiro lugar? Nem toda a gente gosta de praia, nem toda a gente quer estar em grandes centros urbanos, e por exemplo, eu não quero estar num grande centro urbano, eu vivo numa cidade média, tenho facilidade de deslocação para vários sítios, mas há muita gente que estaria disposta a estar no interior, mas ninguém está, não podem estar no interior se não tiver uma escola para os filhos, se não tiver acesso a cuidados de saúde, se não tiver uma estrada que permita chegar a um grande centro urbano quando assim desejar, portanto se criarmos as condições para que isso aconteça, as pessoas estão dispostas a ir para as cidades médias de interior e algumas até mesmo para a aldeias, para aldeias porque estão numa fase da vida em que querem ter, gostavam de... claramente é no sentido contrário, é uma migração interna das pessoas para o litoral, porque é onde estão os trabalhos. A sul, no Algarve, por causa do turismo, neste momento na Costa Alentejana está a ser em grande parte destruída, é uma palavra forte, não é uma destruição, é uma construção, mas que é só para alguns, e que quando um dia acordarmos vamos ver que foi tarde de mais, e depois nos grandes centros urbanos, Lisboa, Porto, Braga, porque é onde está a indústria, e as pessoas vão para onde têm trabalho, a verdade é essa. A agricultura, que em tempos foi uma fonte de rendimento grande do país, é uma coisa que hoje em dia é escassa... e tirando o tomate, a cortiça, depois temos algumas coisas, algumas exportação, por exemplo, ontem vi aqui que é uma marca de uvas que não vou dizer, que é sem grainha, mas que é conhecida, que estava num processo de falência, por sim dizer que agora era 85% dos espanhóis. Fizemos o Alqueva, criamos condições ótimas para regadio, e em grande parte quem domina são os espanhóis. Portanto, a energia é chinesa, a aviação, em grande parte é francesa. Há coisas que eu acho que o país tem que voltar a ter como seu, porque são estratégicas, eu acho que, por exemplo, a questão da TAP, porque o país depende muito do turismo e se nós não dominarmos o principal meio de chegada das pessoas, chegada e saída das pessoas, estamos tramados. A energia, porque as guerras comerciais de futuro, as guerras, em grande parte de futuro, vão ser comerciais, se nós não temos energia, o controlo da energia, estamos estramados, da água, a mesma coisa, das telecomunicações, a mesma coisa. Depois, há outros setores que não são tão fundamentais, que sim, eu acho que o Estado, nós temos, no meu entender, Estado a mais e que devia focar em menos coisas, mas fazê-lo bem. Ou seja, o Estado devia ser muito forte naquilo que é fundamental. E aquilo para mim que é fundamental é ter uma saúde forte e que funcione, ter uma educação forte e que funcione, estas gestões que eu já falei dos recursos da energia, da água. Agora, se calhar para mim, não é muito importante que o notário da minha zona seja público ou pode ser privado, por exemplo, ou que as entregas sejam feitas pelos CTT também já não são, as empresas de transportes podem ser privadas. Agora, há coisas são a bardo que permitem que... temos que ter um Estado forte e depois outra coisa, ou dois conceitos que eu acho que também são fundamentais e que têm que ser alterados. Um deles é a burocracia e a Europa e Portugal é perito em legislar. As coisas ainda não começaram e nós já estamos a legislar e já estamos a regulamentar. A burocracia mata o país e claro que em grande parte também a carga fiscal e distribuição deveria ser feita de uma forma mais atrativa para que as pessoas tenham mais dinheiro disponível e o consigam voltar a meter dentro do mercado e haver menos... impostos se todos pagarmos, vamos ter mais recursos disponíveis que se porem

canalizados para aquilo que é fundamental e o Estado secalhar deixar o que é acessório a uma quantidade de estruturas e organismos no Estado ligadas a esta coisa da tecnocracia, e da burocracia que se nós eliminássemos aqui em tempos que foi estimada as gorduras do Estado, que o Estado é obeso, em muitas coisas é obeso, mas depois é muito magro, noutras, por exemplo, o orçamento que nós temos na saúde hoje em dia é superior, mas no meu entender por uma questão de gestão e de responsabilização das pessoas não funciona tão bem como já funcionou, mas mesmo assim funciona muito melhor do que funciona nos outros países, estamos a querer, por exemplo, já ouvi aí uns “zum-zum” de migrar para uma situação semelhante àquilo que acontece nos Estados Unidos, eu acho que as pessoas se provassem iam perceber que não querem aquilo, aquilo que nós temos mesmo não funcionando super bem em algumas situações que tem condições para funcionar melhor e que as pessoas se o aprovarem o que têm lá e o que têm cá, vão perceber que o que temos cá é claramente melhor, mas ainda em relação à saúde que é minha área, eu sinto, por exemplo, que as pessoas acham que a saúde é uma entidade, quem paga a despesa da saúde é uma entidade quase mítica, que o dinheiro vem de uma entidade mítica, eu acho que, por exemplo, a pessoa quando vai a um hospital fazer uma TAC, a pessoa quando vai a um hospital fazer análise, a pessoa quando vai a um hospital fazer uma operação, devia duas coisas, uma saber de quanto é que aquilo custou a todos, porque aquilo tem um custo, esse custo é possível contabilizar o quanto é que custou e quem só não deveria pagar quem não tem mesmo possibilidade de o fazer e há pessoas que claramente não têm possibilidade de o fazer a vida, numa situação de pobreza não podem, mas todas as pessoas deviam pagar, consoante a sua capacidade e isso tornaria essa recolha de recursos bem administrada, tornaria o sistema nacional de saúde muito mais forte. Entretanto já estou a falar do sistema nacional de saúde.

**Está-me a eliminar perguntas, é ótimo, porque vai falando e vai respondendo automaticamente. Falando um bocadinho, se calhar, de valores, ou seja, pensando nesta sociedade de 2050 que gostava de viver, como é que idealiza, como é que acha, ou seja, que valores é que nós, no fundo, devemos cultivar até lá?**

Uma das coisas que eu sinto que a Europa é refém desta questão da regulamentação é, precisamente, pela alteração desses valores, os valores dos quais a revolução francesa aconteceu e esta coisa da igualdade. Nós estamos a caminhar e eu sinto, pelo menos com estas alterações políticas que houve recentemente e que deram força às pessoas, parece que legitimaram as pessoas para dizer coisas horríveis. E ainda ontem tive, por exemplo, uma reunião de condomínio e havia uma pessoa que estava, claramente, a dizer que não gostava de ver na rua pessoas do tom de pele diferente dela. Eu acho que isto era uma coisa que há uns anos atrás aquela pessoa não teria a validade de dizer, porque não se sentiria defendida de alguma forma. E o que acontece é que, por causa das alterações políticas que existiram, por causa de, se existe uma agressão racial e não é combatida rapidamente e não há uma reprovação de todo o espectro político a combatê-la, isto parece que vai legitimar aquilo que aconteceu. Como aconteceu agora recentemente de uns adeptos de futebol, que aquilo de futebol não tem nada, foi violência gratuita, desculpe, foi futebol, podia ser outra qualquer. Existem regras, as regras são para ser cumpridas, as pessoas, quando não cumprem as regras e fazem atentados à segurança, têm uma consequência, isto não quer dizer que teremos que viver num estado securitário. Isto é uma coisa que sempre aconteceu desde sempre, ou seja, existem regras que são para ser cumpridas. Agora tem que ser cumpridas e que se não forem cumpridas tem que haver quem perceba porque é que não foram cumpridas, as pessoas têm que ser chamadas à pedra e têm que ter uma pena de acordo com aquilo que aconteceu. Não podemos ter, por exemplo, um ex-primeiro ministro 10 anos para ser julgado. 10 anos, isto queria nas pessoas, um sentimento de, quer dizer, eu não sei, se ele é culpado ou se ele é inocente. Agora, eu, na posição dele, jamais quereria estar, quer dizer, na posição dele, se calhar até pode fazer sentido estar 10 anos a ser julgado, e se calhar a estratégia da defesa é mesmo essa, mas não deveria acontecer. Ou seja, uma pessoa tem que ter um tempo que seja razoável, a justiça não pode permitir que uma pessoa passe 10 anos a entropor recursos para que... se a pessoa for inocente é péssimo, porque houve 10 anos de um sentimento perante a sociedade sem se perceber se de facto ele é culpado ou não. Portanto, isso é uma das coisas. Depois, já não sei onde é que íamos, já estou a viajar para o outro lado.

**Os valores que devemos cultivar...**

Isso é uma das coisas que me preocupa e que me assusta, que é estamos a perder... Eu acho que legislamos e regulamos, em grande parte, porque não temos confiança e esses valores em grande parte se perderam. Eu acho que esta questão... o discurso da Lídia Jorge foi certo. E esta coisa... alguém dizia ontem e vi nos notícias, um tipo disso, uma coisa engraçada. Por sangue lusitano eu só conheço os cavalos. E a verdade é que é mesmo essa, só quem não tem noção do que é a nossa história, dos sítios para onde nós andámos, dos cruzamentos que existiram... façam um teste de ADN e vejam o que é que o vosso ADN diz e vejam de onde é que são as origens dos vossos antepassados. E esta ideia de que nós estamos neste retângulo e que sempre

andámos neste retângulo, é o contrário, nós andámos pelo mundo inteiro. Porque é que acham que temos a relação com a África, com as Américas, com a Ásia... Desde quando é que podem ter na cabeça as pessoas que nós somos puro sangue lusitano, isso é uma coisa que não existe, é uma fantasia. Portanto, acho que é preciso, como é óbvio, esta questão de imigração, a imigração tem que ser regulada, não podemos ter mais pessoas do que aquelas que podemos albergar, sobretudo porque essas pessoas, depois, se estiverem num número excessivo, não têm sítio para dormir, não têm trabalho, portanto como é óbvio. Agora, a imigração é precisa, se os imigrantes amanhã fossem todos embora o país parava, entrava em colapso. Acho que portanto por princípio, é isto, é ver uma fraternidade, esta coisa de sermos humanistas e de olharmos para o planeta como um todo e não como, pequenas fações, mesmo a Europa, quer dizer, sinto que a Europa se está a desagregar. Existem pessoas a puxar a corda para lados diferentes, acho que nós só cé estamos uma vez, só vivemos uma vez. Se vivermos em luta permanente, o que é que tiramos disto? Estes valores, estes princípios de fraternidade e de olhar pelo próximo, olhar pelo outro. Eu tenho um bocado isto incutido em mim, porque a minha mãe é médica e passou-me esses valores e eu exerço medicina há 20 e tal anos e todos os meus dias são passados a tentar cuidar do próximo e temos de transportar isso para o nossa dia-a-dia de ajudarmos os outros, de sermos bons cidadãos e o que eu sinto é que neste momento há uma animosidade, uma agressividade e as pessoas sentem-se escudadas nessas alterações políticas para dizer coisas horríveis, inimagináveis de que há cidadãos de primeira e cidadãos de segunda. Estou um bocadinho... agora acho que isto também só se esvazia combatendo e quando as pessoas estão zangadas, como acontece agora, se vem a algum messias dizer que tem uma solução e se conseguir, tal como por exemplo, o que acontece nas igrejas evangélicas, o que acontece, enquanto que a igreja católica promete pouco... se calhar o céu, não se pode dizer que seja pouco, mas as igrejas evangélicas prometem muito e há (...), se diz para alguém com o dom da oratória, investido numa ideia de resolução de problemas e através de, que é uma coisa que a gente está a ver acontecer aqui ao lado nos Estados Unidos, um estado Securitário, vamos mandar estas pessoas embora, porque não precisamos delas, uma falácia, vamos criar riqueza para todos, sem estas pessoas estarem cá porque não precisamos delas. É atractivo, quer dizer, para algumas pessoas, ainda para mais se existe este sentimento de, como esta imigração que aconteceu agora são pessoas, ao contrário, por exemplo, daquilo que aconteceu nos anos 90, 2000, com a imigração, por exemplo, da Ucrânia, que eram pessoas com o nosso tom de pele e as pessoas aceitavam melhor, não é? Já tempos desafios grandes pela frente e que eu acho que só se resolvem como, tem que se tentar ter uma ideia para o país, que a grande parte do espectro político, esteja de acordo, para que independentemente, tivemos sempre esta alternância entre Centro Esquerdo e Centro Direita, essa ideia do país tem que ser mais ou menos comum, depois as políticas podem ser relativamente diferentes, como normalmente são, entre Centro Esquerdo e Centro Direita, talvez não seja muito diferente, mas um bocadinho mais de Estado social, um bocadinho menos de Estado social, um bocadinho mais de economia é mais liberal, um bocadinho de economia menos liberal, mas acho que o país tem que ter uma ideia, vamos apostar no quê? Vamos ser um país especializado nas tecnologias ou vamos ser um país, claramente, só do turismo, vamos ser um país que tem indústria, ou vamos ser um país que vamos ter agricultura, ou vamos ser um país que... vamos ter... acho que temos que ter uma ideia do país.

**Restam-nos aqui três perguntas. O que é que o preocupa mais, então? Ou seja, pensando nesta versão de 2050, se tivesse que apontar aquilo que o preocupa mais, é o quê?**

São os conflitos armados, são as guerras, porque, na realidade, nunca se viveu tão bem como se vive hoje em dia, e eu tive a sorte, eu tenho 48 anos, portanto eu tive a sorte de ter vivido a minha vida toda, num sítio em paz, com prosperidade, os meus pais puderam ir estudar, eu pode ir estudar, tenho uma qualidade de vida que me permite acordar de manhã e ir de bicicleta para um, para um, tenho um negócio na área do Padel e do CrossFit, vou treinar todos os dias de manhã, depois venho de bicicleta para o meu consultório, que é no mesmo quarteirão, e vou trabalhar, o meu laboratório fica ao lado, a minha filha vai a pé para a escola, eu tenho uma qualidade de vida que vivo numa cidade pequena, muito boa. Eu sinto que... a pergunta que fez, desculpe lá outra vez...

**O que é que o preocupa?**

O que é que me preocupa. Portanto, esta parte que nós temos é uma coisa que muitas vezes não damos, só damos valor quando não temos, e portanto as minhas preocupações principais são uma questão de um conflito armado que temos às portas da Europa e que não se resolve, esta perda completa de noção, de haver de um povo, por exemplo, estar a conseguir fazer a outro aquilo que já lhes tentaram fazer a eles, aquilo que está a acontecer na Palestina, e estamos a falar de uma coisa que não aconteceu há séculos atrás, estamos a falar de uma coisa que aconteceu na altura da 2ª Guerra Mundial, alguém querer fazer um extermínio de um povo por questões religiosas ou raciais ou seja o que for, não é? E depois, passado 40 ou 50 anos, além de dizer assim

não, agora eu vou tentar, neste caso foram 80 anos, vou fazer a mesma coisa, quer dizer, as pessoas não aprendem com a história, a questão dos conflitos armados, a questão da falta de união e da falta de fraternidade e de humanidade, as pessoas estão a perder um bocadinho esses valores, acho que sobretudo é isso.

### **E o que é que o deixa mais entusiasmado?**

É, isto que falámos das aplicações, por exemplo, do lado positivo que a inteligência artificial pode ter para estas mudanças, a tecnologia tem um lado que nesse aspecto são muito positivas, acho que tudo aquilo que a gente tem criado em grande parte nos ajudou, os transportes mudaram quando se conseguiu, por exemplo, imagine a questão do teletransporte, daqui a uns anos conseguirmos instantaneamente aquilo que conseguimos com a comunicação, era impensável quando eu tive a sorte de presenciar um momento na história em que eu, quando eu nasci, a televisão era a preto e branco, depois eu joguei jogos no computador com disquetes de 5 e um quarto deste tamanho, e o meu pai tinha na empresa dele, um computador com ecrã (...), com disquetes deste tamanho, com kb de memória, depois disquetes de 3, e depois cassetes, e depois CD, e depois os computadores evoluíram para, quer dizer, e esta evolução foi tão especial, depois tive um beep, se calhar a Maria não sabe o que é que é, sabe o que é um beep? Um beep era, se calhar já viu naquela, nos Estados Unidos usavam muito naquela série, o ER, o Serviço de Urgência.

### **Ah, está sei, nunca tive.**

Eu tive um beep, depois tive um telefone, que era uma coisa deste tamanho, hoje em dia o telefone é um computador pessoal, até onde é que isto irá, portanto a evolução é gigante, quando vamos claramente desenvolver coisas em termos tecnologia, de futuro, claramente os óculos vão passar a ser um computador também, e eu vou ter, na lente a passar a informação que quero, eu vou fazer uma pergunta como fazemos com o ChatGPT e ele vai me dar uma resposta em tempo real. Isto é um lado bom, também tem um lado negativo, que é as pessoas deixarem de saber escrever, eu utilizo o ChatGPT muito menos do que a maioria das pessoas, a minha profissão também não exige, mas quer dizer, se a pessoa agarrar o ChatGPT e fizer uma tese de doutoramento no ChatGPT, quer dizer, não aprendeu nada, não nos desenvolveu nada, também já existem formas de contornar isso. Este fim de semana eu estava num almoço, e um rapaz brasileiro que veio para Portugal estava-me dizer uma coisa que eu nunca tinha pensado, que ele estava a explicar como era a forma que se contornava, o ChatGPT, para que depois um revisor que fosse ver uma coisa que ele tivesse escrito, percebesse que aquilo não era plágio, que era traduzir-se para hindu e depois hindu para inglês e inglês para português, e por este processo de tradução, o revisor do texto, se fosse tentar perceber se aquilo era plágio... depois o bandido também está sempre à frente do... Basicamente é isto, a tecnologia e a evolução do lado positivo, na saúde, por exemplo, a minha mãe é dermatologista, no futuro o que vai acontecer é uma aplicação do telefone, por exemplo, a pessoa tira fotografia a um sinal, aquilo vai lhe dizer qual é a probabilidade daquilo ser um melanoma, um carcinoma espino-solar, uma zaleoma, seja o que for, e, consoante, se essa percentagem for muito elevada, a pessoa então vai a um dermatologista, confirma o diagnóstico e encaminha. Já viu quantas vidas se podem salvar? Na minha área a mesma coisa, eu hoje em dia eu trabalho, eu tenho uma TAC no consultório, tenho laser, trabalho com microscópio, com ampliação, trabalho com localizador eletrónico da Apex, trabalho com... É uma coisa que era... a medicina dentária, hoje em dia e a medicina dentária de há 30 anos atrás, é uma outra medicina dentária, é uma coisa completamente diferente. Eu tenho um laboratório, utilizam CNCs para fazer as coroas, os materiais evoluíram brutalmente, em termos da resistência, em termos de estética, os dentes que eu coloco, são desenhados no computador, é tudo um processo que antigamente era manual e que implicava um despendio de tempo e de trabalho gigante para conseguir produzir uma peça. Hoje em dia, conseguimos ter uma peça mais estética, mais resistente, com até maior personalização, se quisermos, do que existia há uns anos, e mais rapidez, a tecnologia e eu que acompanhei o processo todo, para mim é aquilo que mais me entusiasma.

### **Então, última pergunta, se tivesse que descrever este futuro numa imagem, como é que seria essa imagem?**

Olha, aquilo que me veio à cabeça foi uma imagem que vi na China há 2 ou 3 dias, que era um veículo de transporte, quer dizer, que é um bocadinho, aquela ideia clássica de quem tem idade, eu não li propriamente a ficção científica dos anos 60, mas a ficção científica de 60 era claramente veículos voadores autónomos e eu vi isto acontecer, um veículo, como eu sei como é que se chama, em oito ou nove hélices, não é triplado, e, por exemplo, acho que num futuro não muito longínquo, a distribuição, por exemplo, de marcadoras, dentro dos grandes centros urbanos, será feita por drones, a mobilidade interna dentro das cidades, ser feita por veículos, que se calhar eu tiver uma ideia de ficção científica para além de uma coisa que já se conseguiu, por exemplo, o

Musk já conseguiu pôr um foguetão a aterrar na vertical, aliás a descolar na vertical, isto aqui acaba por ser um bocadinho aquela ideia clássica que nós tínhamos da ficção científica, que era um veículo voador de transportar pessoas, e estamos aí claramente, portanto era um veículo que já existe e que vai transportar pessoas dentro, e aquela imagem daquela cidade chinesa, era um bocadinho aquilo que se agarrar num livro de ficção científica dos anos 60, os comboios de gravitação magnética, e este veículo não tripulado ao levar pessoas de um lado para o outro, grandes arranha céus com pequenos jardins, é super interessante ver o que está a acontecer, claro que isto acontece em Portugal, não estamos aí, mas em países como, por exemplo, a China, claramente, houve um shift, e o maior medo que os Estados Unidos têm é de deixarem de ser o país com o maior, vamos simplificar isto, ser o número um, e isso vai acontecer, é uma questão de tempo, e o Trump está a fazer, ao contrário daquilo que ele criou, o que ele está a fazer, está a ter exatamente o efeito contrário, e está, a levar que a China mais rapidamente seja o país número um, até de tudo, provavelmente será em termos de armamento, em termos económicos, rapidamente será, em termos de população nem se fala, não é? Portanto, é uma questão de tempo, e está, claramente, a ver um shift para o Oriente, e isso vai mudar o mundo, como o conhecemos.

# 10 — João Madeira

## Pescador, Agricultor

12 de junho de 2025

**Megatendências associadas:** 01. agravamento das alterações climáticas, 02. pressão crescente sobre os recursos naturais

**Jornal:** *“Estudantes ligam-se à natureza com sensores bio-digitais que “traduzem” plantas e animais”*

**A primeira pergunta é, qual era a sua profissão de sonho quando era criança?**

Ui! Não sei, para aí Médico, uma coisa assim, não sei, talvez. Não tenho memória disso, não tenho noção disso. A que tenho atualmente só me apareceu no radar lá, já perto da entrada para a faculdade. Mas não sei, talvez Médico, talvez Médico.

**E entretanto, neste momento, tem uma cooperativa agrícola?**

Não, não tenho, sou agrónomo e tenho, na verdade, desempenho o papel de gestor de uma empresa agrícola. Também sou presidente de uma cooperativa agrícola.

**Ah, pronto.**

É mais conjuntural.

**Ok, ok. Então, e quanto pensa no futuro de Portugal em 2050, qual é a primeira imagem que vem à cabeça? Bem, imagens, som, um lugar, um sentimento, no fundo, o que é que lhe vem à cabeça?**

Eu até há pouco tempo estava relativamente tranquilo, acho que a coisa ia evoluir e íamos ter um país civilizado, continuávamos a ter um país civilizado e com, enfim, não tão desigual como é atualmente em termos territoriais, mas neste momento, não sei, neste momento estou cheio de dúvidas, porque a evolução recente da política, enfim, embora essas coisas tendam a ser um bocadinho pendulares, mas preocupa-me bastante, não tenho uma perspectiva assim, não sou pessimista, mas deixei de conseguir ser otimista.

**Ah, então é um sentimento mais neutro, então?**

É um sentimento de algum receio que isto possa, em termos sociais, as coisas possam entrar num ritmo um bocadinho em ebulição e podemos ter chatices, não é? Temos agora, enfim, preocupa-me, aqui é a evolução social, acho, do ponto de vista económico. Nós temos aqui alguns desafios, não é? Nomeadamente, como eu trabalho na agricultura, invariavelmente a minha análise vai parar aí, por causa das alterações climáticas e, nós não somos um país particularmente favorecido, e estamos com um cenário climático, sejam alterações duradouras ou de curta duração, mas o que é certo é que temos que lidar com elas. E, pronto, isso, enfim, gera alguma dificuldade e provavelmente vai gerar quebras de rendimento, mas, enfim, no ponto de vista da economia como um todo, parece que as coisas estavam a correr bem, não é? Agora, socialmente falando, estou um bocadinho apreensivo, porque acho que estamos a chegar... a atingir níveis de, não sei bem como é que eles chamam, de reatividade... Havia uma espécie de agressividade latente que estava de facto latente e que deixou de estar, e tenho algum receio, não consigo ainda perceber até que ponto é que ela é grave, que ela existe, já percebemos, e que se manifesta e que basta ter um catalisador para disparar agora resta saber até que ponto é que isto pode ser violento, a violência parece-me que vai passar a fazer parte da nossa vivência do dia a dia. Aliás, este fim de semana foi um bocadinho característico nisso, foi um bocadinho sintomático, disso aliás. Portanto, não estou propriamente otimista, não estou pessimista ainda, mas não estou propriamente otimista.

**Claro, e há pouco estava a dizer, ou seja, que até tinha uma perspectiva um bocadinho mais otimista de antes, e que o mundo estava a mudar numa certa direção, quando é que foi a última vez que sentiu que**

## **estávamos a mudar, se calhar depressa demais?**

Nós estávamos, havia uma trajetória, é pá, talvez, desde os anos 90, em Portugal, de melhoria das condições de vida, enfim, pelo menos em termos genéricos médios, se bem que a média seja um indicador, é um indicador um bocadinho tramado para estas coisas, porque ignora os casos concretos, mas, genericamente, as pessoas pareciam que estavam a viver melhor, mais acesso à saúde, mais educação, houve ali, talvez, no fim do século passado, enfim, mas eu tenho sempre algumas dúvidas a este respeito, houve uma explosão no acesso ao ensino, mas acho que também houve uma grande acentuação da falta de qualidade de algum ensino, portanto, nós passámos a ser formalmente capacitados, mas em muitos casos, ou num número significativo de casos, pelo menos eu achava que os reconhecia, as competências não passavam de formais, ou seja, não eram competências de facto, pronto, é uma pessoa com canudo, mas na verdade, vemos muitas licenciadas... vivo aqui numa cidade que também teve ensino superior muito tarde, que é Beja, e vemos pessoas licenciadas, com falta de ferramentas, ou seja, a não terem capacidade de gerar e de usar ferramentas que era suposto terem, portanto, fazer as coisas mais à custa de trabalho do que propriamente de engenho, à custa de força bruta do que propriamente de engenho, isso suscitou-me algumas, algumas reservas, mas enfim, não, mais por outra razão, é que de facto, as pessoas tinham as competências formais, embora, em muitos casos, não as estivessem de facto, no entanto, criaram uma expectativa, passaram a ser, passaram a um estatuto licenciado, e criaram uma expectativa de progressão social, e eu acho que isso é capaz de também estar aqui a interferir nesta altura de alguma reatividade social, que isto alimenta a frustração, na verdade, uma pessoa que tira um curso dito superior, que é reconhecidamente, do ponto de vista formal, é reconhecido como superior, mas que depois, não consegue, ou uma grande parte dessas pessoas não conseguem exercer a profissão, enfim, de acordo com as competências que elegadamente teriam isto depois gera um campo muito fértil para a frustração, e depois a frustração é um combustível tramado para estes fenómenos de reatividade e de inquietação social. Pronto, e depois, enfim, tivemos várias crises, já na minha vida, trabalho desde 1996, já assisti, já vivi uma série de crises, e a nossa sociedade foi mais ou menos bem, com mais ou menos falhas, foi saindo delas. E agora chegámos a um ponto, tivemos o subprime no fim de 2007, 2008, por aí diante, depois houve mais uns engasgos aqui e ali, uns choques, umas inflações no petróleo, depois o Covid, depois as guerras, agora o mais recente, a seguir ao Covid, guerra. Isto no setor onde eu trabalho foi dramático, porque mexeu muito com o mercado das matérias primas, e provocou, durante algum tempo, um tempo significativo, uma inflação brutal dos preços de fatores de produção. Mas pronto, enfim, fomos mais ou menos saindo delas, e aparentemente agora estamos numa fase, e essa é precisamente a parte que me preocupa, porque é um fenómeno que eu ainda não, enfim, tenho lido... intriga-me, tenho lido um par de horas sobre isso, mas não... consigo entendê-lo, mas não consigo perceber como é que se combate, porque é muito baseado em percepções que muitas vezes não correspondem a uma realidade objetiva, portanto, nós estamos a viver um bom momento económico, em Portugal, por exemplo, as coisas, os indicadores são simpáticos, e temos um partido que vive do ressentimento, a conseguir gerar mais ressentimento. Ouço muitas vezes, as pessoas estão revoltadas e há ressentimento, é verdade, acredito que sim, mas há-de haver nesse ressentimento, esse ressentimento é uma entidade complexa, porque há de haver ressentimento legítimo, e há de haver outro ressentimento que é baseado naquilo que, numa impressão ou numa percepção que é gerada nas redes sociais, e nosWhatsapps, e nos TikToks, e essas coisas todas. Na verdade, não tem correspondência, não corresponde, portanto, a gente já sabe que esse tipo de pessoas mentem descaradamente, fazem da mentira uma estratégia de progressão. Eu acho que o resto da sociedade não tem ainda ferramentas para combater isso. É uma coisa relativamente recente, embora tenha vindo, isto tentando responder à sua pergunta, tenha vindo aqui e ali, havendo assomos de que isto podia acontecer, mas parece-me que é uma tendência relativamente recente nos últimos 3, 4 anos, porque é certo que nós temos uma sociedade, neste momento, crescentemente polarizada, e começa a ser muito o ódio que começou a andar à solta. Isso nota-se na vida em sociedade, mas nota-se também no trabalho, nota-se nas questões empresariais, enfim, não sei se respondi.

**Respondeu, respondeu, certamente respondeu. Agora, o que eu lhe vou trazer é eu vou pôr aqui um áudio.**

(...)

**Pronto, isto foi uma notícia de 2050. Queria perceber como é que o que achou desta notícia, no fundo?**

Bom, eu acho que é possível. É verosímil, não é? Portanto, nada disso. A parte da neurobiologia é que nós ainda estamos, talvez mais longe disso, mas tudo o resto, já existe muitas daquelas coisas de sensorização, nomeadamente na agricultura, é uma realidade, né? Sensorização de animais e sensorização do sol e sensorização de plantas. Portanto, parece-me possível, não é? É daqui a 25 anos, não admiraria que nós... Não

me admiraria se fosse verdade daqui a 25 anos. As conexões, as conexões entre as pessoas e o ambiente. É um setor onde há muito tempo, há muitíssima desinformação. Há uma grande preocupação da população urbana com o ambiente. E, de alguma forma, fazem-se... Enfim, isto aqui, eu não faço grande... Até porque de formação profissional, não faço grande distinção entre rural e o urbano, no ponto de vista das relações sociais, porque hoje em dia o meio rural, tirando aqueles casos de populações, de povoações assim muito isoladas, o meio rural está completamente urbanizado em termos da perspectiva de vida das pessoas que lá vivem, né? Toda a gente usa o Facebook, toda a gente anda sempre agarrada ao telemóvel, toda a gente vê TV cabo, fazem-se... Estão-se a normalizar hábitos. Portanto, não há um grande fosso... Volto a dizer, a não ser naqueles casos, devem ser já muito esporádicos de povoações muito isoladas. O que acontece é que há uma dissonância, na forma como as pessoas vêem a questão ambiental, em que a população urbana tende a ver as atividades em meio rural, como agressoras do ambiente, e é uma leitura incompleta. Muitas terão, todas as nossas atividades enquanto espécie, a humanidade deixa marcas, não é? Desde que existe até os leões e os elefantes também deixam marcas, quando fazem uma toca, quando entram por uma mancha de mata diante, partem, todos nós deixamos marcas. O que acontece é que a população urbana tende a ver, tende a olhar para aquelas marcas que nós deixamos como muito negativas e muitas vezes, até um bocadinho, e refletidamente, querem acabar com elas, mas depois querem comida no linear do supermercado e, de preferência a preços que eles consigam pagar, e boa, não é? Do lado da população rural, há também um grande desconhecimento, e tendem a achar-se virtuosos sempre em todas as circunstâncias, ou seja, aquela coisa que já deve ter ouvido, o agricultor é o maior amigo do ambiente, alguns serão, outros não. Portanto, trouxe-me à cabeça estas conexões profundas entre as pessoas e o ambiente. Eu espero que, nessa altura, já haja um bocadinho mais de objetividade na análise, neste momento não há muito. Estas duas tensões, que são tensões de sentido contrário, uma e outra estão relativamente erradas, e pronto. Mas pareceu um verossímil, sim.

#### **E que implicações acham que isso teria, enfim, no seu dia a dia, na sua comunidade?**

No meu dia a dia facilitava-me imenso, porque eu ainda por cima trabalho com animais e com plantas, por isso ficava com a vida... se tivesse tudo sensorizado e conseguisse interpretar os sinais de forma muito objetiva, sem ter que andar, nós aqui, na agricultura, principalmente na agricultura onde eu trabalho, que é a agricultura não regada, a única... é como a morte e os impostos, a outra é a incerteza. Portanto, isto para mim era ótimo. Era um cenário muito agradável, se pudéssemos ter leituras de plantas de animais de solo e por aí adiante, objetivas e limpinhas.

#### **Agora, se calhar focando até mais no seu contexto profissional, quais é que acham que são então os maiores desafios que Portugal enfrenta? Ou seja, há pouco estava a falar de diversos desafios, e falou das alterações climáticas também, obviamente, tendo um grande impacto. Mas o que é que nós podemos fazer até lá? O que é que imagina que é possível?**

Nós vamos ter dois Portugais, já temos, vamos se acentuar, vamos ter um Portugal que vai ficar muito árido, por azar é este onde eu vivo, e vamos ter que, se queremos continuar a ter aqui, o motor dos territórios e a atividade económica. Portanto, se queremos continuar a ter aqui atividade económica, vamos ter que parar com a brincadeira, olhar com objetividade para isto, e começar a ter uma estratégia de construção de qualquer coisa diferente do que temos até hoje. Hoje em dia, isto, tenho uma visão muito pessimista da forma como a agricultura de Sequeiro está a trabalhar. Não vejo que as pessoas... Se calhar se fossemos falar das razões, tínhamos uma entrevista muito longa, mas há razões que se prendem com, em muitos casos, falta de capacitação dos agentes económicos do setor. Lá está, radicando um bocadinho naquela dissonância, naquela fratura entre competências formais e competências de facto, que, em muitos casos, não coincidem. E também os sinais dados pelo Estado, no sentido do Estado, por alguns, a maioria dos governos, que o setor agrícola é um setor muito condicionado por políticas públicas. E essas políticas públicas geram estímulos económicos e regulamentares, mas muitos deles económicos, que orientam a tomada de decisão em determinados sentidos, que hoje em dia, sabe-se de forma mais ou menos inequívoca que têm efeitos ambientais negativos. Muitas vezes, nem têm o resultado económico esperado e têm efeitos colaterais negativos ao nível do ambiente e da conservação dos recursos. Isto vai fazer... Vamos ter uma espécie de chamada à Terra e vamos ter que olhar para isto de uma forma séria, porque nós estamos ainda a tempo, estamos bem a tempo, de reverter uma trajetória que tem sido de lapidação de recursos, nomeadamente solo, a seguir água, e a paisagem ainda está mais ou menos preservada, mas pronto, aqui neste Portugal, o Portugal que vai ter piores condições, temos que parar de brincar. Há sustentabilidade e temos que olhar para isto a sério, de forma adulta, de forma séria. O outro Portugal, provavelmente, vai beneficiar, vai ter uma atenuação do frio, vai continuar a ter alguma água, alguma precipitação, são zonas com muito poucas limitações de água, vai passar a ter menos dias de geada. Portanto, estamos a falar até agora em termos só agrícolas. Portanto, há outro Portugal, que há de ser o

Portugal litoral, a Norte de Lisboa, e ali uma faixa até meio do país, mais ou menos, ali a oblíqua, será mais ou menos um terço do país, que, se calhar, vai ter boas condições a sério. A parte mais norte e mais interior é capaz de não ter tanta sorte, e o sul vai ter um desafio muito grande pela frente, uma questão não só pela da diminuição da precipitação, mas do aumento da temperatura, que é uma coisa que... E a conjugação das duas, que são sinérgicas, ainda por cima, no mau sentido. Isto, do ponto de vista territorial, condiciona o território. Portanto, vai ter obviamente impactos. Há muito turismo que se faz em espaço rural, que depende de alguma forma da agricultura, pelo menos da paisagem agrícola, do enquadramento agrícola, que também se pode ressentir. Há algum que mais vocacionado para a natureza, esse eventualmente vai haver talvez uma (...) para renaturalizar certas zonas. Quanto a mim, eu não sou... Isto é uma opinião, eu não sou grande adepto da renaturalização do rewilding, porque normalmente é excludente das pessoas, e aquilo parece uma coisa benéfica no curto prazo, mas vai acabar por esvaziar território. E nós temos uma característica do país Mediterrâneo que somos, que temos verões quentes e secos. E a conjugação destas duas características normalmente dá grande probabilidade de haver incêndios. Portanto, se deixarmos ter um território gerido, portanto, renaturalizado, mas é sempre uma renaturalização entre aspas, porque a natureza não regressa toda, não vamos ter grandes manadas de mamíferos, não vamos ter alcateias de lobos, porque as pessoas não querem isso também, e depois não conseguem contê-las, não conseguem conter, não vamos fazer reservas, não temos capacidade de fazer reservas. Portanto, é sempre uma renaturalização entre grandes aspas. Pronto, enfim, eu tenho aqui muitas dúvidas acerca da renaturalização, porque há duas perspectivas de gestão do território, ou a agricultura partilha o território com a conservação, ou se autoexcluem. Vamos concentrar a agricultura nas zonas altamente intensivas para podermos depois renaturalizar as outras, que eram mais, que eram menos intensivas e mais extensivas. Pronto, isto depois tem implicações territoriais, provavelmente vai haver menos gente, vai haver menos gente a querer viver aqui. E simplesmente temos uma crise grande, grande, grande de atratividade, fora das zonas muito prósperas, nomeadamente aqui, por exemplo, Beja com o Alqueva, fora de aqui há atratividade para novos habitantes para contrabalançar o declínio populacional, não... é escassíssima, não é? E depois temos outra questão também, que dentro destas zonas do regadio e tal, está-se a confundir um bocadinho o conceito de desenvolvimento com o conceito de uma prosperidade, de uma franja muito limitada da população. De facto, aquilo gera prosperidade, mas essa prosperidade não contagia ao território. Os problemas sociais continuam, a falta de acesso à saúde, a falta de acesso à educação, as vias de comunicação, o acesso à informação, tudo. Ou seja, vivemos aqui numa zona onde há umas quantas pessoas muito prósperas e uma população continua a ser uma população com índices de desenvolvimento social bastante rasteirinhos. Portanto, de ponto de vista da evolução do território, agora, obviamente, as cidades são muito atrativas, os jovens aqui desta zona sentem-se muito atraídos pelas cidades, quanto maiores, melhor. E isso depois levanta outro tipo de problemas com os quais eu não estou completamente à vontade. Eu tenho vivido sempre em cidades, apesar de trabalhar no campo, mas as cidades neste momento também apresentam todas as dificuldades, por exemplo, aqui esta cidade onde eu estou agora, que é Beja, teve uma transformação completa, o centro da cidade neste momento é povoado, quase exclusivamente, por população imigrante, o que provoca uma grande reação da população residente, que já não habitava o centro, o centro estava vazio, estava esvaziado, mas que reage com aquela gente diferente, de outra cor, com outros hábitos, que se vestem de outra maneira, que comem outras coisas, que rezam a outro deus, qualquer. Temos aqui também uma tensão contraditória, que é as pessoas reagem a este tipo de entrada de pessoas, mas as atividades económicas que geram a tal prosperidade que acaba por ser concentrada em muito poucos, dependem muitíssimo desta gente, e, portanto, não sei como é que... ou seja, as pessoas acham que querem colher os frutos da prosperidade, que está muitíssimo concentrado e, portanto, já não os colhem, mas, por outro lado, não querem aquelas pessoas...

### **Querem mão de obra.**

É, temos aqui uma série de contradições. Pronto, também não estou propriamente muito otimista.

### **Mas, então, e se começasse a pensar, para ver se fica um bocadinho mais otimista, em oportunidades. Ou seja, o que é que acha que poderiam ser, então, oportunidades para o país?**

As oportunidades estão aí, nós sabemos que a humanidade sabe cada vez mais. E, portanto, nós hoje em dia temos ferramentas que nos permitem, se quisermos, viver bem, viver bem, mesmo nestes ambientes com evolução desfavorável. Temos ferramentas, temos conhecimento, temos tecnologia. Temos é uma população muito... Vou usar um termo que é um bocadinho, que é um bocadinho, ou, se calhar, até indelicado. Temos uma grande... A população é muito marcada pela ignorância, pela falta de... Não sei como é que lhe hei-de pôr a coisa. Nem é bem só uma questão de falta de cultura, que é enorme. Hoje em dia, as pessoas deixaram de ler... Já nem lêem as jornais quanto mais livros. E livros lê-se aquela literatura de Cordel dos top 10, entre coisas como as 50 Sombras de Grey para baixo. Isto gera uma população que está pouco... É muito focada agora,

agora, agora, e muito pouco dada a planear, a prazo, que na verdade é o vosso, é o que vocês estão a tentar fazer, estão a tentar criar ferramentas para isso. A nossa população vive muito no curtíssimo prazo, na reação imediata, e, portanto, as opiniões mudam a cada cinco minutos, uma pessoa que agora está a ver dois vídeos numa rede social qualquer, que pode até de um deles ser falso, e muda da opinião, e passa a professar outra fé qualquer. A nossa grande oportunidade é educar as pessoas. Nós não somos um país de recursos abundantes, mas, com o conhecimento, teremos capacidade de fazer mais ou menos o que quisermos. Agora, o grande desafio, a grande oportunidade é essa. É o conhecimento, o nível de conhecimento que nós temos, que a humanidade tem, que nós em Portugal também me parece que temos, o grande desafio para tentarmos agarrar essa oportunidade é criar condições humanas para isso, que é capacitar as pessoas, é deixar de... Eu acho que na educação também se andou a brincar um bocadinho. Eu vejo, eu tenho uma filha com 21 anos, e tenho acompanhado o percurso educativo dela, e comparo com o meu, eu tenho 54, comparo com o meu, e enfim, os jovens da agora têm muito mais capacidades ao outro nível, porque dominam a tecnologia, já nasceram com a tecnologia, aquilo que nós fomos adquirindo, eu assisti ao aparecimento do telefone móvel, depois dos telefones espertos, dos smartphones, nós fomos sempre aprendendo, eles já nasceram nisso, portanto, é uma espécie de prolongamento do corpo. Agora, há uma parte que está um bocadinho aligeirada, que é a questão das ferramentas intelectuais, da forma de não termos que ir sempre ver ao telefone, de termos autonomia cerebral para fazer coisas, e tenho algum receio de que... Imagine, ainda hoje estava ouvindo um podcast de um tipo sobre um chatbot, uma coisa sobre um chatbot de apoio psicológico, e um dos grandes riscos é os apagões, por quando se acaba a luz como se acabou aí há três semanas ou quatro ou cinco, e ficamos não só sem eletricidade, mas também sem comunicações, acaba-se auxílio, e portanto, as pessoas podem entrar em parafusos nessas 10 ou 12 horas que estamos sem luz. Portanto, acho que a tecnologia é nossa salvação, mas tem que ser enquadrada, tem que ser posta de uma forma em que nós não ficamos absolutamente dependentes dela, temos que manter os nossos recursos, temos um cérebro, a característica mais diferenciadora da nossa espécie é o cérebro grande relativamente ao corpo, e é sermos muito criativos. Enfim, a criatividade acho que não fica posta em causa da tecnologia, mas a autonomia pode ficar. A autonomia da ação e de atuação. Portanto, enfim, eu vejo as coisas... Tenho aqui, tenho algum otimismo, mas acho que o desafio de formar esta população é muito grande, porque nós andamos a brincar aos cursos superiores, andamos a brincar a uma série de coisas, e temos depois dois mundos entre as pessoas para que se formam nas universidades mais sérias, ou nos politécnicos mais sérios, e as pessoas que se formam nos outros, em que a falta de competências é gritante. Isso nota-se muito na agricultura.

**Pois. Há pouco falou, até mais em temas raciais, etc. E como é que se sente em relação à igualdade de género?**

Eu estou muito preocupado com a igualdade de género, ultimamente. Acho que estamos em vias de começar a retroceder, acho que está a haver um surto de misoginia outra vez. Eu tenho uma filha, portanto, por mais que não seja por isso, mas gosto de me considerar feminista. Mais que não seja por preocupação com a minha filha, porque acho que agora voltámos aqui, nesta salvageria da alguma parte das redes sociais, a ter influenciadores a professarem a inferioridade da mulher, e o papel secundário da mulher. Com algumas mulheres a aceitarem isso, que é uma coisa que me admira. Há algumas mulheres jovens a aceitarem isso, a aceitarem que sim, sim eu tenho que ser sustentada pelo meu par. Há uma série de... Há pouco tempo houve o relato de uma senhora que escreve no público, que tem também um blog, ou uma coisa assim do género, ou tem uma conta no Instagram, onde faz uma espécie de diário, que é a Carmen Garcia salvo erro, que está grávida, e que... Isto é só exemplo... Portanto, acho que é bem exemplificativo, eu vou contar este caso, que é exemplificativo do meu receio. Está grávida, é uma tipo que... Enfim, tem sempre um... Tem até uma posturas, posições muito equilibradas, e está grávida, e estava à procura de uma creche para a criança, que ainda não nasceu, que não é o primeiro filho, salvo erro. Mas isso aqui é irrelevante. E contou aquilo, numa conta qualquer de Instagram, numa coisa que ela mantém. E teve uma enxurrada de mensagens de ódio, de homens, dos ditos influenciadores, dos YouTube, não me lembro agora dos nomes, há um estrangeiro, que é muito conhecido, que é o Andrew Tate, que é um tipo que faz a apologia da mulher-objeto. E estes era... Desculpa lá, agora vou usar uma coisa mais vernáculo: “És uma gaja, que não arranjaste um gajo capaz de sustentar e andas atrás das gajas dos outros para tomar em conta dos teus filhos”. É assim uma coisa, um argumento completamente louco. E isto começa a haver aquela cultura incel, os jovenzinhos homens, que acham que o lugar do homem tem um papel diferente na sociedade, é o gajo do músculo, é o gajo que deve ser o monopólio da violência. Enfim, preocupa-me. E preocupa-me ainda mais quando há jovens, mulheres jovens, a aceitar isto como se fosse normal. Pode ser que seja só uma tendência episódica, pode ser que a coisa retroceda, mas... Enfim, estou preocupado.

**Pois, eu também tenho um enteado com 14 e tenho que começar a estar mais atenta. Eu percebo, é um bocado assustador, como é que se dá a volta...**

Há uns tipos, agora lembrei-me, há um rapazinho, que anda sempre em carros de luxo e faz férias aqui e ali, que é uma criatura chamada Numeiro, não sei se já ouviu falar dele. Eu não conheço o gajo, tenho ouvido-o porque ele faz, tem uns milhões de seguidores no YouTube, e acha que...é um tipo do paleolítico, sabe? Em termos da perspectiva da mulher, do papel da mulher na sociedade.

Ok.

Mantenha-se atenta.

**Vou manter, vou. Então, e continuando aqui na sociedade, e pensando em 2050, e agora se calhar pensando até mais, refletindo se calhar um bocadinho, naquilo que acha que deveriam ser os valores, ou seja, que valores é que nós deveríamos cultivar para a sociedade em que o João gostaria de viver em 2050?**

É melhor, se calhar, fazermos uma lista negativa, não sei se... É não cultivar este ressentimento, este ódio ao diferente, esta forma de olhar para o outro como um inimigo, ver nas diferenças... é respeitar as diferenças. Acho que devemos cultivar o valor do trabalho, e acho que temos que trabalhar, acho que temos que estudar, temos que nos preparar... o valor da honestidade, mas o valor depois da inclusão, o valor da humanidade, o ser sensível à desigualdade, por exemplo, mas principalmente o que me preocupa é esta coisa de ver o outro, principalmente a incapacidade que as pessoas hoje têm de lidar com o dissenso, com opiniões diferentes, um tipo que tem uma opinião, para já as opiniões formam-se, aquilo é só juntar água e forma-se uma opinião, e depois são opiniões que, como não estão consolidadas, não conseguem ser discutidas. É assim, porque sim, é uma questão quase clubística, e hoje em dia as pessoas têm muita dificuldade em debater, em debater no sentido nobre do termo, em discutir honestamente, em pôr o seu ponto de vista, também à discussão, e aceitar, estar disponível para aceitar os argumentos dos outros, não os rejeitar imediatamente só porque são dos outros, né? Portanto, é esta parte que eu diria para todos os valores de humanismo, não é? O prezarmos a liberdade, que é uma coisa que também parece que há cada vez mais gente disponível para aceitar, não é? Não sei que raio de mundo é que eles projetam, mas parece-me que vai ser um um bocadinho negro. Portanto, todos os valores da aceitação da diferença, da empatia, da solidariedade, da entre-ajuda, enfim, tudo o discurso da Miss Universo, pronto, aqui podemos fazer, sem querer ser sexista, não é? Mas depois é combater o resto, combater este ressentimento, este ressentimento que não se percebe bem de onde é que vem. Porque as pessoas estão ressentidas, mas depois nós olhamos para o estilo de vida e aparentemente vivem algumas delas confortavelmente, não é? Mas estão ressentidas porque gostavam de ter o que aquele tipo tem e não conseguem, não é? Isso não é uma razão válida para ressentimento. Mas a partir do momento em que existe temos que olhar para ela como válida, mas como é que se combate, não é? O combustível que alimentava aqui os portugueses era a inveja, não é? Parece que voltámos se calhar um bocadinho a isso, mas infelizmente não é uma coisa só portuguesa, não é? Parece que os outros países também têm isso, mas a mim preocupa-me mais esta, este culto do ódio, do ódio e do desrespeito da diferença e do não saber aguentar...

*[parte retirada, chamada recebida pelo entrevistado]*

É esta dificuldade em lidar com a diferença. A diferença de cor, diferença de religião, diferença de forma de pensar. As pessoas não conseguem. Têm muita dificuldade. É uma coisa muito, está numa coisa muito, estamos no ambiente muito polarizado.

**Certo. Se tivesse que dar um conselho a quem está a tomar, e só para alinhar expectativas tenho mais duas perguntas.**

Pois eu às 7 tinha que acabar.

**É isso, é isso. Então se pudesse dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje, e aqui pode ser na verdade empresas, governos, organizações qual é que seria esse conselho?**

Eu volto atrás, é educar, educar, educar, educar, educar. Acho que é educação e economia, claro. A gente não pode ter uma população muito educada a viver miseravelmente, mas acho que uma coisa decorre da outra sempre. Não podemos descuidar a economia, mas a educação das pessoas é... a educação a sério. Estamos a falar de educação a sério. Enfim, no sentido nobre do termo. Esse era o conselho, era investir nisso. Já agora só para, porque muitas das outras questões que eu podia aqui nomear, tecnologia, economia, solidariedade decorrem todas de uma população educada, aliás nós vemos o nosso fosso para o Norte da Europa aparentemente nasce aí, não é? É que nós temos um nível de educação muito inferior aos dos países do norte

da Europa, portanto temos uma população menos disponível para aceitar determinadas estratégias sociais que são destinadas ao bem-estar comum mas que eles vêem como como escândalos, não é? Como, por exemplo, tratar... de acudir às pessoas que não têm habitação. Isso é, porque eu tenho que pagar a minha casa porque aquilo não me paga, não é? É aquela noção que acho que é muito baseada na ignorância também e, enfim, de que a pobreza é uma opção. A pessoa só é pobre se quiser, não é? E ignora a enorme multidão de pobres que trabalham, né?

**Parece que não há contexto, não é?**

Mas depois os pobres que trabalham também ficam muito revoltados quando vêem os pobres que não trabalham e que são acudidos pelo Estado. Ou seja, precisamos destas duas vertentes, mas eu acho que a educação se tivesse que dar um conselho, seria a educação.

**Boa. Então, agora, para terminar, se tivesse descrever a futuro numa imagem, como é que seria essa imagem?**

Eu, apesar de tudo, apesar de não estar particularmente otimista, eu, enfim, acho que ainda estou em termos estruturalmente ainda estou otimista. Tenho aqui uns assomos aqui e ali de algum pessimismo. Como é que seria a imagem? Nem consigo... Quer que a descreva... Seria uma imagem marcada pela harmonia. Vá lá, não é? Isso é capaz de ser um bocadinho nonsense, depois de tudo o que eu disse. Mas apesar de tudo, ainda... Acho que nós temos muito potencial para evoluir favoravelmente. Temos muito campo de progresso. Temos uns grandes desafios, mas acho que globalmente... tenho algum medo, não é? Tenho algum receio, mas acho que seria uma imagem marcada pela harmonia, não é? Mas eu tenho aqui um enviesamento para o campo, já sabe. Talvez uma imagem de uma articulação simpática entre o campo e a cidade, que acho que temos que promover a bem daquela... A bem de acabarmos com aquela dicotomia que eu falei, que é os urbanos e os rurais olham uns para os outros de forma completamente distorcida e errada. Globalmente errada nos dois casos, né? E... Pronto, enfim.

# 11 — Rita Pureza

## Ativista

17 de julho de 2025

**Megatendências associadas:** 08. um mundo multipolar, 09. novos desafios à democracia

**Jornal:** *Vox Futures permite que jovens votem nas decisões escolares e elimina as fake news em tempo real*

**Quando pensas no futuro em 2050, qual é a primeira imagem, som, lugar ou sentimento que te vem à cabeça?**

Imagem, som, sentimento.

**Ou lugar. O que é que te vem à cabeça? Pensa em 2050.**

Opa, penso... uma certa ansiedade, acho que o sentimento é esse, e o lugar estou dividida entre pensar que posso estar tipo num sítio seguro, reservado, protegido, ou pensar que em 2050, se tudo correr bem, não estarei no meio de uma cidade e consigo ver verde à minha volta, acho que é um bocadinho. É um bocado essa coisa meio, por um lado, eu acho que essa coisa do lugar seguro e de uma coisa mais fechada, isso remete-me a estar em Lisboa, que é onde eu vivo agora, com aquilo que eu sei que existe agora, mas eu não sei se em 25 anos, essa vai ser a realidade, e espero que não seja na verdade.

**Então tu queres estar, em 2050, queres estar num espaço verdinho.**

Sim, era uma boa coisa.

**Falaste em ansiedade, quando é que foi assim a última vez que sentiste que se calhar o mundo estava a mudar depressa demais, ou o que é que te faz sentir essa ansiedade?**

Eu acho que todos os dias quando abro as redes sociais tenho esse sentimento, acho que assim, mais marcante, acho que foi quando estive grávida, de repente ter um bocado essa coisa de, ah é, espera aí, espera aí. Para que é que nós estamos a trazer um ser ao mundo, e ser um bocado assustador, pensar como é que o mundo está, e pensar o que é que vai ser o futuro para a minha filha, e que o mundo é que estamos um bocado a construir para os miúdos de hoje em dia. Eu acho que aí foi muito real, essa coisa de ansiedade e de considerar o mundo que está à nossa volta. Mas eu acho que isso é uma coisa que está muito presente todos os dias, na quantidade de informação que nos chega. E sim, é um bocado isso.

**Bom, agora vamos te pôr a saber as notícias de 2050.**

(...)

**Então, o que é que achaste desta notícia, Rita?**

Então, bom saber que, em 2050, a palavra democracia ainda existe. Bom saber que o sistema educativo está a ser transformado de alguma forma, é uma coisa diferente daquilo que é hoje em dia, e que evoluiu, e que está mais tecnológico e etc. mas que há também esta preocupação da preparação para a cidadania e da argumentação, de poder de argumentação. Eu acho que hoje em dia, se está a perder cada vez mais, e sobretudo nos camadas mais jovens, a capacidade de argumentação e a capacidade de debater ideias. Podermos falar sobre ideias que temos e que são ideias diferentes. Há pouco, nos jovens e nos menos jovens, as pessoas estão a perder um bocado essa capacidade de ter argumentos e de saber conversar sobre isso e de saber debater ideias. Tipo, não ser uma coisa só polarizada e não ser uma coisa só de, está certo, isto está errado, isto é branco, isto é preto. Há muito mais miandros e eu acho que isso é uma coisa boa. Era fixe, efetivamente, chegarmos a 2050 e as pessoas terem essas competências.

**E o que é que achas que, ou seja, com esta realidade, digamos assim, porque, se calhar, isto é um exemplo de uma escola, mas que podemos retratar para a sociedade. O que é que achas que trazia de novo ao dia a dia das pessoas, às comunidades, às atividades profissionais? O que é que imaginas, tipo, pensando agora um bocadinho neste cenário?**

Sim, eu acho que a questão da tecnologia, imagina, se vai ser com mais hologramas, menos hologramas, com mais AI ou menos AI, eu acho que isso é: um inevitável, dois, eu não sei se daqui a cinco anos estamos a falar destas coisas, se calhar já vão ser outras coisas, não é? Que nós nem sequer conseguimos imaginar o que é que possa ser. Como é que a tecnologia vai avançar? Mas vai avançar e muito rápido, não é? Portanto, ela vai fazer parte, isso não tenho dúvida, e vai estar em todos esses contextos que estavas a dizer, não é? Tipo, na nossa forma de estar em sociedade, nas organizações, nas escolas, nas comunidades, ela vai existir, vai ser parte do que é o normal, tipo, é uma infraestrutura, não é? Como nós temos prédios e carros e coisas, eu não tenho dúvida que a tecnologia vai fazer parte. Agora, esta coisa de votações mais ágeis, de participação mais rápida, das pessoas poderem facilmente interagir, tirar, não sei o quê, a questão das fake news, não é? De facilmente isso ser muito bem escrutinado e devolvida a informação real, não sei o quê. Eu acho que isso tem todo o impacto, bastante, nas tomadas de decisão que podem ser das coisas mais pequeninas, do dia a dia, de uma reunião de condomínio, não é? Tipo, ou as coisas são um bocadinho maiores, efetivamente, de cidade, de sociedade, etc. Por isso, sim, acho que é um cenário positivo.

**E, se calhar não te pegando agora tanto ao cenário, e ser mais uma reflexão individual tua, o que é que tu achas que são, assim, os maiores desafios Portugal enfrenta, nestes 25 anos que temos pela frente?**

São tantos... eu acho que, espero que não demore 25 anos a resolver, mas acho que a crise habitacional é, eu diria que está assim, no topo das questões e dos desafios a resolver em Portugal, a questão ambiental. Tipo, somos aquela coisa do país à beira mar plantado, é muito giro, mas com o aumento da temperatura, o aumento do nível do mar, etc. eu acho que nós vamos ter que repensar enquanto o país muito rapidamente o que é que isso vai significar para o litoral, para o interior. Eu acho que... imagino que há aqui muitas mudanças demográficas com isso, tipo, cidades costeiras que vão desaparecer, comunidades costeiras que vão desaparecer. E como é que pensamos um bocado essa relação de a proximidade do oceano? Ainda que isso, Portugal tem sol o ano inteiro, tem água, tem vento, não sei se já temos aqui uma série de energias renováveis que podíamos ser até pioneiros nessa área, não é? Fazer valer muito desse privilégio geográfico, mas eu acho que tem que haver políticas públicas e bem pensadas, tipo, planeamento urbano, planeamento de território, etc. Eu acho que isso é um mega desafio para Portugal. Haja as pessoas e capacidades para pensar nisto de uma forma muito mais integrada e mais interessante para toda a gente. Eu acho que a mentalidade portuguesa pode se calhar estar no miandro destas coisas todas, da crise habitacional, da crise ambiental, da crise tecnológica. Eu acho que é muitas vezes o nós sermos uma cultura que pensa pequenino, que é meio mesquinho, que gosta de estar onde está, os brandos costumes, não é? Não nos termos em grandes confusões. As coisas acontecem e nós até achamos mal, mas nunca nos indignamos. Tipo, não saímos à rua, não exigimos, não. Então, acho que é um bocado esse o desafio é, com isto tudo a acontecer, que são coisas grandes, sistémicas, importantes, e que Portugal pode, efetivamente, fazer uma diferença grande. Tem é que ter essa capacidade de agir e de se indignar contra as coisas e deixar de pensar pequenino. Acho que é sobretudo isso.

**Vejo mais alguma oportunidade além das energias renováveis, que, se calhar, foi a que fundamentaste melhor.**

Uma oportunidade enquanto país. Sei lá, eu acho que mesmo em termos culturais, e aqui cultura no seu sentido mais abrangente. Acho que temos essa capacidade, tipo, temos escritores incríveis, temos músicos incríveis, temos pintores incríveis, temos muitos artistas bons, mas muito mal tratados. Então, acho que Portugal podia ser... e quando vês essas coisas, tipo, ah, fomos a um festival lá fora, e, de repente, Portugal foi super destacado. E, de repente, um músico qualquer, um pintor qualquer, é super reconhecido no exterior. Eu acho que temos pouco reconhecimento e pouco cuidado com a cultura cá dentro. Mas eu acho que é um mega potencial, tipo, eu acho que, pronto, eu sou a defensora da cultura e acho que, acho que os países são muito mais ricos, quanto mais apostarem na cultura e na educação. Acho que Portugal não aposta muito, infelizmente, mas ainda assim, eles vão surgindo. Portanto, imagina se tivéssemos apoio, não é? Imagina se houvesse financiamentos, as pessoas fossem bem tratadas, fossem reconhecidas, se houvesse cuidado, se houvesse um ministério que trabalhasse bem esses temas. Ou vá, se houvesse um ministério só da cultura, não é? Era uma coisa boa. Pronto, portanto, acho que, ou seja, é quase esta coisa de, por um lado, temos as características geográficas e geológicas e energias renováveis. Por outro lado, eu acho que temos as pessoas, tipo, um bocado o valor humano, não é? Tipo, que eu acho que está nessa coisa da cultura e da educação, mas que, talvez,

como as energias renováveis não seja tão bem capitalizado, ou não, ou seja, tão bem abraçado. Acho que é um bocado isso.

**E nesse novo cenário, que tu estás a propor para 2050, o que é que achas que podem ser, então, mudanças? Ou seja, como é que a população vai passar a viver, como é que Portugal vai passar a estar, o que é que gostavas que fossem assim as principais mudanças?**

Eu acho que, sei lá, acho que demograficamente pode acontecer essa mudança necessária, tipo, do litoral para o interior e isso vir a revolucionar um bocado a forma como o interior é vivido, porque hoje em dia é um bocado esquecido, mas acho que cada vez mais este movimento, também das pessoas saírem mais das cidades, porque está incomportável viver, portanto vão viver mais para longe, e daí, se calhar, o meu desejo inicial de 2050, as pessoas vão viver mais para as zonas rurais e eu acho que isso, espero que seja uma forma também de dinamizar mais essas zonas, de trazer mais interesse a essas zonas, de trazer mais financiamento a essas zonas, mais desenvolvimento profissional, cultural, etc. Portanto, acho que esse movimento pode acontecer por necessidade, ou seja, por estas necessidades, tipo, a costa vai começar a ser mais difícil de viver ou se calhar mais insegura, ou não sei o quê, então as pessoas vão começar a viver mais no interior, por outro lado, a crise habitacional faz com que as pessoas também se espalhem mais pelo país, também há mais condições de tecnologia para as pessoas trabalharem remotamente de qualquer ponto do país, etc. Portanto, há aqui uma série de movimentos que, na sua origem, não são propriamente positivos, mas acho que a consequência desse movimento pode ser uma coisa boa. Como é que as pessoas se comportam nesse contexto? Espero que haja mais esta coisa de troca, tipo, entre as pessoas, quase tipo, back to roots, tipo, se eu vou viver para uma aldeia, se calhar, eu vou fazer questão de me relacionar com as pessoas que já lá vivem antes, ou saber a história da aldeia, ou ver mais ou menos, tipo, de confraternização entre pessoas que é uma coisa mais difícil de acontecer no meio maior, como nas cidades. Portanto, é isso, espero que também, que com esse movimento também venha... Ou seja, que não se perca a coisa de se contarem histórias e da oralidade, não é? Tipo, e de as pessoas estarem juntas para partilharem uma refeição, que é uma coisa bastante portuguesa e social. Portanto, acho que continuando nesta visão otimista desse futuro. Espero que esse movimento também traga um bocado dessa aprendizagem sobre o passado e como é que podemos continuar a crescer uns com os outros.

**Viver mais em comunidade, não é?**

Exato.

**E achas que a vida vai ser diferente entre homens e mulheres? Tipo, como é que achas que vai estar igualdades de género nessa altura? Como é que achas que, enfim...**

Os números não são muito otimistas, não é? Tipo, quando se fala da cena do gender gap de pagamento a homens e mulheres, o que se diz é que vai demorar mais de 100 anos até que esse gap deixe de existir. Portanto, em 2050, espero que já só falem, efetivamente, 50 anos, ou seja, que este número não vá aumentando ao longo do tempo e que antes, pelo contrário, vá diminuindo. Mas, não sei, se há cinco anos, talvez estaria mais otimista em relação a esse assunto, hoje em dia estou mais pessimista. Eu acho que as notícias de que os jovens masculinos são cada vez mais conservadores. Os movimentos de extrema direita, etc. Fazem-me ter um bocadinho de medo desse cenário. Acho que está muito claro na minha cabeça que direitos adquiridos não são permanentes. Acho que essa luta tem que acontecer sempre, infelizmente. Mas, hoje em dia, eu sinto que ainda é mais importante... estão a surgir demasiados movimentos contra isso. É meio absurdo, mas, haver ainda tanta gente que nem percebe bem o que significa feminismo, esta coisa da luta de poderes, não tem nada a ver com a luta de poderes, tem a ver exatamente com esta capacidade de igual e de direitos iguais, etc. E pronto, ou seja, é um bocadinho essa dualidade, que é, por um lado, eu sinto que as mulheres estão mais fortes e conscientes nesse sentido, mas, por outro lado, mantemo-nos a viver numa sociedade altamente machista e altamente masculina. E eu acho que isso é outro dos pontos em que está a criar ainda mais diferença e mais cisão entre estes dois grupos, em vez de estarmos a evoluir por uma coisa mais equilibrada. Por isso, não sei, não sei o que é que vai acontecer, tenho um pouco de receio. Mais uma vez eu acho que tem a ver com essa educação, tipo, como é que vamos educar os miúdos de hoje em dia, para entender que isso não é uma questão, tipo, que esta coisa do sexo forte e do sexo fraco, e as mulheres servem para procriar e para estar em casa e etc. que é um discurso, que é surreal como é que hoje em dia é tão presente. E eu acho que só lá vamos com educação, é difícil, mas eu acho que é a única forma.

**Pois o nós querermos voltar às comunidades, esse back to roots, não deve ser às desigualdades, mas parece que o movimento está a ser um bocado geral, não é?**

Sim, pronto, é isso. Ou olha-se para isso como uma coisa positiva, porque até tens isso, imagina. Às vezes apanho aquelas entrevistas, tipo d'A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria, tipo, as entrevistas às velhotas que contam como é que tinham filhos no meio dos campos agrícolas, tipo, sem condições nenhuma, mas... E não é aí que está a discriminação, não é aí que está o não ver o valor, não é aí que está o discurso de cisão, porque não é nos velhotes, tipo, esta coisa de que os velhos são todos, tipo, uns conservadores, e que não... Assusta-me mais as pessoas mais novas, que se calhar não vão ouvir, não vão ouvir estas histórias e não vão entender o que é que já foi. É muito fácil dizer, tipo, ah, não, no tempo da outra senhora que era, não. Não, vão falar com as pessoas que passaram por isso, e que acabamos de ter outra vida da história, não é? Por isso é que eu acho que essa coisa da oralidade, do confronto de ideias e do debate, e não sei o quê, mesmo intergeracional, é mesmo muito importante.

**E indo agora, se calhar para um exemplo mais específico e pensando no teu cenário, se calhar melhor, em que vamos ter uma sociedade, então, que vive mais em comunidade, se calhar vai estar segura no teu jardim, esperemos que, se calhar, exista essa maior igualdade, enfim, pensando nesse cenário mais positivo, como é que te escreverias o que tu gostavas que fosse o teu dia? Tipo, um dia teu, no futuro, em 2050, tipo... Sei lá, como é que gostavas de trabalhar ou não trabalhar? Que serviço é que achas que vais precisar ou usar? O que achas que vais comer? Tipo, coisas mais... práticas.**

Portanto, eu, em 2050, tenho... 65 anos, mais ou menos. 65 anos. Espero estar quase a poder reformar-me. E espero que a minha reforma, o que quer que isso seja, não sei o que vai ser reformas em 2050. Não sei se vamos ter direito a reformas. Não sei o que será o estado social nessa altura. Mas pensando nesse cenário mais positivo, em que esse que é... em que tenho alguma qualidade de vida, em que tenho saúde, em que estou capaz de viajar, de fazer coisas, etc. Espero que o meu dia... Tenho um bocado desse equilíbrio, imagina, se eu pensar nesse cenário em que estou numa casa no meio do campo, tenho a certeza que vou ter o que quer que seja que exista parecido com o internet hoje em dia. Ou seja, vai haver tecnologia que me liga a outras pessoas no mundo. Portanto, talvez ainda... Ou seja, imagino que parte do meu dia seja um bocado nessa ligação, não sei se ainda a trabalhar ou não, mas depois também ter essa capacidade, ou essa possibilidade de estar no jardim e estar com animais ou com plantas, ou com seres não tecnológicos à minha volta. Pronto, e nessa altura a minha filha terá 25 anos, 26, 27, quase. Não sei onde é que ela estará. Espero que não esteja na minha casa. É um bom sinal, se ela não estiver na minha casa. Mas é isso, eu acho que continuo sempre a imaginar este equilíbrio entre o analógico e o digital. Tipo, espero que... ainda exista um mundo analógico importante de explorar. Ainda haja livros de papel, que dê para ler, que dê para... só fazer coisas que não impliquem estarmos ligados a maquininhas e a ecrans e essas coisas.

**Bom, tu já falaste de alguns, mas se tivesse que, se calhar quase por bullet, os valores que achas que devemos que cultivar para ter essa sociedade fantástica, eu até me estou a identificar, de alguma forma, que valores seriam esses? Podes repetir.**

Pois sim, acho que vou repetir. Mas sim, mas... igualdade, sim. Este... o respeito pela natureza e o respeito pelas pessoas, tipo, pelas diferentes gerações, etc. acho que é importante. O aprendermos com a história sem sermos... demasiado agarrados à história, ou seja, conseguirmos inovar e sermos transformadores e etc., mas... conhecendo os erros do passado e sem que isso nos... nos... cinja a agir de forma diferente. Mais coisas... A liberdade, eu acho que, sobretudo, acho que é o mais importante. Liberdade de pensar o que quisermos, de sermos o que quisermos, de vivermos onde quisermos, de estarmos com quem quisermos, portanto, liberdade. Espero que se mantenha durante mais do que 25 anos.

**Se tivesses que dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje, qual é que era? E aqui, podes falar, enfim, podes falar até para empresas, organizações, mas também para o governo, ou seja, qual era o conselho?**

A primeira coisa que me vem à cabeça é "acorda para a vida". Abre os olhinhos. É um bocado esta coisa de... É preciso agir. Tipo, é mesmo preciso agir. Acho que precisamos mesmo de... É aquela coisa da indignação que eu falava, eu acho que é isso. Tipo, é preciso pôr as mãos na massa e avançar com ações concretas e decisões concretas. Eu acho que está toda a gente muito cansada e a viver a consequência de grandes discursos e grandes pessoas com grande poder de oratória, mas que é um discurso vazio. Tipo, é um discurso populista. É um discurso, que na prática, tipo, em ações concretas que afetam a vida das pessoas, que impactam a vida das pessoas. Acho que há poucas e as que existem normalmente não são para as pessoas. Tipo, são para determinadas pessoas ou são para determinadas camadas da sociedade. Então, eu acho que é um bocado isso que é... Já temos tantos exemplos, tipo, em todo o lado, no mundo atual, passado, etc. Coisas que funcionam

que podem, efetivamente ter impacto porque é que continuamos a achar que temos que fazer só de uma determinada maneira ou que pronto, ou que é melhor só estarmos aqui e não levantar ondas que é para não haver problemas. Acho que é mesmo, tipo, ousar ser, tentar fazer um bocadinho diferente, experimentar e ver o que acontece, tipo, falar com as pessoas, perceber, na realidade, do dia a dia, de todas as pessoas o impacto que isso tem. É um bocadinho isso, vão falar com pessoas reais, saiam dos vossos gabinetes e vão falar com as pessoas.

**Estamos mesmo a terminar. O que deixa então mais preocupada? Se tivesses que dizer a coisa que te deixa mais preocupada, para o futuro.**

A coisa. Acho que a coisa que me deixa mais preocupada é quemundo é que estamos a criar para a geração da minha filha. Eu acho que isso é a coisa que mais me preocupa. Estes valores todos que eu disse, que ela tenha que lutar por isso e que não sejam dados adquiridos. Que ela ainda tenha que estar aqui a batalhar e a partir paredes e ver se é possível ou se não é possível, tipo, é isso. Não ser óbvio que sim, é um país livre e que é um país com recursos e que ela tem essas possibilidades e que ela tem essa capacidade. Isso acho que é, assim, a principal coisa que me assusta.

E o que é que te deixa mais entusiasmada?

O que é que me deixa mais entusiasmada... É difícil. É meio contra-senso, mas, por outro lado, também é a infinitude de oportunidades que temos em educar esta geração. Quando vou à escola da minha filha, não sei quê, estou com os outros miúdos, de repente tenho esse... Está aqui, são um diamante bruto, não é? Podemos fazer tudo com eles, eles têm, tipo, um mundo todo para aprender. Isso também entusiasmo, educar alguém de raiz é, pronto, é muita, muita, muita responsabilidade, mas, ao mesmo tempo, também é um mundo incrível de possibilidades.

## 12 — Mariana Barbosa

### Jornalista

1 de agosto de 2025

**Megatendências associadas:** 08. um mundo multipolar, 09. novos desafios à democracia

**Jornal:** *“Lisboa inaugura micro-bairros inclusivos que conectam universitários e seniores”*

**Qual é que era a sua profissão de sonho quando era criança?**

Eram várias, não me lembro só de uma, mas eu tenho gostado de ser bailarina, professora, e acho que mais tarde quis ser jornalista, que foi o que eu estudei.

**E quando pensa no futuro, mais concretamente em 2050, qual é a primeira imagem, som, lugar ou sentimento que lhe vem à cabeça?**

Não sei, algo... um cenário muito tecnológico, com muito movimento, muito ruído. É isso que eu imagino em 2050.

**Ok. E quando é que foi a última vez que sentiu que o mundo estava a mudar um bocadinho depressa de mais?**

Hoje.

**Porquê? Porquê hoje, o que é que aconteceu?**

Acho que todos os dias eu sinto isso, sinto que o tempo passa depressa demais e sinto que o mundo está sempre em transformação. E nós também, não é? Eu acho que nós tendemos a achar que conseguimos estar na mesma durante muito tempo. Há uma tendência para até apagar os sinais de envolvimento... ainda ontem falava com uma amiga, porque as pessoas estão a ficar todas iguais por causa dos fillers e das operações. Toda a gente quer ser um ideal de alguma coisa e tende a não assumir, a não aceitar que nós estamos em constante movimento, em constante transformação, não é? E que essas destas revoluções interiores podem acontecer num instante, não é? Podem acontecer de um minuto para o outro, porque há coisas que mudam a nossa vida, que nos acontecem e nos transformam profundamente. Ou podem acontecer muito lentamente, que nós nem damos por ela. Eu acho que acontece muito isso, sobretudo neste último caso. Nós tendemos a achar que estamos sempre iguais, mas estamos sempre diferentes.

**E houve alguma mudança recente no mundo que pode ter sido tecnológica, social, ambiental, que a tenha feito pensar que o mundo vai mesmo mudar?**

Eu acho que as grandes... essa sensação de que o mundo vai mudar acontece sobretudo para mim... acho que acontece mais na observação das pequenas coisas e dos meus sobrinhos, sobretudo. Eu percebo que a educação deles e o crescimento deles está a ser feito numa base muito diferente daquela que eu conhecia para mim. Nós, em termos de geração, mudámos, nós estamos a falar de uma geração para outra, não é de tios para sobrinhos, portanto, de uma geração para outra mudou radicalmente a maneira como as crianças são educadas, como as crianças aprendem, como a exposição que as crianças têm ao mundo, e numa ótica mais protetora, mais de bolha e mais de contacto pouco filtrado com aquilo que acontece, eu acho, através da tecnologia. E, sei lá, e depois, claro, as mudanças que têm acontecido no mundo, as guerras a que temos assistido nos últimos anos, a pandemia que foi tão profundamente transformadora para todos nós e com efeitos que nós ainda nem conseguimos perceber, esta transformação política de uma viragem à direita no mundo inteiro, não é? Que tem acontecido, periodicamente, primeiro em países norte da Europa, depois América Latina e agora centro da Europa e sul da Europa, não é? Aconteceu em Portugal, nas últimas eleições. Portanto, tudo isto, e depois, claro,

a forma como a tecnologia é tão transformadora na nossa vida, que se torna quase uma coisa que leva à sensação de que nós somos um bocadinho da tecnologia, o nosso telefone é uma extensão daquilo que nós somos, a maneira como nós nos projetamos no mundo, tem sempre, está sempre com filtros, está sempre pensada para chegar aos outros através de tecnologia, eu acho que a tecnologia é uma coisa que, sei lá, eu lembro-me que era um bocadinho avessa... eu tenho 40 anos, fiz 40 anos este ano, está a ser um ano super marcante para mim e de grande impacto, mas eu lembro-me quando era miúda, antes do secundário, até no ensino básico ainda, eu era muita avessa à tecnologia, eu lembro-me de até muito tarde escrever os trabalhos à mão, não querer usar o computador, e de repente acho que as coisas foram-se tornando tão naturais, foram-se normalizando tanto, que eu agora, quando escrevo à mão, não percebo a minha letra, porque já não tenho a prática de escrever à mão, tenho muito pouca, na pandemia escrevia, fazia journaling, mas depois deixei de escrever, e é uma coisa que eu gosto muito de fazer, aliás tenho uma tatuagem a dizer escrever, porque, pronto, é isso que eu faço da vida, mas a título pessoal tenho escrito muito pouco, e eu sinto que nessas pequenas rotinas que eu tinha, a tecnologia tem sido muito, muito transformadora, e a identificação dos objetos agora nas novas gerações, outra vez os meus sobrinhos, no outro dia o meu sobrinho estava aqui em casa e não sabia o que era uma máquina de escrever, porque tenho aqui uma que era do meu avô, e ele não sabia e teve a testar e gostou de estar a experimentar e a carregar nas teclas que afundam imenso e fazem um barulho, e ativam um mecanismo, que é um mecanismo de escrita num papel, que salta uma coisa e escreve no papel. Portanto, acho que nestas pequenas coisas, que são grandes coisas, eu sinto o transformar do mundo, e sinto que o mundo está numa revolução tremenda, acho que é um ótimo momento para estarmos vivos, e por outro lado, um momento tão desafiante para estarmos vivos, porque é difícil separar o que é verdade e o que não é verdade, o que é verdade para nós, pode não ser verdade para os outros, e pronto, acho que é muito desafiante, porque temos fundamentalmente de desenvolver o nosso sentido crítico, e isso é muito difícil quando nós estamos sujeitos, e quando o nosso cérebro está sujeito a tantos estímulos que nem está habituado, não sabe gerir, não é?.

**Agora, com base no relatório que a Planapp desenvolveu, em que identificou 9 megatendências para 2050, nós imaginámos o que é que diria um jornal em 2050.**

(...)

**O que achou desta notícia? O que sentiu?**

Então, acho que há modelos que já existem mais ou menos em micro, como o acompanhamentos jovens, há um projeto que se chama Coração Amarelo, acho que é, em que jovens vão visitar pessoas mais velhas, não é? Eu provavelmente vou me incluir neste grupo daqui a 25 anos, eu já tenho 75, já sou idosa. Não sei se vou estar em Lisboa a viver daqui a 25 anos, porque não antecipo que Lisboa seja uma cidade para eu viver quando tiver 60 a 70 anos, primeiro por causa dos preços das casas, depois porque a cidade, neste momento, não está pensada para as pessoas mais velhas, acho que há muitas dificuldades, eu vejo quando uso transportes públicos, quando frequento a rua, há muitos desafios, não só de pessoas mais velhas, mas de pessoas que têm bebés ou de pessoas com mobilidade reduzida, há muitas questões relacionadas com a vivência da cidade que eu acho que não acautelam uma boa qualidade de vida para pessoas que têm mais dificuldades em mover-se, ou que têm mais dificuldades em orientar-se, ou que, ou seja, acho que a cidade não está hoje... está hoje desenhada para pessoas como eu, que têm uma vida superativa, que vão a muitos sítios, que conhecem muitas pessoas, mas acho que não está preparada, e não antecipo isso daqui a 25 anos, porque acho que 25 anos é muito pouco, para fazer uma mudança tão profunda.

**Quer saber se acha provável que isto vá acontecer, que haverá uma aceitação dos jovens desta iniciativa?**

Então, há aqui uma questão que eu acho importante, que é com a digitalização de tudo, eu acho que o movimento que vai acontecer será inverso, será que os jovens deixarão de vir para as grandes cidades estudar e vai haver uma deslocalização por causa da transformação do estudo, não será preciso... não é preciso eu ir para Harvard para estudar em Harvard e para ter um diploma de Harvard. Portanto, se já está a acontecer, está a acontecer com as universidades internacionais, e, portanto, acho que tendencialmente, sobretudo pela questão do preço e sobretudo pela questão habitacional, acho que tendencialmente vai haver pessoas que não virão para as grandes cidades, a não ser que tenham essa necessidade de trabalho, mas eu acho que daqui a 25 anos também não termos essa necessidade de trabalho, porque na verdade vamos conseguir muitos de nós estar a trabalhar remotamente de onde quisermos. Portanto, eu acho que acontecerá mais esse movimento oposto, mais esse movimento oposto do que propriamente juntar jovens e idosos na mesma cidade, nos mesmos

bairros. Agora, seria ótimo se isso acontecesse, seria ótimo que... acho que seria um mundo onde a empatia seria maior e onde a vida nas cidades seria mais agradável e onde podíamos contar com uma rede de apoio que não fosse só os nossos familiares mais próximos ou as pessoas que já nos conhecem, mas com uma rede que seria mais comunitária, que são movimentos que têm acontecido em situações pontuais, como a Covid, mas que eu acho que só sob grande pressão é que acontecem. Eu acho que fiz um bolo para o meu seu vizinho durante o Covid, porque fiz um bolo para mim e ele também não podia sair de casa, não é? Ou seja, acho que tendencialmente esses movimentos serão muito mais de fuga das cidades, que é o que já está a acontecer neste momento. Há pessoas que estão a fugir, ou porque não querem viver mais aqui, aqui em Lisboa, ou porque não podem viver mais aqui. E, portanto, acho que esse será tendencialmente, acho que nós procuramos cada vez mais uma melhor qualidade de vida, um melhor equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal e acho que isso não se coaduna com a forma como as cidades têm sido construídas em Portugal, não estou só a falar de Lisboa, estou a falar de naturalmente outras cidades grandes.

### **Quais é que prevê serem os maiores desafios que o país enfrentará?**

Daqui a 25 anos?

**Sim.**

O envelhecimento populacional, acho que é um enorme desafio que além de pôr em causa a sustentabilidade da segurança social e as nossas reformas, põe em causa muito mais do que isso, põe em causa a continuidade da espécie, põe em causa a renovação de trabalhos como médicos, professores, e outro tipo de profissões que estão associadas a uma fase mais preliminar da formação, da educação e da formação das pessoas enquanto cidadãos. Acho que esse é um enorme desafio. Acho que é o maior desafio, na verdade. Claro que há outros desafios. A questão da literacia digital, é muito importante, da literacia financeira, é muito importante. As questões ligadas a minorias e à gestão e ao controlo de pessoas que se mudam para cá e que não têm registro e das quais nós não sabemos da existência. Portanto, se desaparecem é indiferente, não é? As questões ligadas à migração, as questões de ligadas a racismo, acho que são questões muito, muito importantes. Mas eu acho que daqui a 25 anos, aquilo que nos vai definir mais enquanto país e enquanto cidade, será essa ausência de população jovem. Acho que vão nascer muito poucos bebés. E isso tem a ver, claro, com uma transformação de vida, mas tem a ver muito com condições que não são dadas hoje em dia às pessoas para poderem planear ter uma família. E pronto, acho que esse será o grande desafio.

### **E a nível de oportunidades, quais é que prevê?**

A nível de oportunidades. Isto é um exercício futurista hardcore. A nível de oportunidades, eu acho que ao contrário da forma como nós temos visto o mundo evoluir, eu acho que nós deveríamos pensar em evoluir de uma forma mais aberta, de abertura e não de fechamento. E nesse contexto, eu tenho muita esperança e acredito que ao maior nível de oportunidades, as oportunidades serão criadas, desde que nós estejamos preparados para ser mais abertos ao mundo e àquilo que nos aparece, a todos nós. E como prática comum, termos essa abertura. Acho que Lisboa e Portugal estão muito bem colocados geograficamente para continuar a ser um hub de talento. Temos, historicamente, algumas das melhores universidades do mundo. Temos pessoas muito válidas e que estudam nessas universidades e que até estão a trabalhar para fora. Temos um país com sol. A questão climática também é importante, agora que me estou a lembrar do sol. A questão climática é muito importante também. Acho que já vemos essas transformações no dia a dia, com estas ondas de calor que estamos a viver agora. E acho que é um grande desafio que vamos ter não só de antecipar, que eu acho que já não sei se vamos a tempo para isso, mas que vamos ter de viver, de vivenciar e de conseguir adaptar-nos a essas condições mais adversas. Isso tem a ver depois com a qualidade das casas, com a qualidade da alimentação, com a saúde, que são questões de saúde pública também, e que temos de pensar que vão acontecer, porque já estão a acontecer. Mas pronto, em relação a oportunidades, eu acho que tendencialmente, com as questões ligadas à tecnologia, cada vez vai haver mais oportunidades, de nós conseguirmos trabalhar para o outro lado do mundo, de conseguirmos comunicar-nos com pessoas de todo o mundo, conseguirmos ter acesso a oportunidades mais do que tínhamos há 10 anos, ou há 50 anos.

### **E a nível do comportamento da população, nesta nova realidade, quais é que achas que vão ser as principais mudanças?**

Eu não estou muito otimista. Não sei. Tenho visto ultimamente coisas que me chocam muito, de grande egoísmo, de grande individualismo. Acho que as pessoas estão hoje em dia já, e acho que vamos continuar a crescer assim, muito preocupadas consigo mesmas e pouco preocupadas com o outro, a olhar pouco para a

pessoa que está ao nosso lado. E que às vezes é uma realidade que nós achamos que está muito distante e que está mesmo debaixo do nosso apartamento. Acho que isso é um dos grandes problemas que vamos ter de enfrentar nos próximos anos, é esta questão de nós sermos cada vez mais, ou de nos julgarmos cada vez mais autossuficientes. De termos tudo a distância de um clique, não é? Sobretudo nas grandes cidades. Nós precisamos de comida mandamos vir, nós precisamos de transporte mandamos vir, nós precisamos de um livro mandamos vir, nós precisamos de computador mandamos vir. Desde que não haja um problema, e claro que vivemos em bolhas, e na minha bolha é assim, e se calhar numa bolha aqui ao lado não é tanto assim. Mas sinto que vivemos muito numa era de aquilo que queremos é aquilo que temos, procuramos ter e é muito rápido, é uma coisa muito instantânea, e que as relações mais profundas estão a ser muito pouco nutridas ultimamente. Estamos também tão ocupados com pressão, com o dia a dia, com pressa, com o tempo que voa, que não nos detemos, nem paramos para olhar para aquilo que somos, e só para aquilo que temos. Não sei, acho que será isso, acho que estamos a caminhar para aí.

### **E a nível de igualdade de género entre homens e mulheres, como é que prevê que vá ser a nossa vida?**

Olha, eu tenho tido, eu sou uma feminista acérrima e venho numa família matriarcal, somos muitas mulheres, e eu sempre tive, de há muitos anos para cá, sempre tive esta ideia, e nas redações, eu fui jornalista durante muitos anos, e nas redações, havia essa questão ligada à liderança, que era muito óbvia, de que as mulheres eram a maior parte da massa assalariada no jornalismo, mas depois quem decidia eram os homens, e são os homens ainda, há muito poucas mulheres, eu acho que em Portugal atualmente há duas mulheres a dirigir meios de comunicação social, de resto são tudo homens, tanto nas equipas de liderança, as mulheres estão a partir da edição, não estão como editoras executivas, não estão como diretoras, não estão como subdiretores. E então envolvi-me num movimento que se chamava Chicas Poderosas, que era de empoderamento feminino, com base na tecnologia, e portanto desde há muitos anos que eu venho assistindo e participando em fóruns de discussão, e de debates, moderação de debates, até em apresentações públicas ligadas a esta área. Eu acho que as coisas ultimamente têm piorado bastante, acho que a progressão que foi feita nos últimos 15 anos tem sido destruída nos últimos meses, acho que a nível mundial não estamos só a falar de Portugal, e acho que nos vai exigir uma luta enorme, sermos tidas e olhadas como iguais, acho que isso é trabalho nosso e é trabalho dos homens, naturalmente, mas a igualdade de género é uma questão que está ainda muito embrionária e que vai demorar muitos anos a resolver, se é que se vai resolver, porque isto tem de haver vontade política, tem de haver vontade da sociedade, tem de haver vontade de cada um individualmente, e eu sinto que há muitos negócios alavancados nisto, há muitas ideologias políticas alavancadas nisto, alavancadas nisto, no contrário a isto, e, portanto, as empresas estão montadas para não colmatar estas falhas, nós temos, naturalmente, uma lei que, prevê que as empresas cotadas devem ter um terço da equipa diretiva deve ser mulher, mas é um terço, nós não estamos a falar de metade, e, portanto, acho que ainda vai demorar muito tempo e acho que nos vai exigir muito suor e lágrimas, mas porque... não são, porque para nós pode ser... para mim é óbvio, mas para a maioria das pessoas à minha volta não é óbvio, e acho que não sei, acho que daqui a 25 anos não vamos estar num lugar muito diferente daquele em que estamos hoje, honestamente.

**Pois... é verdade.**

Que horror, sou super pessimista.

**Mas é verdade, é verdade.**

Eu costumo ser otimista, mas é que ultimamente eu vejo-me muito realista.

### **É. Não têm sido tempos fáceis para a igualdade género. Para nada, na realidade, não é?**

Todos os dias saem notícias sobre menos direitos, sobre menos acesso, sobre menos, é surreal. Esta questão da amamentação e destas notícias dos últimos dias, isto é... Isto é assustador, não sei o que é que se passa. Eu acho que isto também tem a ver com um enviesamento de notícias, não é? Os jornalistas têm de pegar nas coisas que vão dar mais... Mas de qualquer maneira, são retrocessos atrás de retrocessos diariamente. Isto também me dá a sensação que o mundo está a mudar, entendes?

**Sim, sim, sim.**

Está a mudar para pior, não era esta a mudança que eu queria ver.

**Sim, estava bom, não era preciso mexer.**

Não estava bom, mas... Tenho andado muito preocupada com isto, ultimamente sim.

**Pronto, se calhar pegando um bocadinho nisso, como é que imagina a sua versão futura dentro desta visão do futuro, que temos estado a falar até agora?**

Sim, olha, pegando naquilo que disse há bocado, eu acho que... eu imagino-me e minha versão futura... Tenho uma empresa, abri uma empresa há dois anos. E acho que foi uma decisão bem tomada e uma decisão a pensar nos meus próximos anos de trabalho, não é? Que devem ser mais ou menos 25, 30 anos, 30 anos mais a trabalhar, que horror, até aos 70 mais ou menos. E eu criei a empresa com uma base remota, portanto eu não preciso estar em um lado nenhum, posso estar em todo o lado, graças à internet, não é? E portanto é nisso, é nessa flexibilidade que acenta o meu propósito de vida, acho eu. E portanto eu imagino-me daqui a 25 anos eu acho que me imagino fora de Lisboa eu gosto muito de Lisboa, mas eu acho que viver em Lisboa já é um capricho meu, porque eu poderia estar a viver em outro sítio qualquer. E portanto eu gosto muito de viver na cidade e gosto muito de estar perto das coisas que estão a acontecer, mas de facto eu não preciso de estar perto, eu só gosto de estar perto. E então pronto, entre o necessário e o o aprasível, não é? Se calhar torna-se mais aprasível eu ir viver para perto da praia ou para, não sei, a vida idílica que eu sonho é andar a viajar e andar a conhecer o mundo. Mas daqui a 25 anos vejo-me naturalmente mais velha, fisicamente, mais sábia, e espero que com a mesma energia que tenho hoje porque tenho uma energia anímica alta e sou muito entusiasta das coisas, das novidades de pensamentos diferentes do meu e gosto de discutir sobre temas que me entusiasmam e acho que nós temos a sorte de ter nascido num país como Portugal que é um país que não tem guerra, que não tem males maiores, no sentido de... acho que temos recursos para produzir para nós acho que temos talento que nos pode levar mais longe e imagino-me assim numa vida mais tranquila menos acelerada escolher aquilo que eu quero fazer a fazer cada vez menos aquilo que eu não quero fazer e a fazer cada vez mais aquilo que eu gosto de fazer e sei lá, a observar o mundo e escrever sobre ele, acho eu.

**E agora pensando no nível mais utópico vá, se calhar, em 2050 em que sociedade é que gostaria de viver, que valores é que nós devíamos cultivar até lá? Como é que seria?**

Eu gostava que daqui a 25 anos vivêssemos num mundo onde a presença fosse valorizada, onde o respeito mútuo pelo outro e o olhar pelo outro um olhar mais cuidador e mais atento pelo outro fosse óbvio em todas as relações que não fosse preciso às vezes alguém nos chamar a atenção para a maneira violenta como nós falamos ou para a maneira violenta como nos comportamos no trânsito que não fosse preciso apitar no trânsito, que as pessoas fossem mais autoresponsáveis e que olhassem para si como iguais ao outro no sentido de não serem nem mais nem menos onde fosse igual o acesso a oportunidades e à educação, sobretudo a educação acho que é a base de tudo e acho que todas as crianças no país deviam ter acesso igual a bons professores, a boas escolas, a poderem aprender ao seu ritmo, e que fossem ensinadas a conviver e a interagir o mundo que está obviamente em transformação e para o qual é precisa muita flexibilidade mental para poder acautelar as coisas.

**E se pudesse dar um conselho a quem está a tomar decisões hoje e estamos a falar pode ser de empresas, governo, organizações, qual é que seria?**

Olha à tua volta, com atenção. É aquela fase do Saramago - se puderes ver repara.

**E agora para fechar já tenho só mais 3 perguntas qual é a coisa que mais a preocupa nesta sua versão de 2050? Se pudesse só dizer uma coisa.**

Sei lá, acho que a guerra, estes conflitos mundiais, os egos, as pilas, preocupam-me.

**E o que é que a deixa mais entusiasmada?**

Que eu ainda não sei o que é que vai acontecer e espero que seja bom.

**E voltando um bocadinho a primeira pergunta que coloquei se tivesse de escrever o futuro numa imagem depois da nossa conversa como é que essa imagem seria?**

Sei lá, um futuro ameno, clima ameno, árvores e pessoas a conviver no mesmo espaço, com natureza e com... e com calma, com tempo.



REPÚBLICA  
PORTUGUESA



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU



REPLAN

Rede de Serviços de Planeamento  
e Prospetiva da Administração Pública

# PORTUGAL 2050

cenários e visão

